

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Graciele Andrea da Silva Antunes

A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SEBOS DE PORTO ALEGRE

Porto Alegre

2010

Graciele Andrea da Silva Antunes

A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SEBOS DE PORTO ALEGRE

Monografia de Conclusão de Curso apresentada como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Me. Martha Eddy K. Kling Bonotto

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Neto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-Diretora: Profa. Dra. Regina Helena Van der Laan

Departamento de Ciência da Informação

Chefe: Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe Substituto: Profa. Dra. Helen Beatriz Frota Rozados

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A636b Antunes, Graciele Andrea da Silva

A organização da informação em sebos de Porto Alegre /
Graciele Andrea da Silva Antunes; orientadora: Martha Eddy
K. Kling Bonotto – Porto Alegre: [S. n.], 2010.

69 f.

Orientadora: Martha Eddy K. Kling Bonotto.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, 2010.

1. Organização da Informação 2. Sebos – Porto Alegre I.
Bonotto, Martha Eddy K. Kling Bonotto II. Título

CDU 025:655.425

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, n. 2705 – Bairro Santana

CEP 90035-007 – Porto Alegre – RS

Fone: (51) 3308-5067 Fax: (51) 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

Graciele Andrea da Silva Antunes

A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SEBOS DE PORTO ALEGRE

Monografia de conclusão de curso apresentada como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada pela Banca Examinadora em _____, de _____ de 2010.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Me. Martha Eddy K. Kling Bonotto – UFRGS

Prof^a Me. Glória Isabel Sattamini Ferreira – UFRGS

Esp. Maria Lúcia Ricardo Souto

AGRADECIMENTOS

A todos que me apoiaram, meu sincero agradecimento. Em especial a:

Meus pais, Antônio e Liege, pelo amor, carinho e apoio incondicional que sempre me dedicaram. Obrigada pela força em mais essa luta!

Meu “namorado”, Luis Fernando Ortaça, pelo fundamental apoio em meus estudos e por todo seu companheirismo e amor.

Minha querida professora orientadora, Martha Bonotto, que em todos os momentos se mostrou empolgada em dividir seus conhecimentos, além de me contagiar com sua alegria e eletricidade.

A todos os colegas e amigos que fiz durante a faculdade, em especial a Sabrina Menezes, Tamini Nicoletti e Luízia Alves, grandes parceiras em muitos trabalhos e companheiras de muitas risadas.

A todas bibliotecárias que tive o prazer de conviver e aprender algo. Em especial, à Magali Godoy, que além de ter me ensinado muito da vida profissional, me deu segurança e carinho próprios de uma mãe. E à Sachi Makino, por ser tão companheira e divertida, profissional nota 10 e amiga pra vida inteira!

Aos sebistas que consentiram com a realização desta pesquisa e mostraram-me um pouco do mundo dos sebos em Porto Alegre.

Finalmente, agradeço aos professores da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por ter oportunizado tão importante experiência em minha vida, proporcionando-me estrutura completa para o desenvolvimento de meus estudos.

“A inenarrável promiscuidade dos sebos! Dante em contubérnio com o relatório do ministro da Fazenda, os eleatas junto do almanaque de palavras cruzadas, Tolstói e Cornélio Pires, Mandrake e Sórora Juana Inés de la Cruz... Nenhum deles reclama. A paz é absoluta. O sebo é a verdadeira democracia, para não dizer: uma igreja de todos os santos, inclusive os demônios, confraternizados e humildes. Saio deles com um pacote de novidades velhas, e a sensação de que visitei, não um cemitério de papel, mas o território livre do espírito, contra o qual não prevalecerá nenhuma forma de opressão.”

Carlos Drummond de Andrade (2004)

RESUMO

Os sebos, estabelecimentos que comercializam livros usados, utilizam formas de organização em seus acervos. A presente monografia tem como objetivo principal analisar as formas de organização da informação utilizadas pelos sebos em Porto Alegre. O referencial teórico deste estudo define o sebo como um comércio de livros usados e aborda as redes de comércio virtual de sebos. Com ênfase na Estante Virtual, portal iniciado no ano de 2005, que reúne 1.800 sebos e livreiros. Apresenta a história do comércio de livros no mundo, desde a Roma e Grécia Antiga até a Idade Moderna, época em que o comércio se desenvolve de maneira regionalizada. Seguido da história do livro no Brasil, com início no período colonial, com livrarias pobres até o período atual, de grandes megastores. Define informação como um dado dotado de relevância e propósito ao seu receptor e conhecimento como internalização de informações. Explica que as expressões "Organização da Informação" e "Organização do Conhecimento" são utilizadas de forma indiscriminada e sugere que estudos terminológicos sejam realizados a fim de que se possa esclarecer se há ou não diferenças entre os conceitos. Apresenta a história das classificações bibliográficas, desde a Idade Antiga até as mais utilizadas hoje, CDD, CDU e Classificação da Biblioteca do Congresso, com suas versões *on-line*. Em relação ao procedimento metodológico, classifica o estudo como descritivo, com abordagem quanti-qualitativa, apoiado em um questionário, com questões abertas e fechadas. A amostra estudada é constituída de seis sebos e foi definida a partir de um levantamento de todos os sebos de Porto Alegre. Conclui que a forma unânime de organização utilizada pelos sebos é a organização por grandes assuntos e ordem alfabética do sobrenome do autor dentro de cada área. Considera que os "sebistas" não percebem pontos negativos em sua organização e estão satisfeitos com tal arranjo. Aponta que a maneira como os clientes mais identificam os materiais que desejam é pelo título, campo este coberto pela descrição feita no catálogo. Detecta a grande dependência dos sebistas em relação à Estante Virtual e sugere, devido ao importante papel que desempenha junto aos sebos, estudos específicos a respeito do surgimento e funcionamento deste portal.

Palavras-chave: Organização da Informação. Classificação Bibliográfica. Comércio de Livros. Sebos (Porto Alegre).

ABSTRACT

The second-hand bookstores, establishments that sell used books, use forms of organization in their collections. The present paper intends to analyze the ways of organizing information used by these second-hand bookstores in Porto Alegre. This theoretical study defines second-hand bookstores as a trade of used books and discusses the trade networks of virtual bookstores. Has emphasis on the Estante Virtual, a portal that started in 2005, bringing together 1.800 bookstores and booksellers. This paper also presents the history of book trade in the world, from the ancient Greece and Rome until the Modern Age, a time when trade develops in a regionalized way. Afterwards, there is the history of the book in Brazil, starting in the colonial period, with poor bookstores until the present, time of megastores. Information is defined as a data with relevance and purpose to its receptor and knowledge as the internalization of information. Explains that the expressions "Organization of Information" and "Knowledge Organization" are used interchangeably and suggests that terminological studies are performed so that we can clarify whether there are differences between the concepts. It presents the history of bibliographic classification, from ancient times until today with the most used as DDC, UDC and Library of Congress Classification, and their *on-line* versions. Regarding the methodology used, is a called descriptive study, and quantitative and qualitative approaches are used, supported by a mixed questionnaire, with open and closed questions. The sample consists of six second-hand bookstores and was defined based on a survey of all that exist in Porto Alegre. Unanimously concluded that the organization used by second-hand bookstores is the organization by broad subjects and alphabetical order of authors within each area. And the "sebastas" do not see bad points on their organization and are pleased with them. And the way that most customers want to identify materials is by the title, field that is foreseen by the description in the catalogs. Detects the high dependence of booksellers regarding Estante Virtual and suggests, given the important role it plays along with second-hand bookstores, specific studies about the emergence and operation of this site.

Keywords: Information Organization. Bibliographic Classification. Book Trade. Second-hand bookstores (Porto Alegre).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----------|
| Figura 1 – Árvore de Porfírio | 33 |
| Figura 2 – Classificação de Bacon | 37 |
| Figura 3 – Rato de Sebo | 45 |
| Figura 4 – Hierarquia no Comércio de Livros | 48 |
| | |
| Gráfico 1 – Existência de filiais | 80 |
| Gráfico 2 – Tempo de experiência em sebos | 82 |
| Gráfico 3 – Venda de outros materiais | 83 |
| Gráfico 4 – Atitude dos clientes | 94 |
| Gráfico 5 – Busca por assuntos específicos | 96 |
| Gráfico 6 – Busca por literatura | 97 |
| | |
| Tabela 1 – Crescimento da Estante Virtual | 49 |
| Tabela 2 – Início do Comércio de Livros no Brasil | 63 |
| Tabela 3 – Desenvolvimento do Comércio de Livros no Brasil | 65 |
| Tabela 4 – Distribuição temática dos acervos | 84 |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 1.1 | Justificativa | 13 |
| 1.2 | Objetivos | 13 |
| 1.2.1 | Objetivo Geral | 14 |
| 1.2.2 | Objetivos Específicos | 14 |
| 1.3 | Questão de pesquisa | 14 |
| | | |
| 2 | CONTEXTO | 15 |
| 2.1 | Sebo 1 | 15 |
| 2.2 | Sebo 2 | 16 |
| 2.3 | Sebo 3 | 17 |
| 2.4 | Sebo 4 | 17 |
| 2.5 | Sebo 5 | 18 |
| 2.6 | Sebo 6 | 18 |
| | | |
| 3 | INFORMAÇÃO <i>VERSUS</i> CONHECIMENTO | 20 |
| | | |
| 4 | ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO | 24 |
| | | |
| 5 | A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA HISTÓRIA | 32 |
| | | |
| 6 | OS SEBOS | 42 |
| 6.1 | O que é Sebo? | 42 |
| 6.1.1 | A “hierarquia” no comércio de livros | 47 |
| 6.1.2 | Os sebos virtuais | 48 |
| 6.2 | O Comércio de Livros no Mundo | 50 |
| 6.3 | O Comércio de Livros no Brasil | 62 |
| | | |
| 7 | METODOLOGIA | 75 |

| | | |
|------|---|-----|
| 7.1 | Tipo de Estudo | 75 |
| 7.2 | População e Amostra | 76 |
| 7.3 | Instrumento de Coleta de Dados | 76 |
| 7.4 | Pré-teste | 77 |
| 7.5 | Procedimento de Coleta de Dados | 78 |
| 7.6 | Tratamento dos Dados | 78 |
| 7.7 | Limitações do Estudo | 79 |
| | | |
| 8 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS | 80 |
| 8.1 | Expansão física do sebo | 80 |
| 8.2 | Tempo de experiência em sebos | 81 |
| 8.3 | Comercialização de outros produtos | 83 |
| 8.4 | Organização do acervo | 84 |
| 8.5 | Áreas temáticas do acervo | 86 |
| 8.6 | Pontos positivos e pontos negativos | 89 |
| 8.7 | Catálogo | 90 |
| 8.8 | Atitude dos clientes | 92 |
| 8.9 | Identificação do material | 95 |
| 8.10 | Aparência de desorganização em sebos | 97 |
| 8.11 | Comércio através da <i>web</i> | 100 |
| 8.12 | Mudanças advindas do comércio eletrônico | 100 |
| 8.13 | Atuação do bibliotecário em sebos | 103 |
| | | |
| 9 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 106 |
| | | |
| | REFERÊNCIAS | 111 |
| | | |
| | APÊNDICE A – Instrumento de Coleta de Dados | 120 |
| | APÊNDICE B – Listagem dos Sebos em Porto Alegre | 123 |

1 INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias de informação e comunicação ocasiona a disponibilização de quantidades cada vez maiores de informações, valorizando, de forma acentuada, os processos de organização e recuperação da informação. Nesse sentido, a Internet revolucionou as formas de publicação e divulgação de conteúdos, tornando esse meio um verdadeiro caos multimídia, onde todos publicam o que querem.

Apesar disso, percebe-se que os tradicionais textos em formatos físicos não perderam seu charme e seus admiradores, pois, para muitos ainda é uma grande paixão segurar um livro na mão, cheirá-lo, tocá-lo e desfrutá-lo em todos os seus aspectos. Infelizmente, os livros no Brasil, pelas mais diversas razões, são mercadorias caras, o que dificulta sua aquisição pelas camadas mais populares da população.

A grande solução, a que muitos recorrem, são os chamados sebos, livrarias que comercializam livros usados ou de segunda mão. Esses locais são considerados por muitos como sinônimos de depósitos sujos, velhos e desorganizados. Realidade um tanto estereotipada, pois atualmente cada vez mais esses estabelecimentos se modernizam, chegando inclusive a comercialização de seus estoques em meio virtual. Milhares já aderiram às redes virtuais de sebos, redes de comércio onde o cliente pesquisa virtualmente em seus catálogos, independente de sua localização geográfica, tendo a comodidade de receber suas mercadorias sem sair de casa.

Os sebos, estejam em meios físicos ou meios virtuais, como qualquer outro espaço que abrigue coleções bibliográficas, necessitam ser organizados para que possam ter seus itens recuperados. Além disso, devido à sua natureza eminentemente comercial, é necessário um *software* para controle e venda de seus produtos e, interessante, um catálogo para que os clientes possam realizar suas pesquisas de forma autônoma.

A organização e recuperação da informação são atividades desenvolvidas, prioritariamente, pelos profissionais da informação, mais especificamente, os bibliotecários. Apesar de os sebos ainda não terem sido pensados como espaços de

atuação do profissional da informação, a formação do bibliotecário o capacita a trabalhar com diversos tipos de acervos e atuar em ambientes que não sejam a biblioteca.

A intervenção de um especialista em informação é decisiva para estudar formas de organização e sugerir sistemas de recuperação da informação eficientes ou aperfeiçoar os já existentes, nos mais variados ambientes. Obviamente, as ferramentas e métodos utilizados pelos bibliotecários devem ser repensados e reformulados para se adequarem às necessidades específicas desses estabelecimentos comerciais, os sebos.

Nesse sentido, o presente estudo busca analisar as formas de organização da informação utilizadas sobre os itens dos acervos pelos sebos de Porto Alegre, abrangendo os aspectos que influenciam a escolha ou o desenvolvimento dos métodos, tais como tempo de utilização ou expansão física e virtual do comércio. Além disso, verifica como é o funcionamento dessa organização, sua receptividade pelos clientes, suas vantagens e desvantagens, entre outros.

Em relação aos procedimentos metodológicos, o estudo envolveu a aplicação de questionários, com questões abertas e fechadas, aos sujeitos da amostra, que foi definida a partir de um levantamento de todos os sebos de Porto Alegre. Após o término da aplicação, os resultados foram inseridos em um *software* para tratamento dos dados e geração de gráficos e tabelas, que serviram como base para as análises e considerações sobre os resultados obtidos.

O embasamento teórico utilizado para o desenvolvimento do estudo abrange a retrospectiva histórica do comércio de livros em nível mundial e nacional, o conceito de sebos, abrangendo os sebos virtuais, bem como o conceito de organização da informação, as necessidades e as soluções encontradas para essa organização identificadas historicamente.

1.1 Justificativa

A organização da informação é um processo que pode ser praticado de maneira cotidiana e natural pelos indivíduos através da aplicação de critérios específicos aos itens a serem organizados. Na área da Biblioteconomia, geralmente se pensa em organização da informação aplicada aos documentos de um acervo de biblioteca, e logo se associa tal conceito aos de classificação, catalogação e recuperação da informação.

Os sebos, como outros espaços que abrigam coleções de materiais, necessitam ser organizados e dispostos conforme algum tipo de característica, visando uma eficiente recuperação dos itens do acervo. A escolha de estudar como se dá a organização da informação em sebos deve-se a algumas experiências negativas da autora com a desorganização de alguns sebos em Porto Alegre. Além disso, há a curiosidade em verificar que técnicas são utilizadas nesses locais, que critérios são levados em conta quando da escolha do método mais adequado para organizar os itens do acervo, se tal método é aprimorado com o tempo de uso e se houve adaptações frente a comercialização eletrônica de livros usados.

A importância deste estudo reside na expansão do estudo da organização da informação pelos bibliotecários, no vislumbre de outras aplicações para as técnicas biblioteconômicas que não o acervo de bibliotecas.

1.2 Objetivos

Nesta seção apresentam-se os objetivos propostos para este estudo, divididos em objetivo geral e objetivos específicos.

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar as formas de organização da informação aplicadas aos itens dos acervos pelos sebos de Porto Alegre.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) identificar os critérios utilizados pelos sebos de Porto Alegre na organização dos itens de seus acervos;
- b) identificar as mudanças ocorridas a partir da expansão física/virtual da loja e/ou tempo de funcionamento sobre o método de organização;
- c) verificar se as formas mais comuns dos clientes identificarem o material que buscam são descritos nos catálogos dos sebos.

1.3 Questão de pesquisa

As formas de organização da informação aplicadas aos itens dos acervos pelos sebos de Porto Alegre são satisfatórias?

2 CONTEXTO

A realização do presente estudo envolveu uma amostragem de seis sebos de Porto Alegre, no capítulo referente à metodologia explica-se a forma de cálculo para esta quantidade.

É interessante conhecer o contexto em que estes sebos trabalham, bem como apresentar, além de alguns dados básicos de apresentação, um pouco da história e curiosidades de cada um deles. As informações aqui apresentadas foram repassadas à autora do estudo pelos próprios livreiros, por e-mail, telefone e pessoalmente. Os dados referentes à Estante Virtual, portal *on-line* de vendas de livros usados, e outros portais semelhantes foram retirados diretamente dessas fontes.

Com o objetivo de preservar as identidades e informações fornecidas pelos sebigistas, optou-se por simplesmente enumerá-los sequencialmente. Mesmo assim, os sebos apresentados nessa seção também têm seus dados de identificação listados no Apêndice B deste trabalho.

2.1 Sebo 1

O Sebo 1 localiza-se na Rua General Câmara, no Centro de Porto Alegre e possui uma filial localizada na Av. Independência, também em Porto Alegre. O horário de funcionamento do estabelecimento é de segunda a sexta-feira, das 9h às 19h e no sábado, das 9h às 16h. Os principais assuntos cobertos pelo seu acervo são Filosofia, História, Política, Sociologia, Administração e Literatura.

Além da venda de livros, comercializa discos de vinil, CDs, quadros, gravuras e pequenas antiguidades. Disponibiliza aproximadamente 42.500 livros para venda através da *web* pelo portal Estante Virtual, utilizando um pseudônimo.

Conforme um dos proprietários do sebo, essa modalidade de vendas é tão intensa que demandou uma nova equipe, composta por quatro funcionários, que atendem somente os pedidos recebidos via *web*. Disponibilizam também

aproximadamente 8.000 livros no portal de venda de livros usados Mundo Livros, sob seu próprio nome.

Iniciou suas atividades com um acervo pequeno de livros, tanto que os livros eram expostos deitados para ocuparem mais espaço nas estantes. O grande impulso inicial aconteceu no verão de 2001, logo após a inauguração do sebo, quando foram chamados a uma escola tradicional de Porto Alegre, para avaliar um acervo que seria descartado pela instituição.

O acervo do colégio era composto por obras clássicas de várias áreas, muitas do século XIX e início do século XX. Dentre as ofertas realizadas por vários sevistas, a do Sebo 1 acabou sendo aceita pelo colégio. O difícil transporte foi realizado em onze viagens em um pequeno Fiat Uno, o que chamou a atenção dos compradores, denominados por um dos sócios de “ratos de biblioteca”. Já no dia seguinte, muitas obras desse acervo foram vendidas. A partir desse momento, o Sebo 1 passou a ser bastante conhecido pelos frequentadores dos estabelecimentos deste tipo.

2.2 Sebo 2

O Sebo 2 localiza-se na Rua General Câmara, no Centro de Porto Alegre. O horário de funcionamento do estabelecimento é de segunda a sexta-feira, das 9h às 19h e no sábado, das 9h às 14h. Seu acervo é voltado predominantemente para as Ciências Humanas, em especial, História, Filosofia, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Esoterismo e Literatura.

Este sebo trabalha somente com livros. Comercializa aproximadamente 24.000 livros através da *web* pela Estante Virtual sob seu próprio nome. O proprietário deste sebo trabalhou durante 17 anos com uma banca de livros, no Campus do Vale da UFRGS. Em 2006, os donos do Sebo 1 ofereceram a ele uma loja que estavam entregando. O proprietário do Sebo 2 considera um fato marcante ter iniciado seu sebo contando com a solidariedade de concorrentes no ramo.

2.3 Sebo 3

O Sebo 3 localiza-se na Rua Riachuelo, no Centro de Porto Alegre. O horário de funcionamento do estabelecimento é de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h30min e no sábado, das 08h30min às 13h. Os principais assuntos cobertos pelo seu acervo são Literatura, Filosofia, História, Política, Psicologia, Sociologia, Esoterismo, Artes e Auto-ajuda.

Comercializa somente livros, contando com 60.000 livros em seu acervo físico. Disponibiliza aproximadamente 6.000 mil livros para venda, através da *web* pela Estante Virtual em seu próprio nome.

O Sebo 3 iniciou suas atividades no ano de 1993, seu proprietário trabalhou durante cinco anos em outro sebo, quando decidiu abrir seu próprio negócio. A primeira localização do sebo foi no bairro Bom Fim, com um pequeno acervo.

As várias dificuldades financeiras enfrentadas foram superadas ao longo dos anos. Este sebo precisou mudar de endereço algumas vezes, até finalmente conseguir estabelecer sua loja na Rua Riachuelo, tradicional ponto de sebistas em Porto Alegre. O proprietário do Sebo 3 destaca, como ponto marcante de sua trajetória, a participação do sebo em quinze Feiras do Livro de Porto Alegre.

2.4 Sebo 4

O Sebo 4 localiza-se na Rua Jerônimo Coelho, no Centro de Porto Alegre. O horário de funcionamento do estabelecimento é de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h. Os principais assuntos cobertos pelo seu acervo são referentes às Ciências Humanas, como História, Política, Psicologia e Antropologia.

Comercializa somente livros, disponibiliza aproximadamente 14 mil livros para venda, através da *web* pela Estante Virtual sob seu próprio nome.

O Sebo 4 começou no ano de 1998, a única figura feminina proprietária de sebo desta pesquisa relata que seu marido já era livreiro (proprietário de tradicional sebo de Porto Alegre, fundado em 1956), e ela professora. Quando seus filhos

crianças cresceram, resolveu voltar a trabalhar e decidiu, junto com seu marido, abrir uma livraria para ela também.

A proprietária deste sebo relata que seu pai foi o responsável por ter inoculado nela o vírus da paixão por livros. Quando tinha apenas nove anos de idade foi matriculada em um curso de encadernação e logo se encantou com o trabalho junto aos livros. Além disso, seu irmão trabalhava na Círculo do Livro e comprava constantemente livros para ela “devorar”.

2.5 Sebo 5

O Sebo 5 localiza-se na Avenida Osvaldo Aranha, no bairro Bom Fim em Porto Alegre. O horário de funcionamento do estabelecimento é de 2ª a 6ª, das 9h às 20h e no sábado, das 9h às 18h. Os principais assuntos cobertos pelo seu acervo são referentes às Ciências Humanas, tais como História, Direito, Filosofia, Psicologia, Sociologia, Religião e Literatura.

Comercializa somente livros e disponibiliza mais de 40 mil livros para venda, através da *web* pela Estante Virtual com seu próprio nome.

Este sebo foi fundado no ano de 2005, comercializando somente livros novos e devido à concorrência com as grandes livrarias, quase fechou suas portas. Então, seus proprietários decidiram entrar no ramo dos livros raros e usados.

Quando o sebo estava completando um ano de atividades, estava indo muito mal, quase fechando. Durante uma faxina de final de ano, foi encontrado no acervo um livro raro, “Genealogia do Rio Grande do Sul”, que era procurado por um cliente do sebo. O negócio foi fechado em dois mil reais, o que ajudou o sebo a respirar um pouco melhor.

2.6 Sebo 6

O Sebo 6 localiza-se na Rua Riachuelo, no Centro de Porto Alegre. O horário de funcionamento do estabelecimento é de 2ª a 6ª, das 9h às 19h e no sábado, das

9h às 14h. Os principais assuntos cobertos pelo seu acervo são referentes às Ciências Humanas, tais como Direito, Esoterismo, Literatura, entre outros.

Comercializa somente livros e cerca de 80% de seu acervo já se encontra na Estante Virtual, que registra mais de 21 mil itens cadastrados.

Este sebo foi aberto no ano de 2008 e, segundo um de seus sócios representou a resolução de “parar de ganhar dinheiro e divertir-se um pouco”. O proprietário do Sebo 6 largou a profissão de analista de sistemas devido a problemas de saúde em função de estresse. Já sua sócia trabalhou mais de dez anos como funcionária em livrarias, tendo em seu currículo nomes como Ábaco Livros, Martins Livreiros e Beco dos Livros. Finalmente, a história de ambos se cruzou e eles decidiram abrir o estabelecimento.

3 INFORMAÇÃO *VERSUS* CONHECIMENTO

Inicialmente, é interessante lembrar os conceitos de informação e conhecimento, pois são esses dois que acrescidos ao termo organização formam, talvez, novos significados.

Pode-se começar pela definição do que é dado, visto que tal conceito auxilia na compreensão do termo informação. De acordo com Setzer (1999)¹ dado é “[. . .] uma sequência de símbolos quantificados ou quantificáveis.” Nesse sentido, textos, imagens, sons e animações são dados, pois todos são passíveis de serem quantificados. Pode-se afirmar ainda que os dados, quando organizados de maneira eficiente, tornam-se informação, ou seja, o dado é a matéria-prima da informação.

A informação, por sua vez, é definida por Barreto (1992) *apud* Barreto (2002, p. 50)² como “[. . .] estruturas simbolicamente significantes com a competência de gerar conhecimento no indivíduo, em seu grupo, ou na sociedade.” Portanto, a informação é a matéria-prima do conhecimento, ou melhor, a partir dela o indivíduo poderá construir ou não um novo conhecimento. Explicando e ampliando tal afirmação, Barreto (2007, p. 1) diz que:

A essência do fenômeno da informação se efetiva entre o emissor e o receptor, quando acontece uma transferência e apropriação de um conhecimento. Assim, adequadamente assimilada, a informação, modifica o estoque mental de saber do indivíduo e traz benefícios para o seu desenvolvimento pessoal e da sociedade em que ele vive. (BARRETO, 2007, p. 1).

Cabe ressaltar que o que para uma pessoa é informação para outra não é, pois, por exemplo, uma informação que está em alemão é inteligível somente para quem conhece tal idioma. Ou seja, para um indivíduo é uma informação, para outro é um dado, sem sentido algum. Logo, pode-se definir informação como um dado dotado de relevância e propósito ao seu receptor. Nesse sentido, Le Coadic

¹ Documento eletrônico.

² BARRETO, Aldo A. *A informação e a transferência de tecnologia*. Brasília: SENAI/IBICT, 1992. *Apud* BARRETO (2002, p. 50).

esclarece que “[. . .] o objetivo da informação permanece sendo a apreensão de sentidos ou seres em sua significação, ou seja, continua sendo o conhecimento; e o meio é a transmissão do suporte, da estrutura.” (LE COADIC, 2004, p. 5).

Conhecimento pode ser definido como a internalização de informações por parte do indivíduo, ou seja, quando este compreende a informação e a transforma em um novo produto. Dahlberg (2006) apud Ramalho (2009)³ esclarece que o conhecimento é a “[. . .] certeza subjetiva ou objetivamente conclusiva da existência de um fato ou do estado de um caso, não sendo transferível e somente podendo ser adquirido por meio da reflexão.” Para tanto, é necessário que o indivíduo possua experiências ou conhecimentos prévios que servirão de base para a construção do novo conhecimento.

O indivíduo, ao detectar lacunas em seu conhecimento, busca por novas informações de forma a preenchê-las e progredir para um novo estágio de conhecimento. Nesse sentido, Barreto (2002, p. 49) esclarece que a relação entre informação e conhecimento “[. . .] só se realiza se a informação for percebida e aceita como tal, colocando o indivíduo em um estágio melhor de desenvolvimento, consciente de si mesmo e dentro do mundo onde se realiza a sua odisséia individual.”

Embora exista variada literatura buscando definir os conceitos de informação e conhecimento do ponto de vista da Ciência da Informação, ainda percebe-se confusão entre seus significados. Para Bufrem (2004), as imprecisões semânticas identificadas na área, tal como ocorre entre os termos informação e conhecimento, podem ser explicadas pela, relativamente, breve história da Ciência da Informação. O que ocasionou um crescimento acelerado da área em comparação com outras que tiveram milhares de anos para seu amadurecimento e consolidação.

Para ilustrar tal problema, pode-se examinar a definição de Le Coadic (2004, p. 4) para informação: “[. . .] um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte.” Apesar dessa definição ser tecnicamente pontual, ela pode vir a suscitar dúvidas, pois dá margem para que se pense informação como sinônimo de conhecimento, quando na verdade, como já

³ DAHLBERG, I. *Knowledge Organization: a new science? Knowledge Organization*, Frankfurt, v.33, n.1, p. 11-19, 2006. Apud RAMALHO (2009).

se afirmou, ela pode vir a gerar ou não conhecimento. Talvez o que cause tal estranheza na definição de Le Coadic derive do fato de que para o autor ou produtor de determinada informação essa já é um conhecimento consolidado, o que não significa que o será para seus receptores, que poderão rejeitá-la ou não entendê-la.

Logo, pode-se afirmar que a informação é a representação de um conhecimento, no entanto, para seu receptor pode ser relevante ou não, gerar conhecimento ou não. Ou melhor, a informação pode ser definida como, “[. . .] conhecimento potencialmente transmissível.” (CINTRA et al, 2002, p. 19). Tristão, Fachin e Alarcon (2004, p. 162) opinam: “O conhecimento, quando registrado e divulgado, passa a ser informação, reiniciando sempre um círculo contínuo.” Cintra et al. (2002, p. 20) complementam ainda,

[. . .] a informação cumpre papel decisivo na mudança dos destinos da humanidade, uma vez que ela está, diretamente, ligada ao conhecimento e ao desenvolvimento de cada uma das áreas do saber, já que todo conhecimento começa por algum tipo de informação e se constitui em informação.

Para McGarry (1999), a confusão entre os termos informação e conhecimento origina-se, em parte, da língua inglesa, na qual o verbo *to know* (saber, conhecer) exerce diferentes funções em diferentes contextos. O autor demonstra a larga aplicabilidade do verbo na língua inglesa, ilustrando sua aplicação em frases com sentidos diversos, que são definidas pela palavra que sucede o verbo. Os exemplos apresentados abaixo são de, respectivamente, conhecimento de causa, de técnica, de um fato e de um estado de espírito:

I know why the litmus paper has turned red. [Sei por que o papel de tornassol ficou vermelho.]
 I know how to drive a car. [Sei dirigir um carro.]
 I know that Paris is the capital of France. [Sei que Paris é a capital da França.]
 I know what it is to be hungry and poor. [Sei o que é passar fome e ser pobre.] (MCGARRY, 1999, p. 1, tradução nossa).

Logo na sequência de seu texto, McGarry (1999) esclarece que, não importando o termo utilizado, o que fica implícito em seus exemplos é que existe

uma realidade externa ao indivíduo, chamada informação, e que é utilizada por ele para vários tipos e formas de conhecimento.

Apesar do uso em diferentes contextos, em todos os exemplos apresentados pelo autor percebe-se que o conhecimento detido pela pessoa é resultado da internalização de informações e compreensão de processos, no caso dos exemplos, químicos, mecânicos, geográficos e sociais.

Mais especificamente, ao analisar uma sentença como “Sei dirigir um carro”, percebe-se que o nível de compreensão, logo, de conhecimento, é bem diferente do que se a sentença fosse “Tenho as informações necessárias para dirigir um carro”. E como já afirmado anteriormente, as informações podem ser relevantes ou não, tornarem-se um conhecimento ou não.

4 ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A organização é praticada de maneira cotidiana e quase que imperceptível pelas pessoas. Diversas são as cenas da vida de uma pessoa em que se pode visualizá-la. Pode-se pensar, na prática, em um indivíduo que em seu cotidiano profissional divide seus colegas em diversas categorias ou classes. Ou ainda, uma pessoa que classifica textos, autores e suportes em diferentes categorias, como, por exemplo, “jornal para pobres”, “livros para intelectuais”, “textos populares”, “autores para mulheres”, etc. Exemplos como esses são tão banais que nem se percebe que há o esforço da organização por detrás dos mesmos, e é exatamente essa, a naturalidade, uma das características dessa ação, que pode ser entendida como classificação.

Podem-se categorizar as ações anteriormente descritas no aspecto social da classificação, que é esclarecido por Araújo (2006, p. 118) ao afirmar: “Todos os seres humanos classificam a todo momento as outras pessoas e os objetos do mundo, com quem e com os quais se relacionam, incessantemente.” Para o autor, as classificações sociais são intrínsecas e constitutivas da vida em sociedade.

Corroborando com tal definição e apresentando também um significado amplo para classificação, Tristão, Fachin e Alarcon (2004, p. 163) a definem como: “[. . .] processo mental por meio do qual podemos distinguir coisas, seres ou pensamentos pelas suas semelhanças ou diferenças, estabelecer as suas relações e agrupá-las em classes de acordo com essas relações.” Langridge (1977, p. 11) ressalta sua importância para a humanidade: “Sem classificação não poderia haver nenhum pensamento humano, ação e organização que conhecemos. A classificação transforma impressões sensoriais isoladas e incoerentes em objetos reconhecíveis e padrões recorríveis.”

As classificações, sejam elas sociais ou não, prestam-se a algum tipo de organização. No âmbito do presente estudo, o importante é olhar com mais atenção o conceito de Organização da Informação, que métodos utiliza, que objetivos possui, para que e para quem serve.

Ao fazer uma breve análise da literatura da área, percebe-se a utilização usual de termos como Organização da Informação e Organização do Conhecimento, inclusive, encontram-se referências da expressão Organização do Saber. E ainda,

que tais termos podem apresentar significados diferentes, significados semelhantes e, em alguns casos, são utilizados alternadamente em um mesmo texto, com um mesmo sentido. Será que, como já apresentado na seção anterior, o uso indiscriminado de tais expressões é resultante da tradução incorreta de uma expressão em língua inglesa, que acabou por causar duplicidade em textos de língua portuguesa?

O importante, nesse momento, é reconhecer-se que a imprecisão na utilização de tais termos causa certo desconforto aos leitores e talvez até aos estudiosos da área. Diante do quadro apresentado, tenta-se identificar se realmente há semelhanças, diferenças e relações entre as expressões Organização da Informação e Organização do Conhecimento.

A Organização da Informação preocupa-se com o tratamento da informação, objetivando a posterior recuperação das mesmas pelos sistemas de recuperação da informação. Mais especificamente, a Organização da Informação tem seu foco na representação temática do conhecimento, ou seja, nas linguagens de indexação, sejam elas codificadas ou alfabéticas.

Para Feitosa (2006) os elementos da Organização da Informação são os documentos, o ciclo documentário e o tratamento intelectual da informação. O autor explica que a informação registrada sempre está contida em um suporte, o documento. Por sua vez, o tratamento dado ao documento, objetivando sua recuperação, é conhecido como ciclo documentário, que se relaciona com as operações de seleção, avaliação, análise, tradução e recuperação da informação. Finalmente, o tratamento intelectual da informação compreende processos como a representação descritiva e a análise temática da informação. Ou seja, o autor percebe a Organização da Informação de forma ampla, englobando todo o processo do ciclo documentário que, por sua vez, já contém o tratamento da informação.

Viscaya Alonso (1997), como o autor anterior, acredita que, apesar da descrição física e temática servirem para a posterior Organização da Informação, não se pode limitar a Organização da Informação a isso. Para a autora, a Organização da Informação é constituída pelas etapas do ciclo documentário, ou seja, seleção, processamento, armazenamento, busca, recuperação e disseminação da informação. “A estrutura formal que, como resultado das variáveis analisadas, dispõe, define e coordena as diferentes etapas do ciclo de vida da informação, com

o propósito de cumprir os objetivos do sistema.” (VISCAYA ALONSO, 1997, p. 183, tradução nossa).

Com essa definição em mente, parte-se às definições utilizadas pela literatura, principalmente estrangeira, da área sobre Organização do Conhecimento. O estudo de tal expressão será um pouco mais aprofundado que o anterior, já que a autora deste trabalho sente certo estranhamento na utilização da mesma.

É interessante, inicialmente, contextualizar o significado da expressão *Knowledge Organization*, visto que essa pode ter sido a origem do uso do termo Organização do Conhecimento na literatura nacional. Para Dahlberg (2006), a Organização do Conhecimento é definida como a ciência responsável por estruturar e organizar, de forma sistemática, conceitos conforme seus elementos, e descrevê-los com o objetivo de conhecer seus conteúdos.

Knowledge Organization (Organização do Conhecimento) é a organização das informações contidas em registros bibliográficos, buscando facilitar o acesso aos documentos ou informações. Envolve a descrição dos documentos, seus conteúdos, características e finalidades; logo, todo tipo de método de indexação, como catalogação, classificação, gerenciamento de registros bibliográficos, registros de metadados em bases de dados textuais e bibliográficas (HJØRLAND, c2005). Conforme Barité (2001, p. 39-40)⁴:

A Organização do Conhecimento procura, então, oferecer um modelo conceitual adequado com as diversas práticas e atividades sociais vinculadas com o acesso ao conhecimento e pretende operar como instrumento de tratamento da informação e de gestão de uso da informação, abarcador e integrador dos fenômenos e aplicações vinculados com a estruturação, a disposição, o acesso e a difusão do conhecimento socializado.

A Organização do Conhecimento envolve o estudo dos processos, anteriormente descritos, e os sistemas de Organização do Conhecimento, utilizados

⁴ BARITÉ, Mário. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología y Documentación. In: CARRARA, Kester. (Org.). *Educação, Universidade e Pesquisa*. Marília : Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: FAPESP, 2001. p. 35-60. *Apud* PANDO; GUIMARÃES (2006, p. 8).

para organizar, recuperar e disseminar a informação. Os vocabulários controlados, catálogos de autoridades, sistemas de classificação, tesouros, redes semânticas e as ontologias são exemplos desses sistemas. (HJØRLAND, c2005; TRISTÃO; FACHIN; ALARCON, 2004). Devido à natureza de tais sistemas, acabam sendo fundamentais em bibliotecas, museus e arquivos. Servindo para organizar os materiais para fins de recuperação, configurando-se em uma ponte entre as informações do usuário e as informações do acervo da instituição (HODGE, 2000). Campos (1995) esclarece que os instrumentos utilizados para organização e representação do conhecimento são conhecidos, de forma geral, por linguagens documentárias. Para Barité (2001, p. 41)⁵:

O objeto de estudo da Organização do Conhecimento é – a nosso juízo – o conhecimento socializado, e como disciplina dá conta do desenvolvimento de técnicas para a construção, gestão, uso e avaliação de classificações científicas, taxonomias, nomenclaturas e linguagens documentais. De outra parte, traz metodologias de uso e recuperação por linguagem natural. É esta visão integral do conhecimento, em que se associam as classificações filosóficas ou científicas do saber com as classificações destinadas à organização de documentos em bibliotecas, arquivos e outras unidades de informação que abre maiores perspectivas para um importante desenvolvimento disciplinar e interdisciplinar no âmbito da Biblioteconomia e Documentação.

Rabello e Guimarães (2006) explicam a importância da Organização do Conhecimento no âmbito da Ciência da Informação, ao relacionar três processos centrais à mesma: produção, organização e acesso à informação, e identificam a Organização do Conhecimento como elemento central de todo o conjunto de atividades, uma vez que intermedeia a produção e o acesso às informações pelos usuários. Ou seja, os profissionais da informação, através dos métodos da Organização do Conhecimento, disponibilizam para os usuários as informações dos produtores do conhecimento.

Hjørland (c2005) acredita que a Organização do Conhecimento é um campo interdisciplinar, podendo ser estudada em áreas como a linguística, filosofia, psicologia, semiótica e sociologia. No âmbito da Biblioteconomia e Ciência da

⁵ BARITÉ, M. G. Organización del conocimiento: um nuevo marco teórico-conceptual en bibliotecología y documentación. In: CARRARA, Kester (org.). *Educação, Universidade e Pesquisa*. Marília : Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: FAPESP, 2001. Apud FUJITA (2008).

Informação é definida pela preocupação com registros bibliográficos em catálogos de bibliotecas e em sentido mais geral, aplica-se também às bases de dados de citação e descrição de textos completos na Internet, ao preocupar-se com metadados (HJØRLAND, c2005).

A Organização do Conhecimento é estudada em níveis mais amplos ou mais específicos. Em sentido mais amplo, pode-se falar em organização social do conhecimento, que é responsável por organizar disciplinas científicas, instituições sociais (como universidades), enciclopédias, dicionários, mídias, linguagens, literatura, gêneros, teorias, etc. Em sentido mais estrito, pode-se pensar na Classificação Decimal de Dewey, por exemplo, que é utilizada em bibliotecas e é baseada em um sistema de conceitos científicos e disciplinas. Ou seja, a Organização do Conhecimento de forma ampla é necessária para sua aplicação a fins específicos (HJØRLAND, c2005).

O termo Organização do Conhecimento surgiu em meados de 1900 com autores como Charles Ammi Cutter, William Charles Berwick Sayers e Cushington Ernest Richardson. Para eles o processo de Organização do Conhecimento em bibliotecas reflete as classificações externas à Biblioteconomia e à Ciência da Informação (HJØRLAND, c2005).

A *International Society for Knowledge Organization* (ISKO), fundada em Frankfurt em julho de 1989, por Ingetraut Dahlberg, tem por objetivo o avanço na área da Organização do Conhecimento em todos os tipos de formatos para todos os tipos de finalidades, tais como bases de dados, bibliotecas, dicionários e Internet. Configura-se como uma entidade interdisciplinar, que reúne 400 membros em todo o mundo, atuando em áreas como ciência da informação, lingüística, filosofia e ciência da computação.

A ISKO organiza conferências nacionais e internacionais e é responsável pelo mais importante jornal científico da área: *Knowledge Organization* (KO), antigo *International Classification*, fundado em 1974. Coopera com instituições como a UNESCO, a Comissão Europeia, a *International Organization for Standardization* (ISO) e a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA). (INTERNATIONAL SOCIETY FOR KNOWLEDGE ORGANIZATION, c2004-2008). Essa instituição veio consolidar a Organização do Conhecimento como campo científico. Para alcançar seus objetivos, a ISKO procura

[. . .] aliar tanto a abordagem herdada, dentre outros, de Aristóteles, Platão, Porfírio, Bacon, Harris e Comenio (visando à sistematização, consolidação e transmissão de um conhecimento enquanto conjunto de saberes verificável em uma dada sociedade em um dado momento histórico), com a necessidade de natureza mais pragmática de resgate do conhecimento registrado em documentos, para fins de acesso e recuperação (Calímaco, Dewey, Otlet e La Fontaine, etc.). (GUIMARÃES, 2008, p. 88-89).

É interessante observar, exatamente para visualizar a abrangência e a profundidade do tema, as subdivisões da área da Organização do Conhecimento, concebidas por Dahlberg. Essas foram baseadas no princípio de “*Systematifier*”, ou seja, sequências de divisões 3 x 3 que poderiam ser aplicadas a qualquer área do conhecimento:

- Grupos 1-3: representam as divisões componentes/constituintes da área, caracterizadas por 1) Fundamentos teóricos, 2) Estrutura e construção de sistemas de classificação e tesouros, e 3) Classificação e Indexação;
- Grupos 4-6: representam as aplicações das divisões componentes/constituintes da área em: 4) Sistemas Universais, 5) Sistemas de classificação orientados ao objeto e tesouros, 6) Sistemas orientados a assuntos específicos;
- Grupos 7-9: representam a influência, aplicação e [sic] ambientes da área, 7) Influências externas: problemas da representação do conhecimento pela linguagem e terminologia, 8) Aplicação da classificação e indexação para diferentes tipos de dados, enunciados, documentos, e 9) Levar da área de Organização do Conhecimento para fora ou externo, a organização da área em nível nacional e internacional, sua educação e treinamento, seus aspectos legais e econômicos, estudos de usuários e normalização. (DAHLBERG, 1993 *apud* FUJITA, 2008)⁶.

Gomes (2009) esclarece que as disciplinas estudadas em cursos do exterior na área de Organização do Conhecimento abrangem tópicos como bibliografia, catalogação, classificação, vocabulários controlados, indexação, metadados, ontologias, etc., ressaltando que as classificações bibliográficas geralmente são referidas, em textos com o histórico da área, como a primeira tentativa de Organização do Conhecimento e que ainda são focos de estudo dos pesquisadores.

⁶ DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge Organization: its scope and possibilities. *Knowledge Organization*, Frankfurt, v.20, n.4, p.211-222, 1993. *Apud* FUJITA (2008).

Finalmente, é interessante destacar que aparentemente não há distinção entre as expressões Organização do Conhecimento e Organização da Informação na literatura internacional. Inclusive, em textos de língua inglesa encontram-se expressões apontadas como sinônimos para *Knowledge Organization*, tais como *Organization of Knowledge*, *Organization of Information* ou *Information Organization*. Pode-se afirmar que essas expressões dizem respeito ao mesmo conceito: tratamento da informação visando sua posterior recuperação. Inclusive, o estudo dos chamados sistemas para organização do conhecimento são o estudo das linguagens documentárias ou de indexação, as mesmas estudadas pela Organização da Informação.

Ainda assim, existem autores que diferenciam a expressão Organização da Informação de Organização do Conhecimento, a mero título de curiosidade apresentam-se algumas ideias defendidas pelos mesmos.

Bufrem (2004, p. 2) reconhece: “A categoria temática Organização do Conhecimento (*Knowledge Organization*) relaciona-se originalmente às tarefas de classificar, indexar e representar o conhecimento por meio de registros informatizados para atender as necessidades mais urgentes de informação” (BUFREM, 2004, p. 2). No entanto, para a autora, essa expressão está mais vinculada, atualmente, aos computadores e à inteligência artificial, não à Ciência da Informação.

Bräscher e Café *apud* Vitorino e Bräscher (2009)⁷, diferenciando o conceito de Organização da Informação e do Conhecimento, definem a Organização da Informação como “[. . .] um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto deste processo descritivo é a representação da informação, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico”, já a Organização do Conhecimento “[. . .] visa à construção de modelos de mundo que se constituem em abstrações da realidade.” As autoras ainda acrescentam, referindo-se aos processos de Organização da Informação e Organização do Conhecimento, como OI e OC, respectivamente:

⁷ BRÄSCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9, 2008, São Paulo, Anais. São Paulo: ANCIB, 2008. *Apud* VICTORINO; BRÄSCHER (2009)

Esses dois processos (OI e OC) produzem, conseqüentemente, dois tipos distintos de representação: a representação da informação, compreendida como o conjunto de atributos que representa determinado objeto informacional e que é obtido pelos processos de descrição física e de conteúdo, e a representação do conhecimento, que se constitui numa estrutura conceitual que representa modelos de mundo. (2009)⁸.

Bastos (2005) destaca as contribuições teóricas de algumas áreas da Organização do Conhecimento, tais como a Ciência da Computação, a Terminologia, a Ciência da Informação e a Ciência Cognitiva, para a Organização da Informação. Para essa autora, a Organização do Conhecimento produz novos conhecimentos que podem ser aplicados à Organização da Informação, portanto,

[. . .] pode-se considerar que a Organização do Conhecimento compreende os estudos fundamentais e teóricos, baseados em abordagens como a teoria de sistemas, a teoria da comunicação, o desenvolvimento das ciências e os princípios de representação e organização dos conceitos, que aplicados aos estudos da Organização da Informação, contribuem para o desenvolvimento das atividades e operações no tratamento da informação. (BASTOS p. 25-26).

Como se observou nesta seção, as expressões Organização da Informação e Organização do Conhecimento são utilizadas na literatura da área muitas vezes indiscriminadamente. No entanto, não se ambiciona neste estudo chegar a alguma conclusão definitiva. A falta de padrão na utilização de tais expressões demonstra como não está consolidada uma única como termo predominante pelos teóricos da área, cabendo estudos específicos mais aprofundados para definir o termo oficial ou mesmo verificar diferenças conceituais realmente existentes entre as expressões, definindo sua aplicação a contextos específicos.

Para fins práticos, a expressão que será utilizada neste estudo será Organização da Informação, que a autora acredita ser mais adequada, até mesmo pela diferenciação entre informação e conhecimento, pois o que se encontra inscrito nos suportes são informações e não conhecimentos.

⁸ Documento eletrônico.

5 A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA HISTÓRIA

A Organização da Informação, praticada de forma contínua ao longo dos tempos, tem o objetivo de facilitar a apropriação e uso do saber produzido pelo homem. De acordo com Souza (1998), a necessidade de organizar documentos é consequência da interação entre grupos humanos com a natureza e com outros grupos. Como esse processo ocorre de diferentes maneiras em contextos diversos, acarreta a origem de diferentes ideias ou soluções para a organização documental.

Nesse sentido, serão apresentadas algumas das inúmeras formas de organização e classificação utilizadas pelo homem, seja para entender o mundo que o rodeia, como no caso das classificações filosóficas, seja para ordenar uma massa de objetos ou documentos.

Cabe ressaltar que as classificações bibliográficas acabam baseando-se em concepções do conhecimento advindas da ciência e da filosofia. Langridge (1977) explica que a definição das classes provém da filosofia e as subdivisões da ciência. Piedade (1983) define as classificações filosóficas como aquelas criadas pelos filósofos, com a preocupação de ordenar as ciências ou coisas, que buscam definir, esquematizar e hierarquizar o conhecimento.

Hjørland (2008) diferencia os objetivos dos indivíduos preocupados em classificar o conhecimento daqueles preocupados em classificar os livros de uma biblioteca. Ressalta que os filósofos que se dedicaram à classificação do conhecimento, principalmente no século XIX, parecem ter sido motivados pela necessidade de explicar o valor das ciências e a produção de conhecimento originadas das mesmas; enquanto isso, as classificações bibliográficas prestam-se a uma tarefa muito mais prática.

O pragmatismo que deve ser inerente às classificações bibliográficas é ressaltado por Mills (1955) *apud* Piedade (1983)⁹ ao afirmar: “Nem a classificação filosófica, nem a classificação científica é remotamente adequada para classificar a vasta variedade de informações apresentada na literatura e a classificação bibliográfica constitui um tipo bem diferente de classificação do conhecimento.”

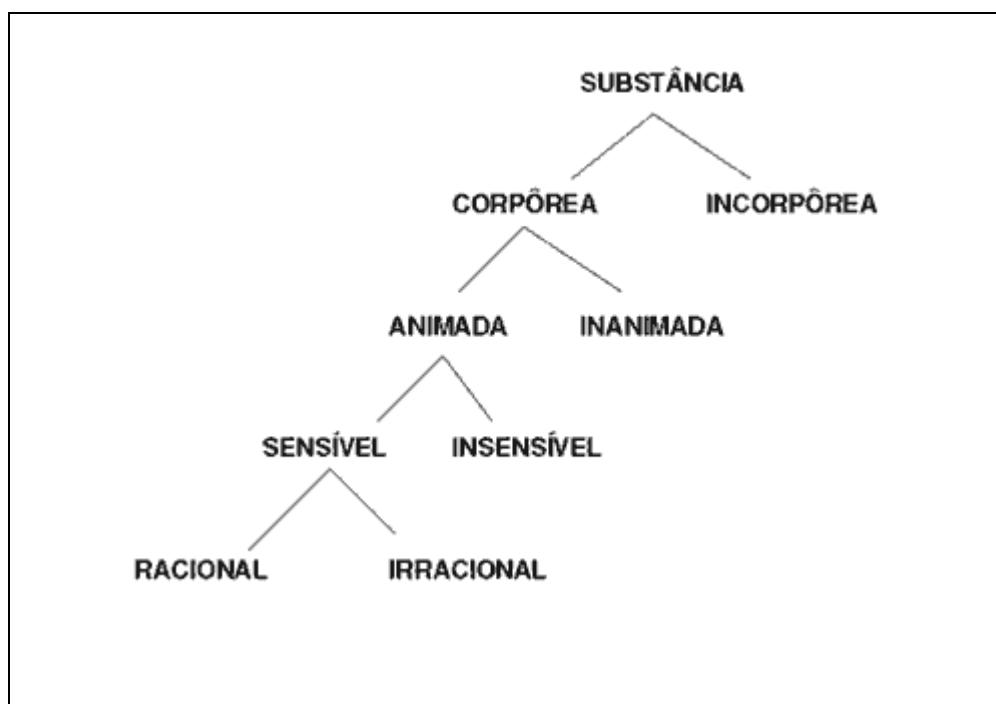
⁹ MILLS, J. Chain indexing and the classified catalogue. *Library Association Record*, v. 57, n. 5, p. 173-178, maio 1955. *Apud* PIEDADE (1983, p. 66)

Enquanto alguns autores consideram Platão (428-347 a. C.) o primeiro filósofo preocupado com a sistematização do conhecimento, dividindo-o nas classes Física, Ética e Lógica. Outros autores atribuem o pioneirismo das classificações filosóficas a Aristóteles (384-322 a. C.), com sua classificação do conhecimento de acordo com os objetivos das ciências: ciências teóricas (relacionadas à ação de pensar), ciências práticas (relacionadas à ação de agir) e ciências poéticas (relacionadas à ação de produzir) (PIEIDADE, 1983).

Aristóteles abrange nas ciências teóricas, a Matemática, a Física e a Teologia; já as ciências práticas englobam a Moral ou Ética, a Economia e a Política e, finalmente, nas ciências poéticas, encontram-se a Retórica, a Poética e a Dialética (PIEIDADE, 1983).

Porfírio, filósofo grego do século IV, idealizou uma classificação dicotômica do conhecimento, ao aplicar o princípio de oposição de Platão e Aristóteles, conhecida como árvore de Porfírio. (NAVES, 2006). A esquematização dessa árvore é apresentada abaixo:

Figura 1 – Árvore de Porfírio



Fonte: NAVES (2006, p. 37).

Ainda na Antiguidade encontram-se métodos utilizados para organizar massas de documentos. Em Roma, pelo fato de as obras serem inscritas em rolos de papiro ou pergaminho, buscava-se facilitar sua organização atando-se e reunindo-se os volumes de uma mesma obra com um cordão. Para identificar o rolo de papiro, atava-se uma tira (*sílybos*) de pele ou papiro com o registro do nome do autor ou título da obra (Cícero, Cartas a Ático, 4, 4 e 4, 8) (OLIVEIRA, 1985).

Na Biblioteca de Assurbanípal, rei da Assíria entre 669 e 626 a. C., encontram-se registros sobre a organização dos tabletes de argila, que eram divididos em dois grupos: Ciências da Terra e Ciências do Céu. Já entre os anos de 260 e 240 a. C., Calímaco, poeta e sábio grego, bibliotecário da Biblioteca de Alexandria, publicou um catálogo no qual apresentou os livros organizados segundo a tipologia de escritor: poetas, épicos, cômicos, trágicos, ditirambos, legisladores, filósofos, matemáticos, historiadores, oradores e escritores de tópicos diversos. (PIECADE, 1983). De acordo com Manguel (2006, p. 50-51): “A grande contribuição de Calímaco à arte de ordenar livros, talvez inspirada em métodos usados nas bibliotecas desaparecidas da Mesopotâmia, consistia em listar os autores em ordem alfabética com notas biobibliográficas [. . .] anexadas a cada nome consagrado.”

Em relação à organização utilizada em regiões orientais, encontram-se registros a respeito dos livros da Biblioteca Imperial da China que, no início do século III, eram divididos em textos canônicos ou clássicos, obras históricas, obras filosóficas e vária literatura. Juntamente com essa classificação era utilizado um sistema de encadernação conforme a temática da obra: verde, vermelho, azul e cinza, além disso, os títulos eram organizados de forma gráfica ou fonética nas prateleiras (MANGUEL, 2006).

A primeira biblioteca pública em Roma foi idealizada por Júlio César, mas somente construída e inaugurada em período posterior a sua morte por Asinius Pollio nos primeiros anos do reinado de Augusto, mais especificamente no ano de 30 a. C. Ela foi projetada conforme a organização utilizada, por isso havia câmaras para as obras gregas e para as obras latinas, as estantes de madeiras (*armaria*) eram marcadas com códigos que eram inscritos ao lado dos títulos das obras nos catálogos. Além disso, a partir do relato de Manguel (2006) pode-se presumir que as prateleiras eram organizadas conforme a área temática, pois se precisava de escadas para alcançar algumas áreas específicas.

Ainda de acordo com Manguel (2006) os catálogos do bibliotecário Calímaco foram os responsáveis pela inserção do sistema alfabético nas bibliotecas árabes em meados do século IX. “A primeira obra do gênero a ser compilada no mundo árabe, imitando o modelo dos *pinakes*, foi o Livro dos autores, de Abu Tahir Tayfur, um livreiro de Bagdá que faleceu em 893.” (MANGUEL, 2006, p. 51).

No final da Idade Média, há a percepção de que as categorias utilizadas para Organização da Informação, seja em bibliotecas, currículos acadêmicos e enciclopédias, refletem os valores da comunidade acadêmica. Nessa época, os currículos das universidades européias eram semelhantes entre si, o bacharelado, disponível somente nas áreas de teologia, direito e medicina, abrangia o estudo das sete artes liberais, divididos no *trivium* e *quadrivium*. O *trivium* agrupava as artes ou ciências sermoniais, relacionadas à linguagem: gramática, dialética e retórica, já o *quadrivium* reunia as ciências reais, relacionadas aos números: geometria, aritmética, astronomia e música. Ainda havia, na prática, o estudo das “três filosofias”: ética, metafísica e filosofia natural (BURKE, 2003).

Conforme Piedade (1983) as bibliotecas costumavam ordenar seu acervo conforme o tamanho das obras, em ordem alfabética pelo nome dos autores ou ordem em cronológica. Ou, ainda, de acordo a divisão do *trivium* e *quadrivium*. Exemplificando essa organização, a autora cita a biblioteca da Universidade de Oxford que, em 1431, classificava seus livros pelas sete artes liberais do *trivium* e *quadrivium* e as três filosofias.

Além dessa classificação, outras formas de organização eram utilizadas fora do mundo europeu. As bibliotecas árabes, por exemplo, classificavam seus acervos em ordem alfabética junto à classificação temática; exceção à regra era o Alcorão, que não podia se misturar aos outros materiais, visto ser a palavra divina (MANGUEL, 2006). De acordo com Burke (2003, p. 89):

Um jurista islâmico, Ibn Jama'a, recomendava que os livros fossem organizados numa ordem hierárquica bem diferente da cristã. 'Se houver um Alcorão entre eles, deve ocupar o lugar de precedência... depois os livros do hadith, e a interpretação do Alcorão, e a do hadith, depois a teologia, e o fiqh. Se dois livros pertencerem ao mesmo ramo do conhecimento, então deve ter precedência aquele que contiver mais citações do Alcorão e do hadith.

Outro exemplo de classificação de livros que fugiu às famosas categorias do *trivium* e *quadrivium* foi utilizado na China e perdurou por um tempo extremamente longo: “[. . .] a classificação dominante dos livros do século VII ao XIX [. . .] era notavelmente simples, composta de não mais de quatro grupos: clássicos, história filosofia e literatura.” (BURKE, 2003, p. 88-89).

Segundo Burke (2003), o termo enciclopédia originou-se do grego *encyclopaedia*, que significa círculo do aprendizado, referindo-se ao currículo educacional. Cabe ressaltar que a palavra originou-se do grego *enkyklios paideia* (círculo perfeito da educação), no entanto, o que existia na Antiguidade era somente o conceito de que para um indivíduo ser considerado educado de modo formal deveria dominar um conjunto de conhecimentos.

Enfim, a palavra enciclopédia passou a ser aplicada a livros organizados conforme o sistema educacional vigente, fosse para servir como apoio ao ensino ou mesmo substituto a ele. Na Idade Média, as enciclopédias eram organizadas tematicamente, utilizando, muitas vezes, como categorias as dez disciplinas da universidade medieval. Burke (2003) cita, entre outros, a enciclopédia de Gregor Reisch, publicada em 1502 e bastante reimpressa no século XVI, que resumia os conteúdos do *trivium*, *quadrivium*, filosofia natural e moral.

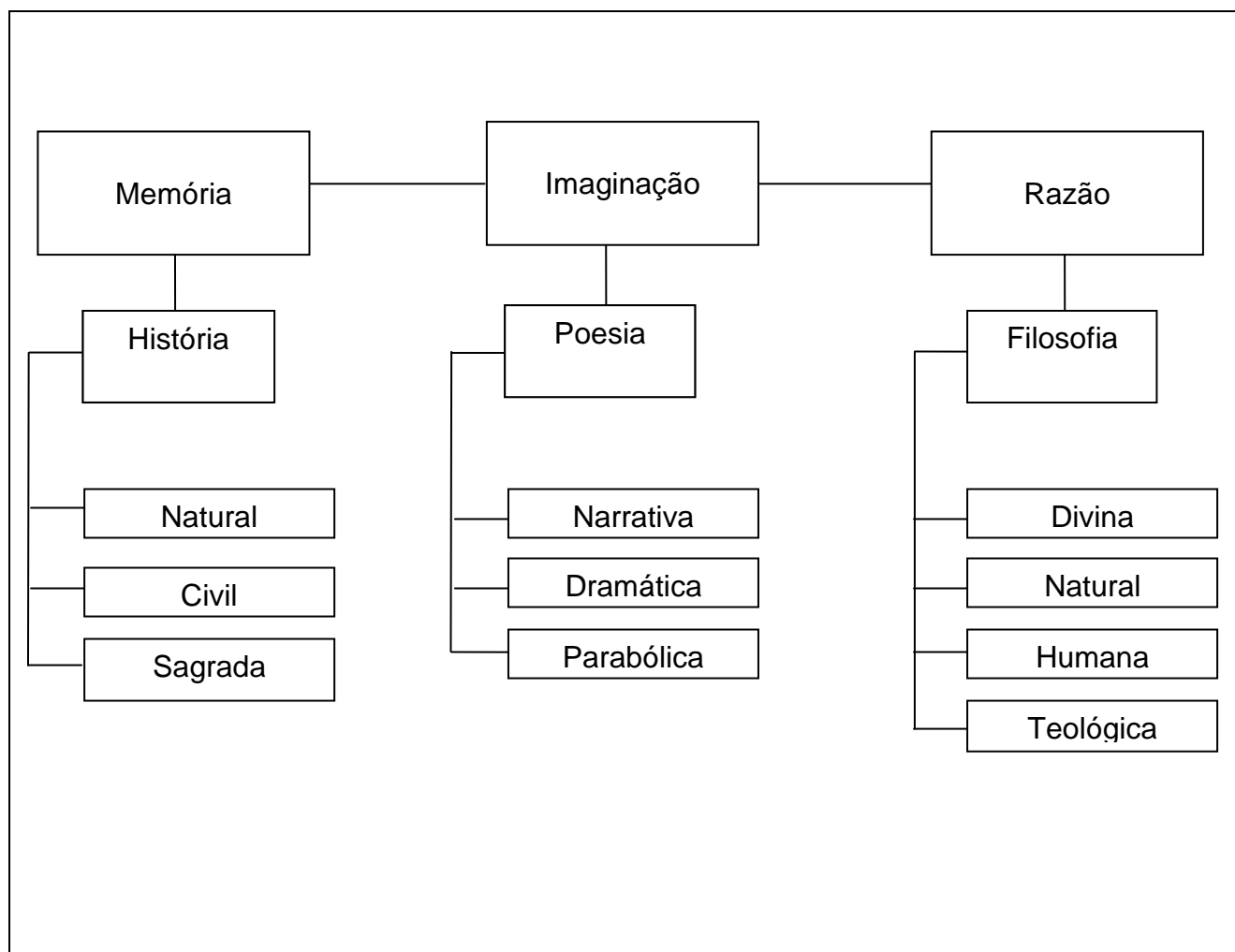
Logo, Burke (2003) explica que na Idade Média, a ordem imposta nas universidades era confirmada e consolidada ao ser utilizada também para ordenar tanto os livros nas bibliotecas quanto as seções das enciclopédias. “É claro que as pernas do tripé se apoiavam mutuamente, ajudando assim a reprodução cultural e fazendo com que as categorias parecessem naturais e as alternativas não naturais ou simplesmente absurdas.” (BURKE, 2003, p. 91).

Outras propostas para a classificação do conhecimento foram surgindo, no entanto. Burke (2003), a partir de uma análise dos currículos, bibliotecas e enciclopédias do século XVII e XVIII, sugere que a reclassificação proposta por Francis Bacon foi a grande vitoriosa.

O filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626), que tanto contribuiu para o trabalho dos bibliotecários, dividiu as ciências de acordo com as faculdades humanas envolvidas nas mesmas: memória, imaginação e razão. Essa classificação influenciou, dentre outras, a Classificação de Harris (1870), Classificação Decimal de Dewey (1876), Classificação Decimal Universal (1905) e a Classificação da

Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. (PIEADADE, 1983). Sua esquematização segue na imagem abaixo:

Figura 2 – Classificação de Bacon



Fonte: elaborada pela autora baseada na descrição de Piedade (1983)

Os currículos das universidades foram sendo gradativamente reformulados nos séculos XVII e XVIII, assumindo diferentes formas em diferentes universidades. No entanto, percebeu-se, de forma geral, a ascensão de disciplinas como história, geografia, química, botânica, política, economia e a independência da filosofia natural, que antes figurava como componente do *quadrivium* (BURKE, 2003).

As bibliotecas, acompanhando a reestruturação dos currículos acadêmicos ocorrida durante os séculos XVII e XVIII, bem como a multiplicação da quantidade

de livros acarretada pela invenção da imprensa, também reclassificaram seus acervos. Segundo Burke (2003), a organização de catálogos de bibliotecas era algo mais flexível que a reformulação de currículos, pois os livros são objetos materiais que precisam ser colocados em algum lugar e podem não se adaptar a qualquer categoria tradicional imposta pelos currículos acadêmicos. Logo, diversas ordenações foram sendo sugeridas, utilizadas e descartadas, conforme esclarece Burke (2003, p. 97-98):

A bibliografia geral de Gesner (1548), por exemplo, já achara lugar para a política ao lado de assuntos como filosofia, economia, geografia, magia e artes mecânicas. Sua biblioteca imaginária se tornou base de catálogos de bibliotecas reais, como a biblioteca imperial de Viena na época em que o humanista Hugo Blotius era bibliotecário. Um novo e complexo sistema foi proposto pelo estudioso espanhol Francisco de Aráoz num tratado sobre Como organizar uma biblioteca (1631). Aráoz dividia os livros em 15 categorias. Cinco dessas categorias eram religiosas: teologia, estudos bíblicos, história eclesiástica, poesia religiosa e obras dos Padres da Igreja. Dez eram seculares: dicionários, livros de lugares-comuns, retórica, história secular, poesia secular, matemática, filosofia natural, filosofia moral, política e direito.

Burke (2003) apresenta outras classificações utilizadas em bibliotecas, como a utilizada pela Biblioteca da Universidade de Leiden que, em 1610, distribuía seu acervo em sete categorias: as faculdades de teologia, direito e medicina, ao lado da matemática, filosofia, literatura e história. O autor cita Gabriel Naudé, que critica as classificações extravagantes, opinando que os livros devem ser encontrados sem confusão e sem dificuldade, aconselhando organizá-los em teologia, direito, medicina, história, filosofia, matemática, humanidades e outras. A respeito das variadas classificações utilizadas pelas bibliotecas da época, Burke (2003, p. 98) comenta:

Essas soluções eram pragmáticas, distribuindo o conjunto de disciplinas, mas deixava problemas mais fundamentais em suspenso. Parafraseando Platão, poder-se-ia dizer que, para pôr ordem no domínio dos livros, seriam necessários filósofos-bibliotecários ou bibliotecários-filósofos, combinando os talentos de John Dewey, o filósofo pragmático, com os de Melvil Dewey, criador do famoso sistema decimal de classificação.

Por outro lado, as enciclopédias tiveram sua reestruturação impulsionada pela imprensa, visto que os livros eram impressos em maior quantidade e de forma mais rápida. Logo, em face do mar descontrolado de informações, a necessidade pelas enciclopédias aumentou, visto serem fontes referenciais e bons pontos de partida para a realização de pesquisas. A grande mudança ocorrida na ordenação das enciclopédias foi o uso da ordem alfabética, que no século XVII, assume a posição de principal sistema utilizado para esse fim (BURKE, 2003).

No século XIX, destacam-se dentre as classificações filosóficas surgidas a de Augusto Comte (1798-1857) e a do filósofo alemão Wilhelm Max Wundt (1832-1920). Comte dividiu as ciências em abstratas (fundamentais) e concretas (derivadas), partindo das ciências mais simples, abstratas e independentes para as mais complexas e dependentes: Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia, Sociologia e a ciência suprema: Moral (PIEDEDE, 1983).

Conforme explica Pauli (c1997)¹⁰, a classificação das ciências de Wilhelm Wundt dividiu as ciências em formais e reais, a última subdividindo-se em ciências reais e do espírito, que, por sua vez, subdividem-se em outras disciplinas:

- 1) **Ciências Formais:** referentes ao caráter formal dos objetos, matemáticas puras.
- 2) **Ciências Reais:** advindas da experiência:
 - a) *Ciências da Natureza:*
 - Fenomenológicas: estudam fenômenos ou processos: Física, Química e Biologia;
 - Genéticas: estudam as relações entre processos e objetos: Cosmologia, Geologia;
 - Sistemáticas: tratam dos objetos: Mineralogia, Botânica, Zoologia e etc.;
 - b) *Ciências do Espírito:*
 - Fenomenológicas: estudam fenômenos ou processos: Psicologia;
 - Genéticas: estudam as relações entre processos e objetos: História;
 - Sistemáticas: tratam dos objetos: Direito, Economia, Política, etc.

¹⁰ Documento eletrônico.

A Classificação Decimal de Dewey (CDD), primeira classificação de importância universal, foi criada por Melvil Dewey em 1876, baseada na classificação de William Torrey Harris, que por sua vez é baseada na inversão da classificação de Bacon. A CDD divide o conhecimento em dez classes principais, originalmente: 000 Generalidades, 100 Filosofia e Psicologia, 200 Religião, 300 Ciências Sociais, 400 Linguística, 500 Ciências Puras, 600 Ciências Aplicadas, 700 Belas Artes, 800 Literatura e 900 História Geral. A construção dos números compostos e a representação das facetas dos documentos são possibilitadas pelo uso das tabelas auxiliares, ou *Tables*.

Charles Ammi Cutter, bibliotecário norte-americano, também baseando-se na inversão da classificação de Bacon, criou o sistema Expansive Classification, que pretendia ser utilizado por qualquer biblioteca com qualquer volume de acervo. Essa classificação, onde os assuntos são representados por letras, estrutura-se em sete tabelas, que possibilitam o tratamento em níveis gerais ou específicos, conforme a necessidade da instituição. Devido à complexidade de sua utilização não foi amplamente utilizada, no entanto, acabou por influenciar a classificação da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos (PIEADDE, 1983).

A Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos criou um sistema de classificação próprio, inspirado na Expansive Classification de Cutter, onde os livros foram divididos em classes gerais e entregues a especialistas que elaboraram as subdivisões de suas áreas, sem obedecer a princípios científicos, destacando os assuntos mais importantes e que seriam mais procurados pelos leitores. Desse trabalho resultou um sistema de classificação publicado em volumes separados; o menor deles é o de Folclore, com 43 páginas, e o maior é o de História, com 633 páginas (LENTINO, 1971).

Paul Otlet e Henri de La Fontaine criaram, em 1895, a Classificação Decimal Universal (CDU), originada de um projeto que, inicialmente, traduziria a CDD para o idioma francês. “A idéia foi além dos limites do plano de uma mera tradução, tendo sido feitas várias inovações radicais que transformaram uma classificação exclusivamente enumerativa [. . .] numa outra classificação que permite a síntese.” (FEDERAÇÃO..., 1987, p. viii). A CDU trabalha com dez classes principais: 0 Generalidades. Ciência e Conhecimento. Organização. Informação etc. 1 Filosofia. Psicologia, 2 Religião. Teologia 3 Ciências Sociais. Economia. Direito. Política.

Assistência Social. Educação, 4 Classe vaga, 5 Ciências Puras. Matemática e Ciências Naturais, 6 Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia, 7 Arte. Belas-Artes. Recreação. Diversões. Esportes, 8 Linguagem. Linguística. Literatura, 9 Geografia. Biografia. História. Para a construção de números compostos e sínteses, a CDU prevê o uso de tabelas auxiliares com sinais e subdivisões, que flexibilizam a aplicação desse sistema.

Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972), bibliotecário indiano, estudando os prós e contras de sistemas de classificação já existentes e medindo o crescimento de novos assuntos, percebeu o ciclo dinâmico e contínuo da produção de informações e conhecimentos. Elaborou um sistema de classificação mais revolucionário e flexível, utilizando um método baseado em facetas, utilizando as categorias PMEST: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo. Na *Colon Classification* ou *Classificação de Dois Pontos*, lançada em 1933, Ranganathan mostrou que o número de assuntos que podem ser relacionados em uma classificação é infinito. “Considerou que o conhecimento é multidimensional: as interligações de cada conceito espalham-se em muitas direções e usualmente cada assunto é uma síntese de vários conceitos múltiplos ligados, adotando assim a abordagem analítico-sintética.” (NAVES, 2006, p. 42).

Atualmente, os assinantes de determinadas classificações bibliográficas já podem acessar suas versões eletrônicas, o que certamente facilita o manuseio desses instrumentos e torna mais ágil a localização de assuntos. A *WebDewey*, versão aprimorada da CDD, pode ser acessada no endereço: <http://connexion.oclc.org>, incluindo todo o conteúdo da 22ª edição e atualizações trimestrais da CDD. A CDU disponibiliza um resumo de seu esquema, com cerca de duas mil classes no endereço: <http://www.udcc.org/udcsummary/php/index.php?lang=pt>, de forma gratuita e com opção de visualização multilíngue, inclusive em português. A classificação da Biblioteca do Congresso também disponibiliza aos seus assinantes versão *on-line*, e no endereço: <http://www.loc.gov/catdir/cpsol/lcco/> estão as letras e títulos das principais classes deste esquema.

6 OS SEBOS

Os sebos apresentam interessantes e peculiares aspectos, desde sua estrutura, sua hierarquia, suas origens e seus personagens, que serão abordados nas próximas subseções.

6.1 O que é Sebo?

Os sebos são livrarias que comercializam livros, revistas, gibis, fitas VHS, CDs e DVDs usados. Nesses estabelecimentos pode-se vender ou trocar os livros que não se quer mais, ou adquirir, a um preço acessível, aquele livro que tanto se desejava e não se tinha dinheiro para comprar em uma edição nova. Não se pode esquecer ainda dos garimpadores de preciosidades, por assim dizer, colecionadores que reviram os sebos atrás de edições de livros raros ou edições únicas.

Scliar (2006) lembra que os livros ocupam um espaço considerável se comparados ao tamanho dos apartamentos modernos e a partir daí levanta a questão: onde colocaremos os livros que já lemos e há muito não consultamos? O autor considera que os sebos são ótimos locais para comercializar tais livros, havendo ainda a possibilidade de trocá-los por outros.

A definição encontrada em fontes referenciais para sebos é: "Livraria onde se vendem livros usados; caga-sebo." (SEBO, 2009, p. 1.816). De um modo mais romantizado, Paiva (1999, p. 14) assim define esses estabelecimentos e seus frequentadores:

Espalhados pelas cidades, convivendo, às vezes, lado a lado com megalivrarias, os sebos são, muitas vezes, fruto do sonho de amantes de livros que fizeram de seu ofício um exercício cotidiano de recolha desse objeto, consolidando, ao longo da história, um mercado de livros usados. Para alguns, a chance de aquisição mais em conta desse produto cultural imprescindível; para outros, a aventura em primeira edição, o encontro com o livro raro, o reencontro com uma leitura perdida no tempo, a possibilidade de investigar leituras alheias, gostos, preferências, bibliotecas pessoais descartadas. Infinitas entradas, caminhos novos a serem trilhados...

Uma das indagações mais comuns quando se pensa em sebos é a origem de tal denominação ou apelido. As hipóteses levantadas geralmente convergem para uma mesma explicação, apresentada por Delgado (1999), em sua interessante *Cartografia Sentimental de Sebos e Livros*. Segundo a autora o nome sebo teve origem na época em que não havia energia elétrica e as pessoas liam à luz de velas, que eram feitas de sebo animal, sujando e engordurado os livros.

A *homepage* da Traça Livraria e Sebo (2009?)¹¹ apresenta outra interessante explicação para essa denominação: “Antes da invenção da xerox ou das cópias heliográficas, os alunos da Universidade de Coimbra faziam resumos de suas matérias e os copiavam em litografias, conhecidas como sebatas.”

Torres (2009?, p. 34) explica a origem etimológica do nome sebo e acrescenta que: “As pessoas mais sofisticadas tendem a se alinhar com o significado dado por Silveira Bueno, no Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa, acreditando que o termo derive da palavra greco-latina *sapienti*, que leva a um significado aproximado a ‘saber’, ‘erudição’.” Essa definição pode explicar expressões depreciativas como “metido a sebo” e “caga-sebo” usadas para pessoas que demonstram saber com arrogância.

Aliás, essa mesma expressão também é encontrada no Dicionário Aurélio, Ferreira (2009, p. 1.816) assim a define: “Metido a sebo. Diz-se do indivíduo pedante, vaidoso, metido a importante; sebososo, sebite: ‘todo metido a sebo falando difícil, teimoso..., mas um bocó.’(Antônio de Alcântara Machado, *Novelas Paulistanas*, p. 242).”

Outro termo relacionado ao mundo dos sebos e que pode suscitar dúvidas quanto à sua origem é alfarrabista, comerciante de livros usados, que conforme explica Secchin (2001, p. 9): “Al-Farabi (872-950) foi um filósofo muçulmano, nascido no Turquestão, que viveu em Bagdá e que, por seus conhecimentos e reputação de grande leitor, emprestou seu nome aos livros e documentos antigos ou velhos de pouco préstimo ou valiosos, raros ou comuns.”

Os sebos são tidos pelo imaginário popular como verdadeiros depósitos, onde os livros velhos e empoeirados estão amontoados por todos os cantos possíveis.

¹¹ Documento eletrônico.

São ambientes conhecidos como sujos, desorganizados e literalmente enebados. Inclusive, há pessoas que se sentem atraídas pelos sebos justamente por essa suposta atmosfera, Mansur (2007)¹² opina:

O bom sebo não pode ter muita luz, tem que ser um pouco na penumbra. Também não pode ser muito limpo, bastando um espanadorzinho de vez em quando, para não sufocar os alérgicos. Também não devem ser muito espaçosos, as pilhas de livros precisam formar corredores e esquinas estreitos, fazendo com que o leitor se sinta literalmente (ou literariamente) cercado por livros.

Para muitos o acervo dos verdadeiros sebos deve ser desorganizado ou sem qualquer tipo aparente de organização. Dessa forma, os clientes podem garimpar preciosidades em meio a grandes pilhas de materiais e encontrar de formas totalmente inesperadas aquilo que há muito tempo procuravam. Machado (2003a, p. 14) acredita que a falta de organização dos sebos são exemplos de liberdade de espírito e democracia:

Essas lojas, tantas vezes empoeiradas, gostosamente desarrumadas, são um exemplo de liberdade do espírito, mas também de democracia, no que ela tem de mais fundamental: a livre convivência, num ambiente de tolerância recíproca. O que encanta o freguês é a harmonia entre autores e obras de todas as tendências, épocas e países, uma abolição fantástica do tempo e espaço. Podemos encontrar o sarcástico Voltaire ao lado de seu arquiinimigo Rousseau. Adiante, o angustiado Dostoievski, cercado pelo Código de Hamurabi, e um manual de como fazer doces; Machado de Assis apóia-se em Catulo da Paixão Cearense; o velho e plácido Montaigne é vizinho de um romance, estourando de violência, de Rubem Fonseca. Se o dia for abençoado pelos deuses, pode-se achar uma raríssima edição holandesa ou francesa do século XVIII, ao lado de uma pilha de folhetos de literatura de cordel.

Carvalho (2003, p. 18) concorda com a opinião acima exposta e ressalta a finalidade desses estabelecimentos e as habilidades que seus frequentadores devem possuir para localizar as raridades em meio a tanta bagunça:

O sebo tem muito que mostrar, mas não é vitrina. O melhor está escondido, às vezes relegado a uma prateleira muito alta ou um caixote cheio de peças imprestáveis. Por isso mesmo, o comprador

¹² Documento eletrônico.

deve proceder como um mergulhador ou, no mínimo, ter a perícia do melhor detetive que tenha conhecido.

Nessa mesma linha de raciocínio, Carlos Drummond de Andrade (2004, p. 18) faz uma descrição curiosa e engraçada dos sebos e seus frequentadores:

É agradavelmente desarrumado, como convém ao gênero de comércio, para deixar o freguês à vontade. Os fregueses, mesmo não se dando a conhecer uns aos outros, são todos conhecidos como frequentadores crônicos de sebos. Caras peculiares. Em geral, usam roupas escuras, de certo uso (como os livros), falam baixo, andam devagar. Uns tem a ponta do dedo ressecada e gretada pela alergia à poeira, mas que remédio, se a poeira é o preço de uma alegria bibliográfica?

Lachter (2002) *apud* Cavedon (2008)¹³ chama atenção para os aspectos peculiares dos sebos, ressaltando a humanidade e familiaridade encontrada nesses ambientes, “[...] um sebo não é obrigado a ter as últimas novidades, muitas vezes de qualidade duvidosa: vende o que quer, os livros nos quais acredita. Isto agrada aos leitores. Os sebos hoje têm personalidade. Quase todos têm um gatinho, um jeito de ser, um humor. Um charme que as livrarias estão perdendo.”

Custódio (c1996-2010)¹⁴ elaborou uma engraçada charge sobre o ambiente dos sebos:



Figura 3 – Rato de Sebo

Fonte: CUSTÓDIO, c1996-2010

¹³ LACHER, Marcelo. O que é um sebo, hoje? *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n. 46, dez. 2002. P. 283 *Apud* CAVEDON; STEFANOWSKI (2008, p. 138).

¹⁴ Documento eletrônico.

Atualmente, para bem ou para mal, percebe-se a contínua reversão do cenário apresentado anteriormente, os sebos como ambientes desorganizados, escuros e empoeirados. Cada vez mais, esses estabelecimentos se parecem com as tradicionais livrarias, com espaços limpos, claros, organizados e informatizados. Muitos, inclusive, já ingressaram no mercado eletrônico de livros, constituindo os sebos virtuais, que serão abordados mais adiante.

Falando especificamente em organização de acervos em sebos, Azevedo (2001) sugere que os livros fiquem expostos de maneira que o cliente localize com facilidade o material procurado. Segundo o autor a organização utilizada deve ser semelhante à utilizada por bibliotecas; propõe ainda:

Os livros são separados nas estantes, por grandes categorias – livros técnicos, didáticos, ensaios, biografias, literatura, poesia, infantil, esotérico, etc. – que, por sua vez, são subdivididas (por exemplo, em ciências humanas, informática, medicina, física, etc., para livros didáticos, técnicos, e ensaios e literatura nacional e estrangeira). Nas prateleiras de cada assunto, os títulos devem ser arrumados por ordem alfabética, pelo nome do autor. (AZEVEDO, 2001, p. 23).

Além de possibilitarem a compra de livros a um preço mais acessível, os sebos permitem a descoberta de obras esgotadas e livros raros, bem como coleções valiosas. Outro atrativo irresistível desses ambientes são as formas de negociação, incomuns para as livrarias de livros novos, como a troca e compra de livros.

E, como não poderia deixar de ser, até mesmo pelas trocas comerciais promovidas pelos sebos, acontecem histórias inusitadas e engraçadas nesses ambientes. Scliar (2006)¹⁵ conta um episódio ocorrido com seu amigo Raimundo Carrero:

Ele deu para um amigo um exemplar de uma obra sua, autografada. No dia seguinte foi a um sebo e lá estava o livro. De imediato telefonou ao ingrato presenteado, perguntando o que estava achando da obra. "Maravilhosa", foi a resposta. Então vou lhe dar um conselho, disse Carrero: - Da próxima vez que você vender um livro que ganhou de presente, tire pelo menos a página com a dedicatória.

¹⁵Documento eletrônico.

6.1.1 A “hierarquia” no comércio de livros

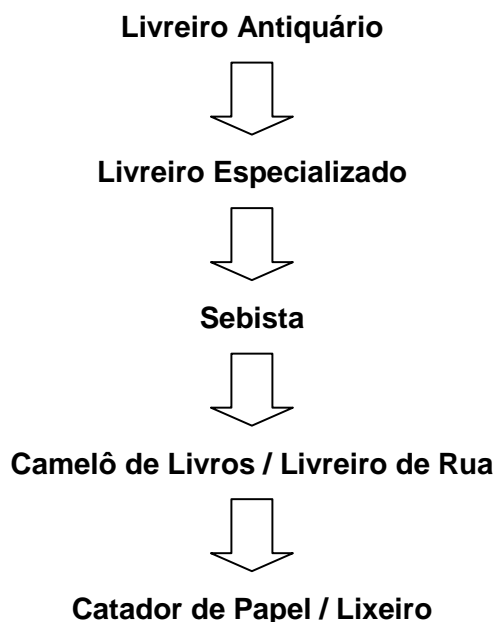
O mundo dos sebos abrange um complexo conjunto de atores. Nele podem-se encontrar livreiros que trabalham em seu próprio estabelecimento, livreiros que vendem seus livros em ruas ou praças públicas; livreiros que trabalham para outros livreiros e as pessoas que vendem seus livros ou bibliotecas pessoais a esses comerciantes (DELGADO, 1999).

Bragança (2009) delinea um interessante quadro, caracterizando e hierarquizando alguns dos elementos que participam do comércio livreiro, no qual situa, abaixo do sebista, o camelô de livros ou o livreiro de rua e abaixo desse último, o catador de papel ou lixeiro.

Na posição imediatamente superior ao sebista encontra-se o livreiro especializado, profissional que trabalha com um tipo específico de acervo e é caracterizado como dono de um acervo organizado e de estantes em bom estado de conservação. Alguns deles fazem catálogos do seu acervo para enviar aos seus clientes, prestam atendimento a distância, percorrem os sebos e se mantêm atentos à morte de colecionadores ou bibliófilos. (BRAGANÇA, 2009).

Há ainda os livreiros antiquários, situados acima do livreiro especializado, que trabalham com grandes colecionadores, bibliotecas e universidades, em nível nacional e internacional negociando incunábulos, manuscritos medievais, poesia do século XVI, edições aldinas ou elzevirianas. No mercado brasileiro, esses livreiros trabalham com documentos coloniais, livros da primeira metade do século XIX impressos no país, manuscritos literários, mapas antigos do “novo mundo”, dentre outros. Suas livrarias são descritas como requintadas e harmoniosas, os livros são restaurados, conservados e vendidos em condições impecáveis. Alguns livreiros antiquários são bibliófilos, participando do circuito nacional e internacional da bibliofilia, inclusive leilões, e não visitam os outros tipos de livreiros. No Brasil, há poucos desse tipo, bem como sua seleta clientela (BRAGANÇA, 2009).

A hierarquia acima explicada por Bragança (2009) está sistematizada na tabela abaixo:

Figura 4 – Hierarquia no Comércio de Livros

Fonte: tabela elaborada pela autora com base nas informações fornecidas por Bragança (2009).

6.1.2 Os sebos virtuais

Muitos sebos aderiram à iniciativa da disponibilização dos livros de seus acervos em lojas *on-line*. Nesse sentido, é interessante falarmos na Estante Virtual, que reúne, atualmente, 1.824 sebos e livreiros, de 300 cidades de diversas regiões do Brasil. Os acervos dos sebos participantes da rede ficam disponíveis para pesquisa e aquisição de forma totalmente eletrônica. Ou seja, tal iniciativa beneficia tanto livreiros quanto clientes, que podem comprar e vender materiais, independente de sua localização espacial, de forma simples e prática.

De acordo com a Estante Virtual (2010)¹⁶ o Portal foi criado há cinco anos e revolucionou a forma de comercialização de livros usados no país. Além de reunir no mesmo local o acervo de milhares de sebos e leitores, acaba por promover o

¹⁶ Documento eletrônico.

processo de informatização dos sebos e, conseqüentemente da recuperação de seus itens, através da possibilidade de consulta aos seus catálogos de forma virtual.

Analisando-se os números apresentados pela Estante Virtual (2010)¹⁷, realmente entende-se de que forma essa iniciativa revolucionou o comércio eletrônico de livros. Em 2004, ano anterior à criação do portal, somente seis sebos disponibilizavam seu catálogo de forma *on-line*, 100 sebos contavam com *sites* rudimentares e menos de 5% tinha seu estoque informatizado. Se antes da criação desse portal, pouquíssimos sebos comercializavam de forma *on-line*, percebe-se que a cada ano que passa novos estabelecimentos aderem ao empreendimento.

Tabela 1 – Crescimento da Estante Virtual

| Ano | Sebos <i>on-line</i> | Leitores cadastrados | Livros vendidos/dia | Livros <i>on-line</i> |
|------|----------------------|----------------------|---------------------|-----------------------|
| 2005 | 60 | 1.100 | 14 | 5 mil |
| 2006 | 300 | 27.000 | 360 | 100 mil |
| 2007 | 700 | 123.000 | 1.000 | 1 milhão |
| 2008 | 1.200 | 340.000 | 2.600 | 3 milhões |
| 2009 | 1.600 | 590.000 | 4.700 | 5 milhões |
| 2010 | 1.800 | 750.000 | 5.000 | 7 milhões |

Fonte: ESTANTE VIRTUAL (2010)¹⁸

Além da Estante Virtual, existem outros portais de venda de livros usados na Internet, o mais representativo deles é o Gojaba. De acordo com o próprio Gojaba (2010)¹⁹, a empresa é uma subsidiária da empresa AbeBooks, “[. . .] o maior mercado *on-line* para livros raros, usados e fora de circulação [. . .].” No mesmo ano que estreou no Brasil, 2008, o Gojaba iniciou suas atividades na Rússia, Suécia e Polônia. Seu maior atrativo para os usuários é a possibilidade de negociar livros com pessoas em qualquer lugar do mundo, ou seja, é um comércio internacional de livros.

Os sebos que aderiram à Internet já retiram, em média, 50% de seu lucro das vendas virtuais. Corroborando com tal afirmação, o livreiro Messias *apud* Bizzotto (2009)²⁰ diz que: “Para a população de São Paulo não mudou muito porque minha clientela gosta de vir aqui, mas comecei a vender livros de norte a sul do País.”

¹⁷ Documento eletrônico.

¹⁸ Documento eletrônico.

¹⁹ Documento eletrônico.

²⁰ Documento eletrônico.

O comércio de livros usados na Internet revolucionou totalmente a rotina de alguns sebos que preferiram fechar suas portas e transferir seus acervos para salas menores, onde atendem somente os pedidos feitos de forma virtual. Há ainda os sebastas que adentraram o mundo da Internet de forma autônoma, comercializando seus produtos em *site* próprio.

O Sebo do Messias, em São Paulo, é um bom exemplo, pois trabalha com dois acervos distintos. Em dois pavimentos de um subsolo mantém 100 mil exemplares disponíveis para venda em seu *site* e em outro local mantém os 150 mil volumes oferecidos aos clientes das suas três lojas de rua (VICTOR, 2010).

Para Torres (2009) as vantagens do comércio *on-line* de livros são a economia de tempo, a praticidade, a organização dos acervos dos sebos, a qualidade dos mecanismos de busca disponibilizados, a variedade dos meios de pagamento e a logística de entrega.

No entanto, ainda há pessoas que não resistem à garimpagem nos sebos pelo método tradicional: estante a estante. Neves *apud* Bizzotto (2009)²¹ relata: "Há livros importantes para a minha pesquisa que as editoras não editam mais [. . .] Prefiro conhecer o espaço para ver a bibliografia riquíssima que ele guarda. Sempre saio com pelo menos um livro."

6.2 O Comércio de Livros no Mundo

O comércio de livros nos remete a um período muito anterior ao advento da imprensa e do livro como é conhecido hoje. Na Antiguidade há registros documentais ou arqueológicos de comercialização de rolos de papiro ou pergaminho. Nesse sentido, abordaremos duas civilizações dessa época: Grécia e Roma.

No fim do século VI, na Jônia, berço da cultura grega, inicia-se a produção de cópias de obras para comercialização. Embora, reconhecendo a falta de suficiente embasamento documental para tal afirmação, Oliveira (1989) arrisca algumas informações sobre o comércio de livros ocorrido na Grécia Antiga, baseando-se

²¹ NEVES, Francismeire. [Entrevista]. São Paulo, [s. n.], 2009. *Apud* BIZZOTTO (2009).

principalmente em desenhos de peças arqueológicas e alguns relatos literários (OLIVEIRA, 1989).

Na Grécia Antiga, em princípio, o livro não era objeto de comercialização, mas sim se restringia a familiares e amigos do escritor. O copista-livreiro (*bibliopoles*) acabou por surgir como conseqüência natural de dois fatores: a ânsia de aquisição por parte de um público leitor e a feitura de cópias para venda realizada pelos copistas (OLIVEIRA, 1989).

É interessante ressaltar que o livro era confeccionado com pergaminho, visto a falta de papiro encontrada na Grécia, e em forma de rolo ou volume, feito de folhas coladas lado a lado e enroladas em dois bastões de madeira ou marfim (OLIVEIRA, 1989).

No século V, Atenas inaugurava suas primeiras livrarias, instaladas na Ágora. Esses estabelecimentos logo se tornaram pontos de encontro dos intelectuais da cidade. Oliveira (1989, p. 51), relata que: “Não apenas a presença e a conversa dos autores em evidência atraíam o público curioso de uma convivência sadia e estimulante. Também a leitura pública das obras inéditas [. . .] reunia ali pequenos grupos interessados em conhecer os próximos lançamentos.”

Um interessante hábito já se cultivava naquela época: eventuais visitas às livrarias para desfrutar da leitura das obras expostas durante certo período de tempo. Costume esse permitido pelos livreiros, que mediante pagamento de pequena quantia permitiam também a cópia de textos curtos.

O comércio de livros gregos estendeu-se pelo Mediterrâneo e, já no século III, Roma era um grande mercado consumidor desses livros. Mas apesar de tudo, é importante ressaltar que o público leitor era limitado e o preço do livro, elevado. Além disso, não se pode esquecer que a oralidade é uma importante característica da cultura grega. A esse respeito, Oliveira (1989, p. 56) conjectura:

Àquela hora – os bons tempos da Grécia – o livro era raro. Seus grandes dias só chegarão no período helenístico [. . .] as páginas que acabamos de ler nos mostraram um povo carente de suportes em que escrever. Teria sido essa míngua que o conduziu ao verbalismo dos rapsodos, da oratória, da Ágora, do ginásio, dos pórticos, dos banquetes, do teatro?

Na Roma Antiga, encontra-se o copista latino, que de forma semelhante ao copista grego, visualizou o lucro que poderia obter comercializando cópias de obras, logo conquistou freguesia e abriu sua loja, transformando-se em livreiro-editor. A respeito do comércio livreiro ocorrido em Roma existem escassas informações, o que existe a esse respeito situa-se no período republicano. Oliveira (1985, p. 237-238) comenta o costume dos autores de obras:

Em Roma, os sábios, os homens de letras ignoraram, durante dois séculos, o que nós entendemos por publicar uma obra. Até o fim da República, eles realizavam, em suas casas ou nas de um protetor, as cópias dos seus trabalhos, distribuindo-as, em seguida, entre as pessoas das suas relações.

Nos primeiros anos do Império, século I a.C., vê-se na capital um ambiente intelectualizado, que desperta no público o interesse por livros de figuras marcantes da época, tais como poetas e prosadores. Além disso, a formação do hábito da leitura é explicada pela fundação de bibliotecas, nesse período. O ambiente das livrarias (*tabernae librarie*) romanas também era propício a atividades culturais, eram, conforme Oliveira (1985, p. 242):

[. . .] animados parlatórios em cujas paredes se acumulavam em pequenos escaninhos as obras à venda. Nos portais de entrada, cartazes anunciando as últimas novidades. Os autores em voga tinham os seus bustos distribuídos pela sala. A propaganda se multiplicava nos muros disponíveis da Cidade. Outra modalidade publicitária era a leitura pública [. . .] incentivada pelos livreiros em suas lojas, a que não faltava um auditório atento. (OLIVEIRA, 1985, p. 242).

Como ocorrido em Atenas, as livrarias latinas tornaram-se locais de encontro de intelectuais que ali se reuniam para discutir os mais variados assuntos.

O mercado editorial e livreiro em Roma teve características específicas: feitura de cópias dos manuscritos sob encomenda (conforme chegada dos pedidos); cobrança de taxas para consulta aos livros postos à venda; iniciativas dos editores de colocar seus nomes nas obras por eles lançados (causando confusão quanto à autoria das mesmas); na compra de livros levava-se pessoa entendida (*grammaticus*) para escolher o exemplar que menos tivesse erros do copista;

realização de propaganda maciça, por parte dos editores, das publicações editadas por eles. (OLIVEIRA, 1985).

Como observado na Grécia, em Roma também o custo dos livros era muito elevado. O leitor de classe média tinha dificuldade em adquirir livros devido a seu alto valor, Oliveira (1985, p. 243-244) oferece uma dimensão do preço deste objeto, “[. . .] um legionário romano, que contasse apenas com seu soldo, para se dar ao prazer de comprar a Eneida, tinha de jejuar quatro meses. Adendo: o legionário era relativamente bem pago.”

Além do comércio livreiro efetuado pelas livrarias, o livro também circulava através do mercado dos vendedores ambulantes, que ofereciam de porta em porta sua mercadoria. Oliveira (1985, p. 242-243) relata como os livros encalhados nas editoras eram comercializados:

Surpresa agradável foi o encontro com o buquinista – que madrugou nas ruas de Roma e que tinha uma das suas caixas de livros no cais do porto de Brindisi, onde Aulo Gélio, regressando da Grécia, diz ter comprado grande quantidade deles em grego, encalhados, por preço de ocasião. Essa era uma das formas utilizadas pela editoras para se livrarem do refugo [. . .] Outras vias de descarga dos pobres enjeitados: a banca de peixe salgado ou as livrarias das Províncias.

Durante toda a Idade Média, percebe-se a presença de livreiros intermediando o acesso a textos manuscritos. No entanto, deve-se ter em mente que esses profissionais atuavam de uma forma muito diversa da conhecida hoje. Além disso, o objeto livro custava muito caro e era privilégio de conventos, catedrais ou pessoas ricas.

Na Idade Média, o livro manuscrito imperou no Ocidente desde a metade do século XIII até o final do século XV, na história do livro esse período é dividido em período monástico e período leigo. O período monástico situou-se entre a queda do Império Romano (em 476 d. C., século V) e o século XII, sete séculos no total, em que o monopólio da produção de livros foi detido pelas instituições eclesiásticas. A respeito do trabalho dos monges copistas, Martins (1998, p. 98-99) esclarece:

Mais do que um simples trabalho de ordem material, a cópia de manuscritos assumia foros de exercício espiritual, capaz de aprimorar as virtudes e de realçar os merecimentos sobrenaturais

dos monges. [. . .] ‘Escrevei! Uma letra traçada neste mundo vos resgatará de um pecado no céu.’

A criação de universidades, o desenvolvimento da leitura entre leigos e a formação da classe burguesa acarretaram profundas mudanças econômicas, sociais e culturais, dentre elas as novas formas de produção, reprodução e difusão do livro. O período leigo, compreendido entre os séculos XIII e XV, trouxe o surgimento de um suporte que baixou o preço do livro, o papel, que foi utilizado, em um primeiro momento, de forma concomitante ao pergaminho. Mais tarde, acabou por suplantá-lo. Mesmo assim, durante o período leigo os mosteiros continuaram copiando manuscritos para uso espiritual, como obras de estudo e manuscritos litúrgicos. (FEBVRE; MARTIN, 1992).

As universidades possibilitaram um ambiente ativo de comércio de livros, pois tanto os professores quanto os alunos necessitavam de textos para apoiar suas atividades. Logo, as universidades tinham que disponibilizar uma biblioteca para consulta aos manuscritos. Essas acabaram desenvolvendo uma verdadeira indústria do livro, reunindo vários profissionais a ele relacionados, como os livreiros (*stationarii*) e copistas. Tais profissionais eram escolhidos por sua boa reputação e capacidade profissional, pagavam uma caução e prestavam juramento à universidade. As atividades desenvolvidas por eles eram rigidamente controladas pelas universidades junto às quais atuavam. (FEBVRE; MARTIN, 1992).

Instalando-se à sombra das universidades e das catedrais, os impressores e os livreiros se aproximavam de duas das mais promissoras concentrações de possíveis fregueses. Parlamentos e cortes de Justiça são outros pontos privilegiados, que reúnem clientela de alto poder aquisitivo, com receptividade maior para obras profanas. (OLIVEIRA, 1989, p. 232).

Nessa época, o livreiro era mais um depositário do que um comerciante de livros, pois devido à relativa raridade do manuscrito, eles eram passados de mão em mão, por várias gerações de estudantes e professores. O livreiro intermediava esse comércio de livros usados, mas era apenas o mandatário do vendedor, somente podia vender ou comprar sob certas condições e só era remunerado com uma comissão determinada. (FEBVRE; MARTIN, 1992). Verger (1999)²² explica:

²² Documento eletrônico.

O mercado de livros de segunda mão era, com efeito, muito ativo, especialmente nas cidades universitárias, onde ele era alimentado pelas obras colocadas à venda por estudantes em necessidade ou deixando a universidade, por aqueles que emprestavam sob penhor, pelos colégios se desvencilhando de seus exemplares repetidos, por herdeiros liquidando a biblioteca de algum tio cura ou cônego, etc.

A universidade controlava a cópia e circulação dos livros através de um engenhoso sistema de empréstimo (aluguel), que perdurou até o final da Idade Média, de manuscritos controlados e minuciosamente revistos (FEBVRE; MARTIN, 1992).

A respeito da localização geográfica do comércio de livros, tem-se que nas ruelas da Montanha, em Paris, em 1368, foram recenseados catorze livreiros jurados (dependentes da Universidade), catorze pergaminheiros (*membranatores*) e seis encadernadores (*bibliopeges*) (OLIVEIRA, 1987).

Avinhão, na França, nos anos em que abrigou a corte papal, também teve movimentado mercado de livros. Um centro famoso do comércio de livros foi Praga, antes da crise hussita. Constança e Basileia transformaram-se em feiras de renome histórico, enquanto duraram os respectivos Concílios. As cidades italianas de Roma, Florença, Verona, Ferrara, Milão e Veneza sempre constaram entre os locais onde os bibliófilos encontravam as disputadas raridades com que enriquecer as suas coleções (OLIVEIRA, 1987).

Outro importante aspecto do comércio livreiro foi a demanda da nova classe social, a burguesia, por livros de especialidades e de literatura. No entanto, não há muitas informações a respeito da atuação de livreiros fora dos meios universitários. Sabe-se que os livreiros juramentados podiam comerciar livros com particulares e que, nesse caso, não estavam submetidos às mesmas regras. Febvre e Martin (1992, p. 36) esclarecem que:

É certo que desde o final do século XII, na França, desde os primeiros anos do século XIV na Inglaterra, existiam verdadeiras oficinas de copistas que trabalhavam para produzir, para certos livreiros, textos em língua vulgar vendidos exatamente nas mesmas condições em que o são hoje os livros impressos.”

McGarry (1999) explica que os *stationarii* não supriam a grande demanda por livros proveniente das universidades, do aumento das pessoas alfabetizadas e da nova classe burguesa. Logo, existia um mercado ansioso por uma técnica que produzisse textos em maior quantidade e que custasse um preço mais acessível. Ao encontro disso, Johann Gutenberg desenvolveu uma nova tecnologia, aperfeiçoando a técnica de xilogravura dos chineses, criando os tipos móveis e descartáveis e utilizando a prensa de lagar, usada na vinicultura, para adaptar o prelo de impressão.

As adaptações técnicas de Gutenberg revolucionaram o universo da imprensa, que rapidamente se espalhou para outros locais da Europa e mais tarde pelo mundo, essa invenção acabou por revolucionar a história da produção de livros. A imprensa multiplicou sobremaneira a quantidade de informações circulantes. Para exemplificar esse salto no crescimento da impressão de livros, Burke (2002, p. 175) comenta que:

Na alta Idade Média o problema fora a escassez, a falta de livros. No século XVI o problema era o da superfluidade. Antonfrancesco Doni, escritor italiano, em 1550 já se queixava da existência de 'tantos livros que não temos tempo para sequer ler os títulos'. Livros eram uma 'floresta' na qual os leitores poderiam se perder, segundo Jean Calvin. Eram um 'oceano' pelo qual os leitores tinham de navegar, ou uma 'inundação' de material impresso em meio a qual era difícil não se afogar.

A Idade Moderna, do século XV ao século XVIII, trouxe a multiplicação da quantidade de impressoras e conseqüentemente sua produção. Os vendedores ambulantes, enviados por grandes editores a várias cidades para oferecer livros, comercializavam os impressos consumidos pelo mercado da época: calendários, almanaques, abecedários, livros de horas, livros de piedade e, mais tarde os romances de cavalaria. Ao final do século XVI, a multiplicação dos colégios ocasionou uma crescente demanda por livros didáticos. Apesar disso, a maioria dos livros continuava limitada a um pequeno número de leitores (FEBVRE; MARTIN, 1992).

Os comerciantes ambulantes representam um importante aspecto do comércio livreiro na Idade Moderna, como os livreiros fixos instalaram-se nas grandes cidades, a atuação desses comerciantes continuou somente em pequenas

idades, burgos e campos. Ao longo do século XVI, esses ambulantes foram responsáveis pela circulação clandestina de panfletos e obras de propaganda proibidos. No século XVI, muitos foram queimados pela venda de obras heréticas e na França, nos séculos XVII e XVIII, embastilhados pela venda de panfletos hostis ao poder real. Também nos séculos XVII e XVIII, nas grandes cidades, venderam muitas estampas gravadas em madeiras, almanaques e romances de cavalarias. (FEBVRE; MARTIN, 1992).

A impressão de uma obra em grandes tiragens não apresentava muitas dificuldades, no entanto, o gasto financeiro era considerável para compor um texto e inseri-lo nas formas. Esse fato levava os impressores e livreiros a imprimir em grandes quantidades para contrabalançar o preço da composição. O que os levava a outra grande dificuldade da época: a falta de mercado que absorvesse essa produção livreira de maneira rápida e que permitisse a obtenção de algum lucro (FEBVRE; MARTIN, 1992).

Quando o mercado de livros começa a organizar-se, em meados de 1480, o preço dos livros baixa de forma acentuada e, conseqüentemente as tiragens aumentam. “Ao final do século XV, alguns grandes editores atingem, portanto, a cifra de 1.500 exemplares.” (FEBVRE; MARTIN, 1992, p. 316). A partir desse momento, as tiragens dos livros estabilizam-se ao redor dessa cifra. No século XVII costuma-se imprimir os livros em tiragens que variavam entre 1.500 e 2.000 exemplares e no século XVIII as tiragens são realizadas em número superior a 2.000 exemplares (FEBVRE; MARTIN, 1992).

Durante a Idade Moderna, o comércio enfrentou problemas para escoar a produção livreira, visto que as cidades eram menos populosas, o número de leitores reduzido, a circulação difícil e grande os riscos de contrafações. Para ilustrar a forma de distribuição utilizada na época, em lotes pequenos, Febvre e Martin (1992, p. 320-321) comentam como Gabriel e Philibert Cramer, que eram editores e livreiros genebrinos, venderam a coleção completa das obras de Voltaire:

[. . .] enviaram, em separado ou junto, 1.600 exemplares a Robin e 600 a Lambert, ambos livreiros em Paris; 142 a livreiros de Avignon, 80 a livreiros de Basileia, 36 ao palácio das vendas de Dijon, 50 a Marc-Michel Rey em Amsterdã, 75 a Pierre Machuel em Rouen, 25 a Bassompierre, 25 a Gaude de Nimes, 25 a Gillebert, cônego da

catedral de Besançon, 25 a Reycendes e Colomb em Milão, 20 a Jean de la Ville, 18 a Jeanne-Marie Bruyset, 12 a de La Roche e 15 a Camp, todos livreiros em Lyon, 24 a Chrétien Hérold em Hamburgo, 16 a Boyer e o mesmo número a Joseph Colomb, ambos de Marselha, 12 a Claude Philibert em Copenhague, 12 a Barbou em Limoges, 10 a Pierre Vasse em Bruxelas, 7 a Pierre Chouaud em Bruxelas, 6 a Johann-Georg Lochner em Nuremberg, 6 a Élias Luzac em Leiden e menor número de exemplares a Gênova, Cadiz, Turim, Milão, Parma, Berna ou Veneza, sem contar alguns volumes isolados enviados a particulares.

Percebe-se, portanto, que os livreiros enfrentavam inúmeras dificuldades. O transporte era algo muito caro e, mais difícil no caso dos livros, pois eram mercadorias volumosas e pesadas. Para reduzir o preço final do livro começou-se o transporte de livros “em branco”, ou seja, não encadernados. Devido à sua fragilidade, o livro deveria ser transportado em navio ou de carro, arriscando-se a ser molhado dentro do porão de um navio ou estragado por intempéries. Na tentativa de proteger a mercadoria, os livros eram depositados em tonéis de madeiras e mesmo assim, frequentemente chegavam estragados (FEBVRE; MARTIN, 1992).

O extenso percurso geográfico necessário à distribuição dos livros é ilustrado por Febvre e Martin (1992, p. 322) ao comentarem que os livreiros de Lyon, grandes exportadores de livros para a Itália e Espanha, assim encaminhavam sua mercadoria: “[. . .] para a Itália em carros, por terra, através dos Alpes, para a Espanha, por terra até o Loire, depois pelo rio até Nantes e de lá pelo Atlântico até um porto espanhol, depois ainda por terra até Medina Del Campo de onde eram redistribuídos.” Além disso, nas baldeações os riscos de erros eram grandes porque os responsáveis pelas mesmas não sabiam ler. Logo, o que indicava o local de destino mais que o endereço escrito era o sinal em forma de monograma gravado nos tonéis.

Outra grande dificuldade enfrentada pelos livreiros da época eram as formas de pagamento, visto que não havia organização bancária adaptada a esse tipo de comércio. As formas utilizadas até o final do século XVII foram a troca e a promissória. O livreiro recebia o fardo, anotava o que devia e ao enviar um fardo anotava o que o outro lhe devia. Ao final de grandes intervalos, as contas eram acertadas e o devedor pagava pelo sistema de promissória triangular (FEBVRE; MARTIN, 1992).

A promissória triangular era um método pelo qual os livreiros, quando em débito com algum colega, transferiam a dívida para outro livreiro que, por sua vez, tinha débitos a serem acertados com ele. Febvre e Martin (1992, p. 323-324) explicam tal sistema na prática:

[. . .] um Cramoisy de Paris que recebia de Moretus em Antuérpia um maior número de livros do que lhe enviava e que se tornava assim seu devedor mas que enviava muitos livros aos livreiros de Bruxelas, a Léonard (pai de Léonard de Paris), sobretudo, transferia a Moretus as somas que Léonard lhe devia. Como Antuérpia e Bruxelas eram duas cidades vizinhas, situadas na mesma região, não havia problemas. Esse método, simples em teoria, era bastante complicado na prática, pois as promissórias passavam frequentemente de mão em mão.

Apesar dos riscos que tal sistema trazia, como a falta de pagamentos que paralisaria o trabalho dos editores e o comércio entre dois países; ou ainda a falência de uns, que poderiam provocar um efeito cascata de falências, foi utilizado até o século XVIII (FEBVRE; MARTIN, 1992).

Os livreiros recorriam a “agentes” com o objetivo de criar redes comerciais que consumissem as tiragens dos livros com rapidez. Esses agentes percorriam as cidades grandes e pequenas, em períodos de festas locais e feiras, apresentando listas de obras que poderiam fornecer. Eles retornavam muitas vezes às cidades nas quais obtiveram bons lucros e acabavam por estabelecer-se no local, abrindo loja própria. É dessa forma que aparecem livreiros varejistas em muitas cidades (FEBVRE; MARTIN, 1992).

A rede comercial do livro é organizada por toda a Europa em meados de 1490. Os livreiros varejistas, que vendiam as obras impressas pelos grandes editores, instalaram-se por toda parte; e por sua vez, possuíam agentes em várias cidades (FEBVRE; MARTIN, 1992).

Febvre e Martin (1992, p. 327) comentam que além do alcance de um público maior, a facilidade de transporte e de pagamento, o hábito de vender os livros em feiras, tornadas pontos de encontros entre livreiros e impressores, também servia a:

Poder encontrar-se em intervalos regulares, fazer as contas, pagar dívidas, comprar o material tipográfico necessário aos fundidores e aos cortadores de caracteres que também vêm para discutir os problemas comuns, anunciar a próxima publicação de um livro, assegurar-se de que nenhum outro editor pensa imprimi-lo, fixar com

os livreiros de outras cidades as bases de intercâmbios regulares, são todas razões que incitam livreiros e impressores a freqüentar as grandes feiras.

Na primeira metade do século XVI a feira mais importante foi a de Lyon, importante centro tipográfico e sede das grandes feiras internacionais. Lyon, devido à sua privilegiada localização geográfica, quase na fronteira com a Itália e em comunicação com a Alemanha pela Suíça, tornou-se uma encruzilhada comercial muito ativa. Todas as mercadorias comercializadas na Europa lá eram recebidas e dela distribuídas para toda a França. Para estimular esses eventos, os reis franceses concediam aos negociantes muitos privilégios (FEBVRE; MARTIN, 1992)

Lyon desempenha o papel de 'plataforma giratória' de toda uma parte do comércio internacional do livro: são os livreiros lioneses que introduzem na França a produção dos prelos italianos, tão importante nessa época, e também dos prelos suíços e alemães – que, por outro lado, não deixam de imitar e de contrafazer. Possuindo muitas vezes agências em Toulouse, desempenham, por outro lado, um papel essencial na exportação dos livros para a Espanha. (FEBVRE, MARTIN, 1992, p. 329).

Durante o século XVI outras feiras de livros desenvolvem-se e adquirem maior importância, destacando-se, entre elas, a de Frankfurt. Essa cidade, desde muito cedo, atraiu agentes de grandes livreiros de diversos locais da Europa, que se multiplicaram a cada ano que passou. A publicação dos catálogos das feiras foi uma das grandes contribuições das feiras de Frankfurt, que durante a segunda metade do século XVI e primeira metade do século XVII foram o grande centro de difusão das impressões em alemão (FEBVRE; MARTIN, 1992).

O declínio das feiras de Frankfurt e desenvolvimento das feiras de Leipzig, entre 1630-1640, representa o término do comércio internacional de livros na Europa e início de um comércio mais regional com grande quantidade de textos em língua nacional (FEBVRE; MARTIN, 1992).

O consecutivo aumento da impressão de livros provocou grande necessidade de saber o que estava sendo reimpresso, tanto para livreiros quanto para os eruditos. Os catálogos das feiras de Frankfurt desempenharam esse papel, enquanto tais eventos existiam. Durante o século XVII os editores publicavam seus

catálogos com mais frequência, muitas vezes ao final dos livros que publicavam. Na segunda metade do século XVII tais artifícios mostram-se insuficientes, nessa época surgem os jornais bibliográficos, que continham resenhas sobre as obras recentemente publicadas (FEBVRE; MARTIN, 1992).

O comércio do livro usado desenvolveu-se e desempenhou um papel importante, pois no século XVII o livro é considerado como um objeto de valor que necessita ser preservado e que tem uma longa existência. A respeito desse comércio:

Esse se encontra nas mãos dos bouquinistas, é claro, e dos livreiros que expõem os livros e que são encontrados em todas as grandes cidades: em Lyon, na ponte do Saône, em Paris, nas pontes e no cais do Sena. Mas também, muitas vezes, grandes livreiros especializados se dedicam a isso em Paris, por exemplo, no final do século XVI, David Douceur, que aproveitou a pilhagem de numerosas bibliotecas ao longo das guerras de religião para reunir um estoque enorme de livros; no século XVII, Thomas Blaise e mais tarde Louis Billaine, que compra no exterior, especialmente na Inglaterra, milhares de obras das quais publica, em seguida, para revendê-las, os catálogos com o nome de *Milliaria*. (FEBVRE; MARTIN, 1992, p. 340)

Os comerciantes de livros usados começam a adquirir bibliotecas de estudiosos que faleceram. Ao longo do século XVII esse comércio desenvolveu-se, surgindo a venda em leilão, utilizada até os dias de hoje. Nos leilões, os especialistas e posteriormente os bibliófilos disputam os livros raros com os livreiros. O sistema rapidamente espalhou-se pela Holanda, na segunda metade do século na Alemanha e Inglaterra, e no início do século XVIII na França (FEBVRE; MARTIN, 1992).

A partir dessa época o desenvolvimento do comércio livreiro passa a ocorrer de forma regionalizada e que para se obterem dados do mesmo devem-se focar países ou cidades específicas. Como o foco do presente estudo são as livrarias brasileiras, passemos a apresentar sua história.

6.3 O Comércio de Livros no Brasil

O Brasil Colonial apresentou uma realidade muito pobre em relação à vida cultural de seus habitantes. Especificamente em relação ao comércio de livros, podemos afirmar que já existia algum estabelecimento que trabalhasse com a matéria, embora a literatura da área apresente divergências quanto ao ano exato em que se iniciou esse tipo de comércio.

Para Hallewell (1985) o início de nosso comércio de livros deu-se no ano de 1792, no Rio de Janeiro. Segundo ele, nessa época havia apenas duas livrarias na cidade, uma delas pertencente a Paul Martin.

Moraes (1979) explica que os dados sobre livrarias ao final do século XVIII são escassos e cita um visitante que esteve no Rio de Janeiro em 1793, constatando a presença de uma única livraria; cita também os Almanques do Rio de Janeiro, de 1792 e 1794, que registram apenas uma livraria, enquanto que em 1799 já existiam dois desses estabelecimentos.

Cavalcanti (1995) embasado no relatório do governo do vice-rei Luís de Vasconcelos, afirma que entre os anos de 1779 e 1789 havia quatro livreiros no Rio de Janeiro. Cita ainda os mesmos Almanques do Rio de Janeiro de 1792, 1794 e 1799, cujos dados já foram apresentados no parágrafo anterior.

O mesmo autor descobre ao acaso um senhor chamado José de Sousa Teixeira que é o proprietário da livraria mencionada no Almanque de 1794 que comercializava em sua loja: “[. . .] livros, de cuja listagem ainda constavam mapas, estampas, [. . .] tecidos, de botões, de fios para sapateiro, de lenços, meias, bocetas (pequena caixa de papelão ou madeira) e machetes.” (CAVALCANTI, 1995, p. 186).

Com o objetivo de facilitar a visualização e comparação dos dados apresentados pelos diferentes autores, apresenta-se a sistematização dos mesmos em uma tabela, ressaltando-se que os autores divergem inclusive a respeito do início do comércio de livros no Brasil.

Tabela 2 – Início do Comércio de Livros no Brasil

| | Hallewell | Moraes | Cavalcanti |
|------------------|------------------|---------------|-------------------|
| 1779-1789 | | | 4 livrarias |
| 1792 | 2 livrarias | 1 livraria | 1 livraria |
| 1793 | | 1 livraria | |
| 1794 | | 1 livraria | 1 livraria |
| 1799 | | 2 livrarias | 2 livrarias |

Fonte: dados da pesquisa

Divergências à parte, é necessário reconhecer que uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos livreiros nesse período era a falta de procura por livros e acontecia de frequentemente terem seus produtos leiloados publicamente.

Cavalcanti (1995) retrata como o comércio livreiro era realizado no Rio de Janeiro. O autor conta que, além de adquirir livros diretamente na livraria, as pessoas costumavam encomendar livros de conhecidos que morassem em Lisboa ou que fossem dessa para o Rio de Janeiro, ou ainda encomendar diretamente de livreiros no Reino.

Outro importante aspecto do comércio livreiro da época é abordado por Hallewell (1985) que relata que os livros importados deveriam obrigatoriamente passar pela censura e que acabaram por se tornar somente um dos inúmeros produtos que entravam de forma ilícita no Brasil Colonial. As autoridades brasileiras tinham dificuldades em fiscalizar o contrabando ao longo da costa do país e, no caso dos livros, esse processo de fiscalização era realizado junto aos livreiros. E é justamente pela censura e a impossibilidade de ler-se o que se deseja que se explica o número de somente duas livrarias no Rio de Janeiro durante o período colonial.

Em 1800, o Brasil contava com 3.600.000 milhões de habitantes, dos quais uma minoria sabia ler. Na verdade, havia uma desconfiança generalizada em relação à cultura e, em especial, à leitura. Naturalmente, o conceito de livraria é diferente do que se conhece atualmente. Na época, a livraria era o estabelecimento que além de livros comercializava artigos de papelaria, porcelanas, tecidos, chás, etc. Essa diversidade de produtos buscava compensar a falta de procura por livros e o demorado retorno financeiro dessa atividade (MACHADO, 2003b).

Essa heterogeneidade de atividades comerciais empreendidas por um mesmo 'homem de negócios' é muito freqüente durante o período colonial na cidade do Rio de Janeiro. Para esses negociantes a percepção de que determinada transação comercial poderia gerar lucros atraentes levava-os a participarem daquele negócio (CAVALCANTI, 1995, p. 186).

A chegada de D. João VI e sua corte ao Rio de Janeiro, consequência da invasão francesa de Portugal, em 1808, começa a modificar a situação da cidade. Essa padecia com a insalubridade de sua estrutura, que mais se parecia com uma aldeia rodeada por pântanos e lagoas podres, com ruas estreitas e mal cheirosas. Com a vinda da família real portuguesa, o Rio de Janeiro apresenta significativo crescimento demográfico e avança com iniciativas como a Abertura dos Portos, o Jardim Botânico, o Museu Nacional, o Banco do Brasil, entre outras promovidas por D. João VI (HALLEWELL, 1985).

A vinda da família real portuguesa impôs também a aquisição de uma tipografia, uma vez que o governo necessitava de uma impressora para seus próprios interesses. Ironicamente, era o próprio governo português que proibia a impressão na colônia, buscando mantê-la técnica e intelectualmente dependente da metrópole. Após a instalação oficial da Imprensa Régia na capital do reino, a quantidade de tipografias multiplicou-se em todo o país (HALLEWELL, 1985).

Outra consequência da chegada da Corte no Brasil é o surgimento das verdadeiras livrarias, fazendo anúncios na Gazeta do Rio e imprimindo na última página das obras impressas por elas uma lista de livros de que dispunham. A Gazeta também era o veículo utilizado para os particulares desfazerem-se de livros que não mais queriam. (MORAES, 1979).

De acordo com Machado (2003b), nessa época, a cidade contava com apenas três livrarias, a loja da Gazeta, de Paulo Martin Filho, a de Manoel Jorge da Silva e a de Francisco Luís Saturnino da Veiga. A corte movimentou a vida cultural do Rio de Janeiro, dando-lhe um ar de cidade européia. Em apenas 18 anos, a cidade tornou-se a maior do continente, sua população dobrou e o número de livrarias cresceu 220%, ou seja, em 1826, já havia oito estabelecimentos.

No entanto, para Delgado (1999), em 1808, havia apenas duas livrarias em Ipanema, a de Manuel Jorge da Silva e a de Paulo Martin Filho. Segundo a autora,

três livrarias foram abertas em 1809: a de Francisco Luís Saturnino da Veiga, a de Manuel Mandillo e a de João Roberto Bourgeois.

Para Moraes (1979), em 1817 existiam quatro livrarias no Rio de Janeiro. O autor elenca catorze livrarias, no período de 1808 e 1822, das quais elege as que considera mais importantes: a loja da Gazeta, de Paulo Martin Filho, a de Manoel Jorge da Silva, na Rua do Rosario, a de Francisco Luís Saturnino da Veiga e a de Manuel Joaquim da Silva Porto, na Rua da Quitanda (MORAES, 1979).

Já em, 1821, segundo Delgado (1999), contabilizavam-se dezesseis livrarias na cidade, quinze em 1850, e 47 em 1900. Sendo que das 47 existentes em 1900, cinco eram sebos. É interessante ressaltar que os primeiros sebos surgiram, em 1875, também no Rio de Janeiro; das 23 livrarias existentes nesse ano, oito eram sebos.

Ou seja, a proporção da quantidade de sebos por livrarias no ano em que começou, 1875, era de quase 35%, enquanto que em 1900 essa proporção cai, mesmo com o aumento do número de livrarias, para aproximadamente 18% de sebos. O que talvez seja explicado pelo aumento na oferta de livros novos, causado pelo surgimento de novas tipografias, consequência da Imprensa Régia.

Como também nesse período não há consenso quanto ao número de livrarias existentes, apresenta-se a tabela abaixo para ilustrar as divergências dos dados apresentados pelos autores:

Tabela 3 – Desenvolvimento do Comércio de Livros no Brasil

| | Hallewell | Delgado | Machado | Moraes |
|------------------|------------------|----------------|----------------|---------------|
| | 2 livrarias | | | |
| 1808 | 2 livrarias | 2 livrarias | 3 livrarias | |
| 1809 | | 3 livrarias | | |
| 1810 | 6 livrarias | | | |
| 1817 | | | | 4 livrarias |
| 1820 | 16 livrarias | | | |
| 1821 | | 16 livrarias | | |
| 1808-1822 | | | | 14 livrarias |
| 1823 | 13 livrarias | | | |
| 1826 | | | 8 livrarias | |
| 1829 | 9 livrarias | | | |
| 1842 | 12 livrarias | | | |
| 1847 | 13 livrarias | | | |
| 1850 | 12 livrarias | 15 livrarias | | |
| 1860 | 17 livrarias | | | |

| | | |
|-------------|--------------|----------------------------|
| 1863 | 17 livrarias | |
| 1870 | 30 livrarias | |
| 1875 | | 23, das quais 8 eram sebos |
| 1890 | 45 livrarias | |
| 1900 | | 47, das quais 5 sebos |

Fonte: dados da pesquisa.

Após a queda de Napoleão, muitos franceses emigraram para o Brasil, estabelecendo-se na Rua do Ouvidor, com elegantes livrarias. Como o comércio de livros em Portugal, ao final do século XVIII e começo do século XIX era dominado por franceses, os livreiros franceses do Rio de Janeiro, como Paulo Martin Filho, mantinham fortes relações comerciais com eles (MORAES, 1979).

Os comerciantes franceses, presença cada vez maior na cidade, trouxeram a elegância e as gentilezas do comércio parisiense. Ao contrário da tradição portuguesa, as livrarias tornam-se sofisticadas e dispensam tratamento especial aos clientes (MACHADO, 2003b).

Cada província brasileira, diante do isolamento político, econômico e da dificuldade de comunicações, mantinha seu comércio livreiro diretamente com a Europa, que fornecia a maioria de seus livros, além de contar com pequena produção local (HALLEWELL, 1985).

A navegação a vapor facilitou as relações comerciais entre Rio de Janeiro e as províncias, que foram gradativamente suplantadas pela considerável produção livreira do Rio de Janeiro. A cidade deteve a predominância da produção livreira, entre 1840 e 1880, devido a diversos fatores, como o status de capital do país, a concentração de literatos e intelectuais, a presença de editoras prestigiadas, maior concentração populacional e posição geográfica privilegiada (HALLEWELL, 1985).

Além do Rio de Janeiro, no início do século houve apenas outra capital com vida cultural ativa, Salvador, que possuía uma excelente biblioteca pública. Apesar das boas condições da capital baiana, em 1821 havia somente duas livrarias lá estabelecidas, que eram extremamente pobres e cobravam preços muito elevados. Em 1835, Carlos Poggetti instalou a primeira livraria “de verdade” na Rua Novo Comércio, nº 21 e, em 1845, a cidade já contabilizava oito livrarias (MACHADO, 2003b).

A Casa do Livro Azul, sebo brasileiro, surgiu no ano de 1828, em momento pós Independência do Brasil, na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Seu proprietário, Albin Jourdan, francês de nome “abrasileirado” Albino Jordão, envelheceu, cegou e perdeu quase toda a audição, a buzina que usava para escutar os clientes tornou-se famosa na cidade inteira. Comercializava seus livros a preços baratos e atendia intelectuais, estudantes e políticos. Os dois auxiliares de Jordão eram pouco atenciosos e, quando demoravam a atender o cliente, o proprietário do sebo, utilizando-se de sua buzina, ouvia o freguês e localizava de forma certa o livro desejado (pois só ele conhecia a ordem dos livros nas estantes). O estabelecimento funcionou até 1852, quando Jordão morreu (MACHADO, 2003a).

A década de 40 no Rio foi marcada pelo predomínio de livreiros franceses, como os Mongie, os Cremières, os Dujardin e os Didot. No ano de 1845, Baptiste Louis Garnier instalou sua livraria na Rua do Ouvidor, nº 69, que em pouco tempo se tornaria a loja mais importante da cidade e, na década de 60, o ponto de encontro preferido dos intelectuais cariocas (MACHADO, 2003b).

Outro sebo brasileiro, que funcionou na década de 1850, também no Rio de Janeiro, era muito popular; especialmente entre os estudantes. Localizava-se na Rua da Imperatriz, próximo ao Imperial Colégio de Pedro II. Seu proprietário, Alves, era um português de personalidade agitada e violenta, com fama de conhecer todos os livros e suas datas de impressão. Os estudantes gostavam de atormentá-lo. Conta-se que, certa vez, um deles fez sua montaria entrar de costas na loja. Seu Alves reagiu, batendo no cavalo, que acabou por escoicear as estantes e atirá-las ao chão (MACHADO, 2003a).

Na década de 40, de forma lenta e irregular, o mercado livreiro começou a se expandir em todo o país. Em várias cidades surgiram livrarias pioneiras: São Luís contabilizava três livrarias em 1845, e Recife, segunda cidade do Brasil, duas livrarias. A expansão atingiu ainda as cidades interioranas, algo antes impensável e, em 1844, é inaugurada a Loja do Livro Verde, futura Ao Livro Verde, em Campos, no Rio de Janeiro (MACHADO, 2003b).

Na década de 50, as livrarias multiplicaram-se na Corte, tornando-se definitivamente pontos de encontros de intelectuais. Em 1851, havia treze livrarias no Rio de Janeiro; em 1859, eram dezesseis. A concorrência obrigava os livreiros a publicar anúncios em jornais. A livraria mais popular da década foi a do livreiro Paula Brito, localizada na Praça da Constituição, nº 78, que concentrava intelectuais,

artistas e políticos. Essa foi uma das poucas que eram propriedade de um brasileiro, pois o mercado era dominado por portugueses e franceses. O estabelecimento funcionou até o ano em que morreu seu proprietário, 1861 (MACHADO, 2003b).

Nessa década, percebe-se um aumento das tipografias anexas às livrarias e a inauguração da Livraria Clássica, de Nicolao A. Alves, que acabaria por se tornar uma das lojas mais tradicionais do Rio de Janeiro. Esse crescimento das livrarias da Corte, sinal da prosperidade do país, refletiu-se em outras cidades brasileiras.

Ao final da década de 50, São Paulo era uma cidade extremamente provinciana com uma pequena taxa populacional, 12 a 14 mil habitantes. Contava apenas com duas livrarias, a de Bernardino José Dias Torres d'Oliveira e a de José Fernandes de Sousa, o Pândega (MACHADO, 2003b).

Em 1860, o francês Anatole Louis Garraux abriu sua livraria em São Paulo, estabelecimento que se tornou centro de encontro dos intelectuais paulistas. Apesar de terem surgido nove livrarias na cidade, os negócios de Garraux cresceram e ele tornou-se o primeiro livreiro a disputar a venda de livros com comerciantes cariocas. Publicava anúncios em jornais cariocas, tentando convencer estudantes a adquirir seus livros na capital paulista e evitar na bagagem o peso adicional de seus livros. Por sua vez, os livreiros da Corte acusavam Garraux de ser mentiroso e cobrar preços acima da tabela (MACHADO, 2003b).

Minas Gerais tem o surgimento de suas primeiras livrarias na década de 1850. Nessa época também o comércio livreiro no Rio Grande do Sul começou a estabelecer-se e, em 1850, a livraria de Joaquim Alves Leite foi inaugurada na Rua da Praia, nº 224, em Porto Alegre. Ao contrário do ocorrido com as outras capitais brasileiras, o comércio livreiro surgiu também em cidades do interior do estado, ocorrendo um raro equilíbrio do número de lojas na capital e no interior (MACHADO, 2003b).

Em 1860, o Rio de Janeiro apresentou um aumento significativo no número de livrarias, no início da década havia dezesseis e em 1869 já eram 28 estabelecimentos. Em 1871, aparecia o livreiro que se tornaria um mito no Rio de Janeiro, o alfarrabista João Martins Ribeiro, sua primeira loja, a Livraria Politécnica, localizou-se na Rua São José, nº 93 (MACHADO, 2003b).

A Grande Livraria Paulista foi fundada em 1876, existindo até hoje como Livraria Teixeira, sendo considerada a mais antiga livraria de São Paulo. Funcionou como local de encontros entre literatos e intelectuais da época e foi iniciadora das tardes de autógrafos (DELGADO, 1999).

Nessa época, o mercado de livros começou realmente a se expandir fora do Rio de Janeiro. Como exemplo dessa expansão comercial de livreiros/editores, Francisco Alves d'Oliveira, em 1883, abriu sua loja no Rio de Janeiro e, posteriormente, filiais da mesma em São Paulo (1893) e Belo Horizonte (1906). Como editor, acabou por explorar o mercado para livros escolares no país (DELGADO, 1999).

A Proclamação da República, em 1889, abalou o mercado livreiro, que antes havia se desenvolvido de forma significativa. Se no início da década de 80, o Rio contava com 40 lojas, sendo onze sebos, em 89 o número subiu para 50 livrarias, sendo nove sebos. A crise livreira, ocasionada pela retração da freguesia, diminuiu o número de livrarias a cada ano. Em 1900, eram somente 28 livrarias, sendo quatro sebos.

A respeito dos sebos existentes no Rio de Janeiro, no início do século XX, Moraes *apud* Delgado (1999)²³ faz um interessante relato sobre sua aparência e (des)organização:

[. . .] o Sebo, o comércio de livros usados era primitivo, vivia isolado do mundo. A própria instalação, a apresentação da mercadoria, era rudimentar. Os livros estavam misturados nas estantes e espalhados aos montes pelo chão. Os Sebos mais progressistas faziam uma classificação rudimentar: Direito, Literatura, Livros Escolares... Muito dono de Sebo mal sabia o que tinha. O freguês tinha que remexer, que 'fuçar', para encontrar o que lhe convinha. Era uma tradição dos Sebos deixar os livros em desordem para dar ao freguês o gosto de remexer e a ilusão de descobrir. Não resta dúvida que um dos grandes prazeres do bibliófilo é remexer livros, de bouquiner. Mas quanta poeira se engolia, quanta dor nos joelhos de passar horas agachado, fuçando as prateleiras baixas! Os que não queriam sujar as mãos, engolir poeira e sofrer dores nas costas, liam no Jornal do Comércio de domingo os anúncios dos Sebos.

²³MORAES, Rubens Borba de. Conversa de porta de livraria. In: *Catálogo 205 da Livraria Kosmos: raridades para bibliófilos, assuntos fora do comum do século XV ao XIX*. Rio de Janeiro, 1960, P. 1-4. *Apud* DELGADO (1999, p. 52).

Do início do século XX à época da Primeira Guerra Mundial, o comércio livreiro no Brasil enfrentou uma crise. Com a edição de livros diminuindo no país, vários escritores brasileiros acabaram por editar seus livros em Portugal, o que ocasionou uma quantidade maior de livros importados nas lojas. Mesmo com essa crise editorial e a falta de papel ocorrida na época, as livrarias brasileiras escaparam ilesas. (MACHADO, 2003b).

Em 1901, havia 29 livrarias no Rio de Janeiro, das quais cinco eram sebos. Os sebos foram beneficiados com a crise e vivenciaram um período de prosperidade. No primeiro ano da Guerra, 1914, o Rio de Janeiro apresentou um crescimento de 25% no número de livrarias em relação ao ano de 1901, ou seja, 36 livrarias.

O sebo Gazeau, de propriedade de um francês de mesmo nome, foi aberto no ano de 1910 no Largo da Sé em São Paulo. Segundo Moraes (1965) o Gazeau acumulou pequena fortuna, pagando ninharias (sempre dez tostões) pelos livros que comprava e revendendo-os a preços altíssimos. As raridades e edições esgotadas eram encontradas pelos garimpadores no porão de Gazeau, que ao longo dos anos juntou um estoque enorme de livros e lá os armazenou. A quantidade de livros era tanta e alguns há tanto haviam sido adquiridos que seu dono nem sabia o que havia em seu famoso porão. De acordo com Moraes (1965, p. 40):

Recordo-me com saudade das tardes que ali passei, ajoelhado, remexendo nos baixos das prateleiras ou trepado numa escada descobrindo livros. Lembro-me que um dia descobri o primeiro volume de uma obra rara, que me interessava sobremaneira. Peguei o volume desparelhado e perguntei ao Gazeau se ele não tinha o segundo volume. Ele me respondeu: - 'Porcurre' e o senhor 'encontrá'.

E foi exatamente isso que aconteceu, ele acabou procurando por vários dias até encontrar o segundo volume de tal obra.

A Livraria Leite Ribeiro, que foi aberta em 1917, acabou tornando-se um símbolo dos novos tempos, lugar de encontro dos intelectuais que não se sentiam muito à vontade na Livraria Garnier (MACHADO, 2003b).

Após a superação da crise dos anos de guerra, São Paulo apresentou 600% de crescimento em sua produção. A produção editorial deslocou-se do Rio de Janeiro para São Paulo. Mas, mesmo com esse cenário favorável, ainda ocorreram

alguns reflexos da crise: no início da década de 20, o preço do papel no Brasil subiu, as vendas de livros caíram e muitos editores foram a falência, inclusive Monteiro Lobato.

A prosperidade da editora de José Bento de Monteiro Lobato inspirou muitos outros a entrarem no ramo, logo sua queda foi um poderoso golpe na moral de todos editores. Lobato revolucionou o mercado editorial nacional, lançando autores, pagando direitos autorais justos e inovando nas técnicas de divulgação e distribuição de livros. Hallewell (1985, p. 250-251) comenta sobre uma das inovações lançadas por Lobato no comércio de livros:

Sua atitude em relação à propaganda também se mostrou original a seus contemporâneos: ele percebeu que já não era suficiente depender da cortês recomendação verbal do livreiro a cada freguês potencial, que se baseava no conhecimento íntimo de uma clientela muito limitada, e lançou-se a uma ampla publicidade em jornais. Isto já vinha sendo um modo bastante normal de promoção de vendas no século dezenove, mas em 1918 ainda era considerado uma afronta à dignidade de um livreiro respeitável. Lobato não tinha inibições desse tipo: se os livros deviam ser vendidos como sabão, eles precisavam ser anunciados da mesma maneira

Já na segunda metade da década de 20, as editoras recuperaram-se e as livrarias voltaram a expandir-se. A partir da década de 30, o Rio de Janeiro começou a retomar sua posição de grande centro cultural e artístico do país. Durante a crise, a editora e livraria de José Olympio estabeleceu-se na cidade. Logo, os modernistas elegeram-na como principal ponto de encontro da cidade (MACHADO, 2003b).

Na década de 30, a Livraria Ideal, fundada pelo professor Raul Stein no Rio de Janeiro, desenvolveu uma interessante estratégia para incentivar o hábito da leitura criou, junto ao sebo, uma biblioteca circulante. Por dois mil réis o cliente retirava até cinco livros para ler em casa, no entanto, tal iniciativa fracassou devido a não devolução ou devolução de livros danificados ou fora do prazo. O estabelecimento foi fechado antes de completar um ano de funcionamento (BRAGANÇA, 2009).

No Rio de Janeiro, os sebos estavam localizados em ambos os lados da Rua São José e logo começaram a espalhar-se pelo centro. Em 1935, nasceu o sebo Kosmos, referência nacional, que chegou a ter lojas no Rio, São Paulo, Guarulhos,

Campinas e Porto Alegre. A livraria paulista Siciliano expandiu-se, instalando suas primeiras filiais fora da cidade (MACHADO, 2003b).

Durante a Segunda Guerra Mundial houve um aumento na procura por livros, o mercado editorial cresceu e novas importantes livrarias surgiram. No Rio de Janeiro, a livraria Zélio Valverde, criada em 1932, viveu sua época de ouro na década de 40. Já em São Paulo surgiu a livraria Brasiliense no ano de 1943. Ambas marcaram a vida cultural de suas cidades (MACHADO, 2003b).

O comércio paulistano e carioca presenciou a abertura de muitas livrarias em bairros das cidades, que não prejudicavam as grandes lojas instaladas no centro. O contraste entre os grandes mercados livreiros e os demais estados acentuou-se; em 1943, 70% das livrarias do país estavam concentradas nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (MACHADO, 2003b).

Em 1946, outro sebo foi batizado com o nome de Livraria Ideal, esse fundado pela empresa Mônaco e Cia. Tal sebo rapidamente juntou grande quantidade de livros usados e raros, que lhe valeu grande público atrás de preciosidades a preços módicos. Bragança (2009) comenta que os sebistas do Rio de Janeiro e São Paulo procuravam na Livraria Ideal obras raras e que tal fato demonstra o lugar desse sebo no circuito do livro usado. Segundo o autor:

Do cordel à bibliofilia, constitui-se um sistema de recepção e circulação em que o sebista ou alfarrabista, cuja loja é, em geral, desorganizada e empoeirada, é o primeiro ponto de captação formal dos livros usados descartados. Compra e vende a preços relativamente baixos. Conhece uma parte do que vende e compra, mas seu interesse é circular o estoque rapidamente. (BRAGANÇA, 2009, p. 113).

A Livraria Ideal cultivava um hábito curioso, seu dono Silvestre mantinha um caderno de fiados e, muitas vezes, o próprio cliente anotava o que estava comprando e abatia o que pagava. Loretto *apud* Bragança (2009, p. 116)²⁴ relata outra curiosidade a respeito dessa livraria:

Outra particularidade é que o Emílio, que era o lugar-tenente do Silvestre, conhecia todos os livros também e um dia ele me confessou que não sabia ler direito. E eu falei: mas, Emílio, como

²⁴ Depoimento do autor, gravado em 21.2.1998. *Apud* BRAGANÇA (2009, p. 116).

você identifica os livros com tanta facilidade? Ele me falou: - Eu identifico pela lombada, pelo tipo do livro.

Ainda no ano de 1946, José Mindlin e Claude Blum, amigo e também colecionador, abriram uma livraria especializada em livros raros, a Livraria Parthenon, no centro de São Paulo. Mindlin (1997) conta que para montar o acervo dessa loja, passou três meses na Europa, que devido à economia abalada pelo pós-guerra vendia obras a preços moderados. No entanto, o autor não ficava muito feliz ao comercializar seus produtos,

[. . .] quando se vendia um bom livro, era uma tristeza...! porque nós não podíamos ficar com os livros – tínhamos a obrigação moral de vendê-los [. . .] Felizmente, tive o cuidado de pedir aos compradores que, se tivessem no futuro idéia de vender algum, não deixassem de falar comigo. Pois passado algum tempo, vários deles me procuraram, e assim, nos dez ou quinze anos seguintes, consegui recomprar quase todos os bons livros que tinham passado pela livraria. (MINDLIN, 1997, p. 123-124).

A Livraria Parthenon pertenceu a esses proprietários somente até 1951, quando foi repassada ao gerente da loja, Álvaro Bittencourt, que manteve a loja até o ano de sua morte, 1991. Mindlin perdeu o interesse pelo negócio quando os livros raros escassearam no mercado e a Parthenon começou a importar livros novos. Ao final, sua alma de bibliófilo falou mais alto e ele sentiu na pele a diferença entre uma biblioteca particular e uma livraria (MINDLIN, 1997).

Na década de 50, as livrarias passaram por um período de tranquilidade e nostalgia. Os anos 60 trouxeram grande explosão do mercado editorial e expansão de grandes cadeias livreiras. A carioca Entrelivros e as paulistas Saraiva, Nobel, Melhoramentos e Siciliano são exemplos dessa fase.

A década de 70 repetiu o crescimento da década anterior, mas as desigualdades continuaram. Em todo o país havia 1.493 livrarias, no entanto, somente São Paulo concentrava 605 livrarias. O Piauí tinha apenas seis e Roraima e Rondônia, uma cada (MACHADO, 2003b).

A década de 80 trouxe ao mercado livreiro a era da informática, os computadores foram um produto a mais a ser vendido nas lojas especializadas. Muitas livrarias transferiram-se ou instalaram-se em shoppings, locais mais seguros e com clientela mais selecionada. A grande concorrência obrigava as livrarias a

desenvolverem estratégias para fidelizar clientes e, no final da década, surgiram os primeiros cafés em livrarias, prática acentuada nos anos 90 (MACHADO, 2003b).

A década de 90 foi marcada pelo estabelecimento de grandes livrarias, as *megastores*, fato que acabou por fechar várias livrarias e obrigar algumas a diversificar seus produtos. Como no século XIX, muitas lojas passaram a vender artigos de papelaria, tabaco, presentes, etc. Apesar disso, o número de livrarias no país continuou a crescer. A cidade com maior número de livrarias, Porto Alegre, tinha a proporção de uma livraria para cada 12.363 habitantes (MACHADO, 2003b).

Na primeira década do século XXI, percebe-se o predomínio das *megastores*, que disponibilizam outros produtos além de livros, como CDs, DVDs, artigos de informática, entre outros. O que se observa ainda é o crescimento dos *e-books*, livros cujo *download* gratuito é feito via Internet, dos *e-readers*, leitores de livros digitais, e da comodidade e praticidade das compras *on-line* de livros. Podemos finalizar nossa pequena história das livrarias no Brasil com a reflexão de Delgado (1999, p. 41-42):

Sejam os livreiros franceses (Garnier e Laemmert) que aportaram no Brasil tornando-se editores de autores nacionais; Francisco Alves, que na virada do século se firmou como casa editora mais conhecida e bem situada no mercado; Monteiro Lobato que, na São Paulo dos anos vinte, revolucionou com métodos ousados o mundo das edições no Brasil [. . .]; José Olympio, que fez de sua loja mais do que um estabelecimento comercial, uma 'casa' de livros e leitores ou os alfarrabistas ilustres e anônimos das muitas províncias e cidades espalhadas pelo país –, que proporcionou a outros livreiros, nos anos seguintes, a possibilidade de prosseguirem na constituição e consolidação de um mercado nacional de livros, no qual cada um se afirmou reforçando uma especificidade própria.

Realmente, todos esses livreiros e sebistas acabaram contribuindo de alguma forma para o mercado editorial e livreiro que se tem atualmente. A única coisa a lamentar é que toda essa história do livro no país não acarretou o barateamento de seu preço, sendo ainda hoje um bem inacessível a algumas parcelas da população, como sempre foi, desde seu início no Brasil Colonial.

7 METODOLOGIA

São apresentados nesta seção os procedimentos metodológicos utilizados para a realização deste estudo, abrangendo os subitens: tipo de estudo, população, amostra, instrumento de coleta de dados, pré-teste, método de coleta e o tratamento dos dados obtidos.

7.1 Tipo de Estudo

O tipo de estudo realizado classifica-se como descritivo, pois busca estabelecer relações entre as variáveis estudadas, objetivando a interpretação de uma determinada realidade. Conforme o procedimento utilizado para a coleta de dados (pessoas como fonte), pode-se ainda classificar o presente estudo como um levantamento, pois, de acordo com Gil (2002), esse é caracterizado pelo recolhimento de informações de um grupo significativo acerca do problema a ser estudado.

A abordagem quanti-qualitativa, que embasou a formulação das análises e considerações, mostrou ser a mais adequada aos objetivos propostos para a pesquisa de um determinado grupo com o apoio de um questionário com perguntas abertas e fechadas. Esse tipo de abordagem é definido por Figueiredo (c2004, p. 107-108) como aquela que “[. . .] associa análise estatística à investigação dos significados das relações humanas, privilegiando a melhor compreensão do tema a ser estudado, facilitando desta forma a interpretação dos dados obtidos.” Conforme Polit e Hungler *apud* Figueiredo (c2004, p. 108)²⁵, “[. . .] permite a complementação entre palavras e números.”

²⁵ POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. *Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. P. 277 *Apud* FIGUEIREDO (c2004, p. 108).

7.2 População e Amostra

A população, definida como "[. . .] o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum." (MARCONI; LAKATOS, 2007b, p.41), utilizada para a determinação da amostra desse estudo constitui-se de todos os sebos localizados na cidade de Porto Alegre.

Para localizar, determinar a concentração e definir a quantidade de sebos no município, realizou-se um levantamento, disponível no Apêndice B do presente estudo. A dados que serviram de base para tal relação foram retirados em *sites* de busca (Google, Google Maps, Hagah), portais de venda de livros (Estante Virtual, Sebos Online), guias de sebos (SECCHIN, 2001; BRITO, 2003), entre outros. Além disso, todos os endereços foram confirmados por telefone e/ou pessoalmente.

Logo, a população da pesquisa foi definida em vinte e nove sebos, calculando-se 20% desse total para a definição de uma amostra representativa, chegou-se ao número de seis sebos. A concentração destes estabelecimentos é na região Central de Porto Alegre, onde os sebos escolhidos foram selecionados de forma aleatória.

7.3 Instrumento de Coleta dos Dados

O instrumento para coleta de dados escolhido para o presente estudo é o questionário, que de acordo com Parasuraman *apud* Chagas (2000)²⁶ "[. . .] é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto."

O questionário é constituído por uma série de perguntas a serem respondidas por escrito, tratando-se de um instrumento de coleta de dados que permite a economia de tempo, a amplitude e simultaneidade no alcance de um maior número de sujeitos e a obtenção de respostas rápidas e com maior grau de precisão (MARCONI; LAKATOS, 2007a).

²⁶ PARASURAMAN, A. *Marketing research*. 2. ed. New York: Addison Wesley Publishing, 1991. *Apud* CHAGAS (2000).

O questionário (Apêndice A) utilizado no presente estudo é de responsabilidade da autora do trabalho, composto por dezessete perguntas, algumas abertas e outras fechadas. Há ainda questões que apresentam subitens ou desdobramentos do enunciado. A respeito da tipologia das questões utilizadas em questionários, Marconi e Lakatos (2007b) esclarecem que:

- a) questões abertas: livres ou não limitadas, são aquelas que permitem ao pesquisado responder livremente e emitir opiniões;
- b) questões fechadas: limitadas ou de alternativas fixas, são aquelas em que o pesquisado escolhe entre duas opções: sim ou não; favorável ou contrário, etc.;
- c) questões de múltipla escolha: são perguntas fechadas mas que apresentam várias possibilidades de resposta.

7.4 Pré-teste

De acordo com Marconi e Lakatos (2007b), o procedimento mais adequado para a validação de um instrumento de coleta de dados é o pré-teste. Esse processo permite a adequação do instrumento de pesquisa aos objetivos propostos, considerando variáveis como o tempo de preenchimento, o número de questões, a profundidade ou a superficialidade das questões, o entendimento das mesmas, dentre outros.

O objetivo inicial para aplicação do pré-teste era um sujeito com a mesma característica da população (sebos de Porto Alegre), no entanto, como houve grande dificuldade em conseguir a amostra, não se pôde dispensar um respondente para isso. Logo, definiu-se que o pré-teste seria (e foi) submetido a um sujeito que não fosse proprietário de sebos, mas que também não tivesse conhecimentos

biblioteconômicos, o que possivelmente revelaria em que pontos o questionário deveria ser melhorado.

O primeiro aspecto notado foi o tempo de preenchimento do questionário, que foi cerca de oito minutos, tempo considerável adequado para o número de questões propostas. No entanto, obviamente o tempo despendido para responder o instrumento depende de fatores individuais como extensão e elaboração das respostas, forma de preenchimento (manual ou automatizada), entre outros.

No pré-teste o respondente apontou algumas lacunas em três questões com opções de marcar, na primeira delas o tempo de experiência elencado nas questões não era abrangente o suficiente, nas duas últimas questões estava faltando a opção Outros.

Finalmente, percebeu-se que para o correto entendimento das questões seria necessário o acréscimo de parênteses explicativos ou com exemplos no instrumento de coleta de dados.

7.5 Procedimento de Coleta de Dados

Os questionários foram enviados através de e-mail e um foi entregue pessoalmente ao sujeito respondente. A coleta de dados teve que ser obrigatoriamente dessa maneira porque os sujeitos não aceitaram ser entrevistados ou mesmo que a pesquisadora aplicasse o questionário, alegando motivos como falta de disponibilidade e tempo.

7.6 Tratamento dos Dados

A tabulação dos dados configura-se em um fator primordial para organização dos dados e sua posterior análise, Marconi e Lakatos (2007b) explicam que esse procedimento é importante para a verificação da existência de relações entre os resultados.

Nesse sentido, após a coleta de dados, se procedeu à organização dos resultados em tabelas, com o auxílio do *software* Excel 2007 em um computador. Essas tabelas deram origem aos gráficos, que facilitaram a posterior análise, que é definida como “[. . .] a tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudados e outros fatores.” (MARCONI; LAKATOS, 2007b, p. 35).

7.7 Limitações de Estudo

Os principais fatores limitantes do estudo foram o tempo para aplicação do instrumento de coleta de dados e a falta de receptividade por parte dos sujeitos estudados a respondê-lo.

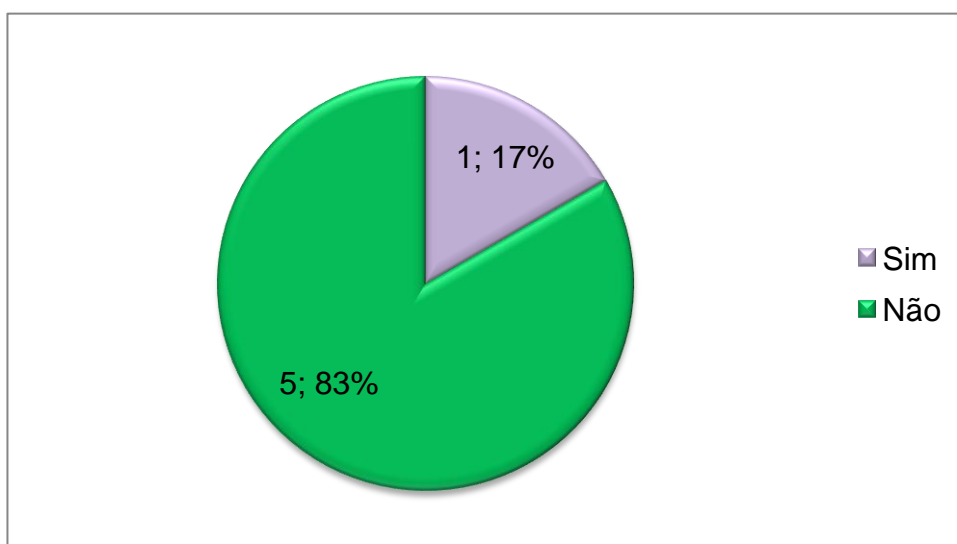
8 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção apresenta os resultados obtidos após a aplicação dos questionários aos sujeitos do estudo. A ordem de apresentação e análise foi modificada em uma questão em relação à das questões no instrumento de coleta de dados.

8.1 Expansão física do sebo

Uma das primeiras questões propostas aos sujeitos da amostra refere-se à existência de filiais em seus sebos, com o objetivo de relacionar tais expansões com o desenvolvimento, a mudança ou a consolidação do método de organização da informação dos itens utilizado. O gráfico abaixo demonstra a proporção de sebos que possuem e dos que não possuem outras unidades:

Gráfico 1 – Existência de filiais



Fonte: dados da pesquisa

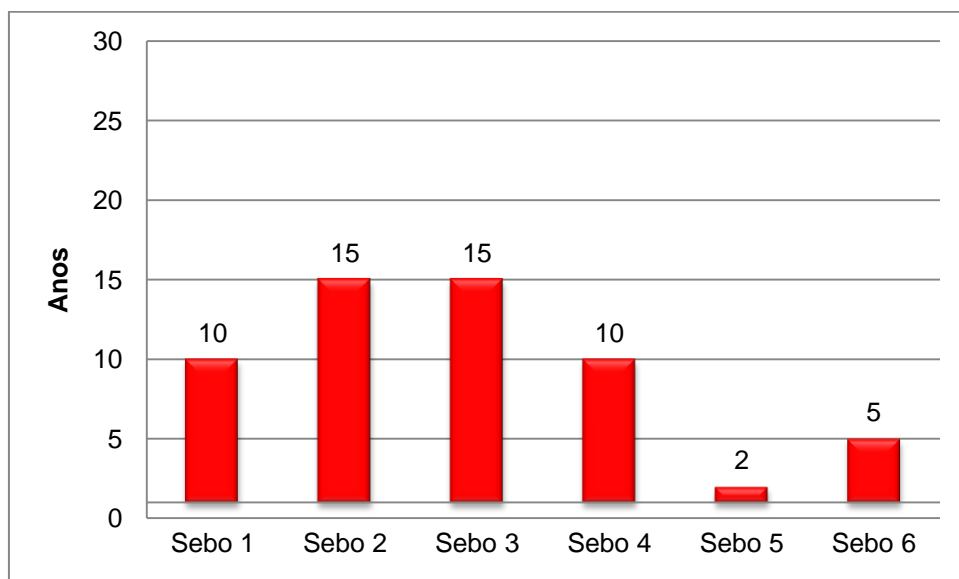
A questão sobre a expansão física ou existência de filiais do sebo, demonstra que a grande maioria dos pesquisados possui somente uma loja, com exceção do Sebo 1. No entanto, esse sebo também utiliza uma organização dos itens de seu acervo semelhante a todos os outros pesquisados.

Logo, pode-se afirmar que a expansão física da loja não influenciou de forma alguma a forma de organização, somente consolidou a utilização da organização temática e alfabética de autor pelo referido sebo. Pois, todos os sebos estudados, independente do número de estabelecimentos que possuam, utilizam essa mesma opção de organização do acervo.

É interessante ressaltar, até mesmo ao observar as classificações bibliográficas ao longo da história, que as formas de organização sempre foram sendo propostas, testadas, descartadas, adotadas ou aperfeiçoadas. Devido ao pragmatismo inerente a este tipo de ordenação, deve-se adaptá-las conforme o contexto em que é utilizado. Nesse sentido, a quantidade de locais em que são aplicadas, bem como o tempo de utilização (mote do próximo subitem) pode fornecer uma pista a respeito do sucesso de tais arranjos.

8.2 Tempo de experiência em sebos

A questão experiência do sebista foi proposta com o objetivo de relacionar tal aspecto com a organização da informação aplicada aos itens dos acervos utilizada. Para permitir uma visualização mais fácil dos dados obtidos, apresenta-se o gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Tempo de experiência em sebos

Fonte: dados da pesquisa

O gráfico apresenta os anos de experiência em sebos que os sebistas possuem. É importante ressaltar que o questionário abrangia faixas de anos e que o valor 10 refere-se à faixa de 10 a 15 anos, o valor 15 refere-se à de 15 a 20 anos e o valor 5 refere-se à faixa de 5 a 10 anos.

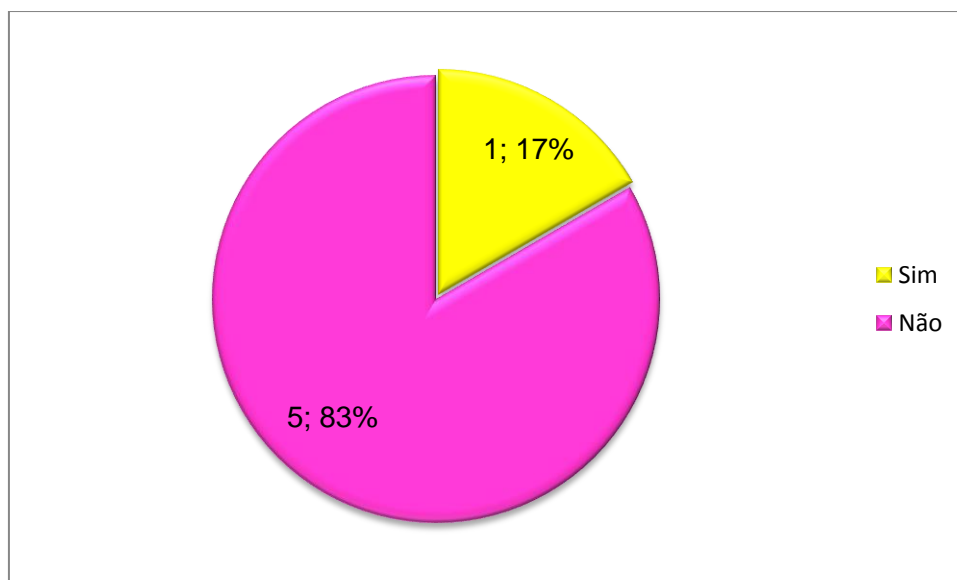
A maior parte da amostra, 67% ou quatro sebos, possui experiência considerável no ramo, superior a 10 anos. Além disso, é interessante lembrar que o enfoque da pergunta é a experiência pessoal do livreiro e não seu tempo como proprietário de sebo. Como, por exemplo, o proprietário do Sebo 3, que durante anos trabalhou em outra livraria ou o proprietário do Sebo 2, que foi vendedor ambulante de livros, durante 17 anos, na UFRGS.

Finalmente, essa questão também demonstra que, baseados em sua própria experiência, os livreiros optam pela mesma forma de organização, que foi e é sendo continuamente testada e aprovada por todos eles.

8.3 Comercialização de outros produtos

A questão sobre a venda de outros produtos além de livros foi proposta com o objetivo de relacionar a variedade ou homogeneidade de materiais com a escolha da organização dos itens dos acervos. As respostas obtidas são apresentadas da forma esquematizada abaixo:

Gráfico 3 – Venda de outros materiais



Fonte: dados da pesquisa

Somente o Sebo 1 comercializa materiais além de livros: disco de vinil, cd's, quadros, gravuras e pequenas antiguidades. Este estabelecimento, possivelmente, possui um público diferenciado dos outros que funcionam somente como sebos. Pois, se o acervo trabalha com tantos tipos de materiais é porque devem existir compradores.

Pode-se relacionar essa variedade de produtos com o início da história do comércio de livros no Brasil, que, como já explicado no referencial teórico, era muito heterogêneo, trabalhando com produtos como tecidos, porcelanas, chás, etc. para compensar a falta de demanda por livros no mercado e o demorado retorno financeiro (CAVALCANTI, 1995). Mesmo nos tempos atuais, as grandes redes e megastores comercializam diversos tipos de materiais novamente. Logo, é natural

que alguns sebos consigam sobreviver no mercado com produtos usados de natureza diversa de livros.

Neste momento, pode-se esclarecer a diferença entre o público frequentador das livrarias tradicionais (venda de livros novos) do frequentador de sebos. A clientela do primeiro deseja e pode adquirir livros novos e, além de usufruir do espaço dos livros da loja, pode desfrutar de espaços com produtos de informática, papelaria, eletrônicos, entre outros; enquanto os clientes dos sebos buscam livros específicos ou procuram aleatoriamente livros de seu interesse, não se importando com seu estado de usado, ou mesmo os procuram por isso, pelo seu uso, seu valor de mercado, sentimental e histórico.

E mesmo assim, ambos os estabelecimentos, as livrarias tradicionais e os sebos, utilizam classificações semelhantes em seus acervos, porque afinal o objetivo é o mesmo: a comercialização de livros.

Como o sebista do Sebo 1 não citou outro tipo de organização da informação para seus diferentes tipos de materiais, supõe-se que ou utiliza-se a mesma organização dos livros ou a quantidade dos mesmos é tão pequena que a organização não é considerada digna de citação pelo sebista.

8.4 Organização do acervo

Os sebos são unânimes na forma de organização utilizada: assunto e ordem alfabética do sobrenome do autor. Cabe destacar o Sebo 6, que trabalha com dois acervos distintos, um de livros novos e outros de livros usados. Embora, ambos estejam organizados da forma padrão já citada.

Quando indagados a respeito do porquê e desde quando esta forma de organização é utilizada, as respostas também são uniformes:

“Por ser o padrão mais utilizado. Desde o início é feito desta forma.”
(Sebo 1)

“Desde o início, pois este critério facilita a localização dos livros.” (Sebo 2)

“Desde sempre. Facilita para a nossa organização e também para os clientes.” (Sebo 3)

“Para melhor organizar, para o cliente encontrar com maior facilidade. Desde sempre.” (Sebo 4)

“Desde o início é organizado dessa forma, confiei na larga experiência da minha sócia em sebos.” (Sebo 6)

“É um tipo de organização muito comum entre os sebos e é usada desde a fundação do Sebo.” (Sebo 5)

A pergunta que se impõe após a leitura de tão semelhantes respostas é porque eles nunca tentaram alguma organização diferenciada? Essa organização é tão satisfatória assim? O público já está tão acostumado a ela que não se acostumaría com outro arranjo?

É interessante ainda lembrar uma publicação do SEBRAE, citado no referencial teórico deste estudo, que ensina a montar um comércio de livros, abordando diversos aspectos, entre eles a organização do acervo. Nesse aspecto, Azevedo (2001), autor do livro, sugere que se utilize o critério de assunto e, dentro desse, a ordem alfabética de autor.

Ou seja, pode-se supor que esta organização é a mais utilizada, a mais recomendada e a mais comum ao público alvo, que pode localizar-se em qualquer sebo.

Obviamente, desde que as áreas temáticas do acervo estejam correta e destacadamente sinalizadas. Em relação a esta pergunta, todos responderam que sinalizam seus acervos através de placas fixadas nas estantes.

Em relação à pergunta se a organização utilizada permite que todos os funcionários e clientes encontrem facilmente um item, todas as respostas foram positivas, alguns fizeram explicação ou ressalvas.

O sebilista do Sebo 1 destacou o papel do comércio eletrônico de livros, que tornou mais ágil a organização do acervo, o que pode subentender que antes não estivesse totalmente organizado ou sinalizado suficientemente.

A sebilista do Sebo 4 retomou o aspecto da sinalização, explicando que as áreas que possuem subdivisões são orientadas por ela mesma. Logo, o cliente não é tão autônomo assim em sua busca.

A resposta do sebista do Sebo 6 deixou claro que quem trabalha no sebo localiza-se bem e que os clientes ou perguntam sobre o material buscado ou circulam livremente pelo acervo; logo, subentende-se que os clientes conseguem localizar-se também de forma satisfatória. Embora nem sempre de maneira autônoma:

“Nós encontramos-nos bem no acervo, quando os clientes buscam materiais específicos são orientados quanto à presença ou não do item e sua localização. Há clientes que preferem circular livremente pelo sebo.” (Sebo 6)

A resposta do sebista do Sebo 5 demonstra um interessante indício sobre a familiaridade dos clientes com a organização:

“Sim. Normalmente, os clientes já têm alguma experiência em busca de livros em sebo.” (Sebo 5).

Essa resposta leva a concluir que realmente os clientes estão habituados a esta forma de organização, diga-se de passagem, “popular” e acabam localizando-se em todos os sebos que entram.

O que varia de sebo para sebo é a determinação das grandes áreas, que está diretamente relacionada com a ênfase e predominância de assuntos no acervo.

8.5 Áreas temáticas do acervo

As principais áreas temáticas dos acervos dos sebos pesquisados pertencem às Ciências Humanas. O quadro abaixo mostra a distribuição de áreas de acordo com os estabelecimentos. Cabe ressaltar que essas áreas foram citadas pelos próprios livreiros, podendo haver mais áreas predominantes que os mesmos preferiram não citar.

Ainda sobre a escolha das áreas, é interessante verificar que os próprios livreiros as elegeram, logo, explica-se a ocorrência de termos como crítica literária e

poesia. Pode-se supor que a determinação de tais áreas seja imposta pela grande procura nos sebos em que são utilizadas.

A explanação através de um quadro foi escolhida pela dificuldade na localização de um gráfico que abrangesse de forma satisfatória os acervos dos diferentes sebos. Para facilitar a visualização da coincidência de áreas, as mais frequentes foram organizadas em posição superior às restantes.

Tabela 4 – Distribuição temática dos acervos

| SEBO Área | Sebo 1 | Sebo 2 | Sebo 3 | Sebo 4 | Sebo 5 | Sebo 6 |
|--------------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Literatura | X | X | X | X | X | X |
| História | | X | X | X | X | X |
| Psicologia | X | X | X | X | X | |
| Filosofia | X | X | X | | X | |
| Política | X | | X | X | | |
| Religião | X | | | X | X | |
| Antropologia | | X | | X | | |
| Esoterismo | | X | | | | X |
| Direito | | | | | X | X |
| Sociologia | | X | | | X | |
| Administração | X | | | | | |
| Economia | X | | | | | |
| Poesia | | | X | | | |
| Autoajuda | | | X | | | |
| Crítica Literária | | | | X | | |

Fonte: dados da pesquisa.

É interessante destacar que a Literatura é uma grande área de todos os sebos pesquisados, e a Psicologia e História são citadas em quatro sebos no total. Logo, pode-se presumir que estas são áreas mais passíveis de serem vendidas, compradas ou trocadas em sebos. Até mesmo porque áreas muito específicas e sem demanda não são rentáveis em sebos.

A esse respeito, deve-se considerar que nas Ciências Humanas as modificações acontecem de forma mais lenta e as informações permanecem válidas por um tempo maior, já nas Exatas o tempo de atualização é bem mais rápido, não há interesse por material ultrapassado. Nessa última, inclusive, a publicação de um livro pode ser algo demorado e desatualizado, logo a preferência por periódicos e outras comunicações mais ágeis.

Essa lógica seguida pelos livreiros é muito acertada, uma vez que a organização utilizada deve ser consoante com as demandas do público, além de ser simples e de fácil entendimento, permitindo que o leitor rapidamente se familiarize com o arranjo utilizado. Como essa organização é comum a todos os sebos estudados, a questão da familiaridade é algo facilmente cumprido.

A respeito das classificações, Campos (1978) e Lentino (1971) afirmam que devem servir como instrumento para distribuição útil dos livros nas estantes e servir como base para organização dos instrumentos de recuperação da informação, tais como catálogos e bibliografias. Barbosa (1969) especifica ainda:

A melhor maneira de arrumar livros para uso, deve permitir: a) localizá-los dentro da coleção; b) retirá-los para consulta, com rapidez; c) devolvê-los à coleção, sem dificuldade; d) inserir novos livros aos já existentes, na coleção, sem que percam suas ordens lógicas; e) inserir novos livros, de novos assuntos, sem quebrar a sequência do grupo.

Langridge (1977) reconhece a diversidade de classificações, afirmando que não existe arranjo certo ou errado. A classificação “[. . .] pode ser apenas mais ou menos adequada para o seu propósito, embora algumas classificações possam servir a mais propósitos do que outras.” (LANGRIDGE, 1977, p. 17).

Portanto, pode-se afirmar que a organização utilizada pelos sevistas é totalmente adequada, uma vez que distribui os livros conforme a demanda apresentada; ou seja, de forma útil e organizada, permitindo a recuperação dos itens através do catálogo *on-line*. Além disso, está totalmente de acordo com os itens elencados por Barbosa (1969).

8.6 Pontos positivos e pontos negativos

Quando perguntados a respeito dos pontos positivos e negativos da organização utilizada, as respostas são bem homogêneas também. Como a maior

parte das respostas obtidas é coincidente, optou-se por agrupá-las em grandes grupos:

Pontos positivos:

- Facilidade na localização de obras (Sebo 1; Sebo 2; Sebo 3, Sebo 4)
- Recebimento de elogios dos clientes pela organização (Sebo 4)
- Simplicidade (Sebo 6)
- Ordem alfabética dos autores (Sebo 5)

Pontos negativos

- Não identifica pontos negativos (Sebo 2, Sebo 3, Sebo 6)
- Clientes que retiram obras do lugar e não colocam de volta (Sebo 1)
- Clientes que repõem a obra em local incorreto, fora da ordem. (Sebo 4)
- Não tem lógica a ordem das áreas (por exemplo, nem todas as literaturas estão juntas) (Sebo 5).

Pode-se perceber pelas respostas dos sebistas que o ponto positivo é comum a todos, facilidade na localização dos materiais. Mesmo a resposta do Sebo 6 pode ser entendida nesse mesmo sentido, organização simples, logo, fácil de localizar-se, tanto para o vendedor quanto para o cliente. O ponto positivo citado pelo Sebo 5 parece um tanto vago, acredita-se que pode ser entendido como facilidade na localização de obras também.

Dois dos sebistas que citaram pontos negativos tocaram em um ponto externo à organização: a retirada de obras por parte dos clientes e não reposição a seu lugar de origem ou reposição incorreta. Comportamento totalmente natural do cliente, que ou tem a preocupação de não devolver o livro no lugar incorreto ou é indiferente a posição de determinado livro na estante.

O importante a ressaltar é que tais aspectos estão relacionados diretamente com o comportamento dos clientes e não com a forma de organização utilizada. Portanto, pode-se afirmar que a maioria dos sebistas não aponta pontos negativos na organização utilizada.

O sebista do Sebo 5 citou, como ponto negativo, a falta de lógica da ordem das áreas, utilizando como exemplo as literaturas que estão separadas. Essa afirmativa, porém, pode ser visualizada sob dois prismas.

O primeiro aspecto refere-se ao agrupamento de assuntos semelhantes ou correlatos, que facilita a venda dos produtos, uma vez que o cliente pode acabar adquirindo obras que não pretendia levar; neste caso, a organização estimula e atrai o público para áreas que possam vir a ser de seu interesse.

O segundo aspecto refere-se ao porquê do sebo ter optado pela separação de suas literaturas, possivelmente, foi realizada uma divisão condizente com a demanda por literatura de gêneros ou nacionalidades específicas.

E se, mesmo tendo consciência do primeiro aspecto citado, pois certamente o sebista, no seu cotidiano já observou tal tendência, optou por este tipo de separação é porque deve ser mais vantajoso em seu estabelecimento.

8.7 Catálogo

A questão a respeito do catálogo foi subdividida em diversos itens referentes à sua existência ou não, seu formato, como funciona sua atualização e que informações possui. Novamente, as respostas obtidas são muito semelhantes:

- **Catálogo com localização física?**

Sim (Todos os sebos)

- **Formato?**

On-line – Estante Virtual (Todos os sebos)

Excel (Sebo 2)

- **Atualização?**

Site da Estante Virtual (Todos os sebos)

- **Informações que possui?**

Título, autor, editora, ano, estante (assunto), preço, peso, data de cadastro, estado da obra e imagem da capa. (Com algumas variações)

Em relação à pergunta sobre a existência de catálogo com localização física para os itens do acervo, há dois pontos a serem destacados. A proprietária do Sebo 4 respondeu que não tinha catálogo, deixou em branco a questão sobre o formato e, no entanto, respondeu as duas últimas questões: a atualização é através da Estante Virtual e a descrição dos dados é completa de acordo com os campos da Estante. Logo, a pesquisadora deduziu (e posteriormente conferiu no site da Estante) a existência do catálogo *on-line* e, inseriu os dados corretos na tabela acima.

O proprietário do Sebo 2, apesar de ter falado que possui catálogo na Estante Virtual, afirmou que o formato de seu catálogo é em arquivo de Excel. Presume-se que ele possua ambos, no entanto, quando perguntado sobre a forma de atualização citou somente a através da Estante.

O sebista do Sebo 5 explicou sua resposta da seguinte maneira:

Bom, o que existe e que pode ser usado como um catálogo, de certa forma, é catálogo dos livros que estão na Estante Virtual (EV), de onde pode se dar baixa em caso de compra ou extravio, mas não a considero segura, pois se alguém esquecer de dar baixa, nunca se saberá qual o livro, nem mesmo com a leitura de estante. (Sebo 5).

É interessante esclarecer que a leitura de estante citada pelo sebista, não tem relação com o *site* Estante Virtual, mas sim com o procedimento de conferência entre os registros dos itens do acervo com sua presença física nas estantes.

O que se pode supor com a opinião deste sebista é que o catálogo da Estante Virtual depende da baixa manual quando as vendas são realizadas na loja física e logo necessita da interferência humana. Logo, é um sistema passível de erros, como qualquer outro. Mesmo assim, é o mais prático, mais eficiente e com maior publicidade que os sebos dispõem.

Outro aspecto que deve ser considerado é que a pergunta referia-se a localização física exata dos itens do acervo, como o número de chamada em uma biblioteca, que aponta a prateleira e a sequência do livro na ordem. No entanto, os sebistas adaptaram a questão a sua realidade, entendendo que a localização física é a indicação da estante (ou assunto) em que o livro é guardado, máxima indicação que eles fazem. Ou seja, no sebo não há localização exata dos livros, só a prateleira em que são armazenados.

Alguns sebistas, como os do Sebo 4 e do Sebo 6, deixaram claro que o catálogo da Estante Virtual ainda não está completo, logo, existem obras no acervo físico que não foram descritas lá. O sebista do Sebo 6 explicou que a inserção de materiais na Estante está sendo realizada mais lentamente, pois estão sem funcionários, somente os dois sócios. Cabe ressaltar que os sujeitos da amostra têm consciência de que livros aguardando para inserção são possibilidades de negócio estagnadas.

Já o Sebo 1 prefere atuar na Estante Virtual com o pseudônimo de Rino Livros, mas anteriormente utilizava o próprio nome. Não foi explicado o porquê de tal modificação, pode ser que se deseje manter as duas modalidades de vendas totalmente separadas. Como a Estante informa somente que o vendedor está localizado no Centro de Porto Alegre, talvez o sebo perca clientes que gostem de pesquisar o livro e solicitá-lo pessoalmente no local.

Até agora, muito já foi falado sobre a Estante Virtual, logo, é interessante explicar um aspecto básico de seu funcionamento: a atualização no caso de aquisição ou venda de livros. Uma vez que todos os sebos estudados utilizam-se desse portal.

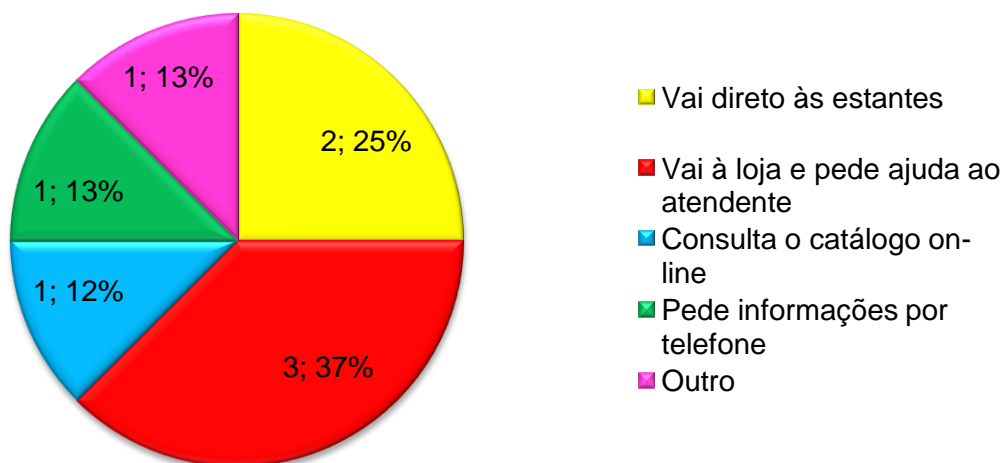
Quando os livros são adquiridos, deve-se inseri-los no catálogo da Estante, que gera uma etiqueta para as obras. Ao serem vendidos através do site, a baixa é realizada automaticamente pelo sistema; quando a venda ocorre no sebo, é só inserir o código manualmente na Estante e excluir o registro.

8.8 Atitude dos clientes

A questão sobre a atitude ou comportamento adotado pela maioria dos clientes do sebo foi proposta com o objetivo de relacionar essa postura com a organização utilizada. Por exemplo, se o cliente busca diretamente nas estantes, a organização e sua sinalização deve ser simples e evidente, por outro lado, se ele geralmente solicita ajuda ao atendente ou adquire através da *web*, a organização pode ser, em tese, mais descuidada, visto que basta o funcionário saber localizar a obra procurada. No entanto, possivelmente esse desleixo na organização poderia prejudicar a agilidade no trabalho do sebo.

As respostas obtidas dos livreiros foram esquematizadas no gráfico abaixo, que totalizou oito respostas, pois essa questão admitia mais de uma alternativa:

Gráfico 4 – Atitude dos clientes



Fonte: dados da pesquisa

Observa-se que o comportamento mais comum dos clientes ainda é o tradicional: ir direto às estantes ou ir à loja e pedir auxílio ao funcionário. As outras opções aparecem de forma menos destacada, mas mesmo assim é importante ressaltar seu aparecimento. Nesse sentido, elaborou-se uma sistematização simples para demonstrar de forma clara a resposta dada por cada seboista e comparar as diferenças nas abordagens dos clientes, de sebo a sebo:

- Vai à loja e pede ajuda ao atendente (Sebo 2, Sebo 3, Sebo 5)
- Vai direto às estantes (Sebo 3, Sebo 4)
- Consulta ao catálogo *on-line* (Sebo 1)
- Pede informações por telefone (Sebo 1)
- Outros (Sebo 6)

Pode-se observar que a presença do cliente no acervo físico da loja é o que mais ocorre em metade das livrarias. Possivelmente, tais clientes não fazem uma

consulta prévia sobre a existência ou não da obra procurada, se é que estão atrás de algo específico.

Note-se que as respostas dadas pelo Sebo 1 o distinguem dos outros sebos estudados, demonstrando uma atitude mais virtual de seus clientes, pois preferem utilizar-se do catálogo *on-line* ou de informações obtidas através de telefone. Ou seja, ao invés de comparecerem fisicamente de sebo em sebo atrás de algum material específico, preferem pesquisar e certificar-se da localização do item e talvez até pedi-lo pela Internet ou pelo telefone. O que talvez possa ser explicado pelo fato do Sebo 1 manter equipe específica para cuidar das vendas na Internet, contando com quatro pessoas para esse atendimento, uma para responder quase que em tempo real, uma para o despacho e duas para cadastro e busca dos pedidos no acervo.

Interessante para a presente pesquisa é que tal comportamento dos clientes pode ocasionar a um sebo uma organização um pouco mais descuidada ou menos sinalizada, pois o próprio livreiro pode separar o material solicitado ou despachá-lo. Ainda assim, a organização dos itens vai facilitar a localização mais rápida. Cabe lembrar o ponto do referencial teórico deste estudo que aborda as livrarias que decidiram fechar suas portas e comercializar seus livros somente de forma virtual, constituindo meros depósitos de livros e diminuindo o número de trabalhadores e espaço físico ocupado.

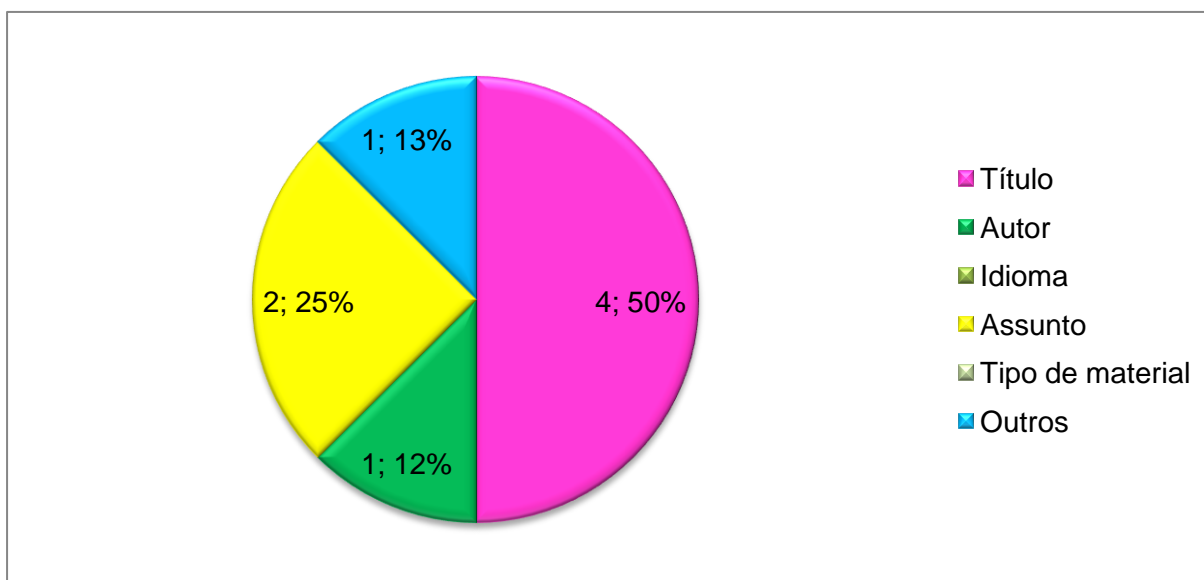
Quanto à opção “Outros” que aparece tanto no gráfico quanto na tabela exposta acima, refere-se à resposta do proprietário do Sebo 6, que acredita que o público frequentador de sebos difere do de livrarias e que não há um padrão da maioria dos clientes.

Apesar disso, provavelmente um ou mais comportamentos devem repetir-se com maior frequência no cotidiano do sebo, talvez não percebidos com clareza devido à falta de experiência do sebista no ramo. Pois, como já explicado na contextualização dos estabelecimentos, este proprietário possui somente dois anos de atuação na área, sendo o sujeito da amostra com menor experiência no ramo.

8.9 Identificação do material

Foram duas as questões a respeito de como os clientes identificam ou descrevem os materiais procurados para os funcionários dos sebos. Como se entendeu previamente que seriam maneiras diferentes de descrição, dividiu-se a questão em assuntos específicos e literatura. Os assuntos específicos são áreas do conhecimento que não são literatura, por exemplo, Sociologia, Filosofia, etc. O gráfico abaixo mostra as respostas obtidas em relação aos assuntos específicos:

Gráfico 5 – Busca por assuntos específicos



Fonte: dados da pesquisa

É importante destacar, até para a correta leitura do gráfico acima, que essa questão poderia admitir mais de uma resposta, os sebos estudados continuam sendo seis, no entanto, dois optaram por marcar duas formas mais comuns de busca. O Sebo 1 respondeu autor e título e o Sebo 2 respondeu assunto e título, logo, gerando o gráfico acima com oito respostas no total.

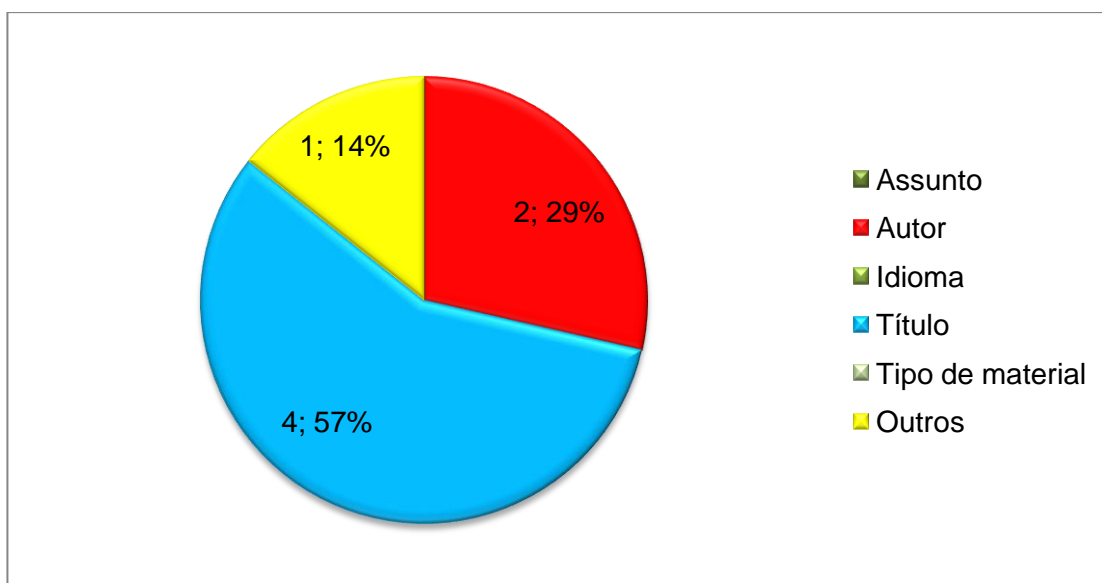
Em relação aos assuntos específicos, a resposta predominante foi a identificação através do título, seguida por assunto em menor número. Houve um sebo ainda que citou o campo autor.

Pode-se destacar nesse tipo de busca o surgimento da busca por assunto quando se trata de assuntos específicos. O que parece lógico, pois se a busca é por área específica o primeiro passo é saber se o sebo possui livros na área de interesse.

A porcentagem referente ao Outros no gráfico acima, refere-se a resposta fornecida pelo sebista do Sebo 6, que preferiu novamente não determinar um padrão de busca para seus clientes.

Como já foi dito, essa questão sobre como o cliente identifica o material foi proposta também para busca de literatura. Os resultados obtidos são apresentados no gráfico abaixo:

Gráfico 6 – Busca por literatura



Fonte: dados da pesquisa

Como nesta questão também poderiam ser marcadas mais de uma resposta, o Sebo 1 marcou as opções de autor e título, ocasionando o gráfico acima, com sete respostas no total.

Os clientes, predominantemente, identificam seus livros de literatura pelo título, como ocorrido nas áreas específicas. Em menor número também foi citado o

descriptor autor. Ou seja, pode-se inferir que os clientes já têm em mente o que querem comprar, pois buscam, em sua maioria, por título específico ou determinado autor.

Novamente nesta questão, o Sebo 6 optou por abster-se das alternativas fornecidas e respondeu que as buscas diferem conforme o cliente, não tendo como definir um comportamento predominante.

O principal aspecto que se pode perceber, tanto em assuntos específicos quanto na literatura, é que os clientes identificam seus materiais através de campos básicos, logo, todos estão cobertos pela descrição realizada no catálogo *on-line*. Ou seja, a recuperação da informação possibilitada pela descrição dos documentos no catálogo e facilitada pela organização das estantes e sinalização é totalmente adequada às demandas dos clientes.

8.10 Aparência de desorganização em sebos

Em relação à pergunta sobre o acervo do sebo ter a aparência de desorganização para o cliente ter a impressão de garimpar livros interessantes, os sevistas foram unânimes na respostas: não, explicando a seguir seu ponto de vista.

O primeiro ponto que deve ser esclarecido é que tal pergunta remete mais ao estereótipo que muitos têm de sebos, de lugar velho, sujo e bagunçado, o que atualmente é algo bem ultrapassado. Concordando com tal afirmativa, o proprietário do Sebo 3 diz:

“É um conceito antigo, que não se utiliza mais. O cliente geralmente está atrás de livro ou assunto específico e esta impressão de desorganização vai desestimular o retorno ao estabelecimento.” (Sebo 3).

De forma geral, o que se pode verificar nas respostas é como os sevistas estão sintonizados com o público atual, como não só atentam para a organização utilizada como para as condições e o aspecto do acervo. Alguns deles, como a

sebista do Sebo 4, deixaram bem claro que o cliente também pode garimpar em lugares limpos e organizados.

“Os clientes podem garimpar também na organização, na limpeza, no capricho. Sebo não tem que ser sinônimo de bagunça, de fedor, de coisa atirada.” (Sebo 4).

Já o proprietário do Sebo 2 enfatiza a agilidade que os próprios clientes exigem na busca por suas obras, afirmando que estes preferem que as obras sejam facilmente encontradas.

A resposta do dono do Sebo 1, toca em um ponto vital para o comércio de livros usados: a Internet. Como já foi dito, os portais de venda de livros usados, destacando-se a Estante Virtual, possibilitam aos clientes garimpar virtualmente em milhares de sebos de todo o país e ter a comodidade de receber a mercadoria em casa.

“A organização dos sebos hoje em dia, deixou de ser mais um atrativo e sim uma necessidade vital para o negócio. Ainda mais com as formas de busca oferecidas hoje em dia, o cliente não é mais seu e sim do mundo e sem sair de casa.” (Sebo 1).

Além disso, este é o sebista que tem equipe própria para vendas *on-line*, cuja maioria dos clientes pesquisa virtualmente também os materiais de seu interesse. Ou seja, é com bastante propriedade e experiência que emite sua opinião. Nesse meio de comércio, a agilidade nas negociações e entrega é um ponto importante a favor do sebista, na luta pela preferência de milhares de clientes virtuais. O que é facilitado sobremaneira por uma organização eficiente.

Já o proprietário do Sebo 6, ao relatar sua interessante experiência com livrarias, afirma:

O acervo deve ser bem organizado para facilitar a localização de materiais, é mais prático. Morei no exterior e trouxe um conceito diferente de livraria, a que vende livros novos e usados ao mesmo tempo. A maioria dos sebos trabalha com pontas de estoque, nós trabalhamos com

livros consignados. Temos dois acervos separados, no de livros novos o cliente sabe que pagará o preço de capa do livro e pode ainda encomendar livros que serão conseguidos junto ao nosso distribuidor. Em outros sebos, como os livros novos encontram-se misturados aos usados, o cliente sempre quer desconto, porque afinal a loja é um sebo. Acredito que a aparência do acervo muda toda a relação com o cliente e suas expectativas. (Sebo 6)

A última frase na resposta desse sebista é facilmente entendida quando se compara a distinção do acervo de livros novos do de livros usados e a resposta do cliente. Ou seja, visualiza-se claramente como a organização do acervo influencia a imagem do sebo e o preço que o cliente está disposto a pagar, além da agilidade de resposta a uma demanda específica.

Finalmente, o sebista do Sebo 5 afirma que a desorganização sempre existirá em seu acervo, não respondendo diretamente a pergunta realizada:

O Sebo 5 possui sim no acervo alguns livros desorganizados (se não me engano são cerca de 50.000 livros cadastrados e mais 20.000 para cadastrar, sem contar os que chegam todos os dias, pois além de comprar livros de usuários, também se adquire bibliotecas inteiras). Mas essa desorganização se deve à dificuldade de colocar todo o cadastro em dia, e acredito que sempre haverá livros desorganizados. (Sebo 5).

Essa resposta parece um tanto contraditória, visto o sebista já ter manifestado que utiliza a organização por assunto e alfabética do autor, sinaliza seu acervo com placas e criticou a falta de lógica na determinação dos grandes assuntos de acervo de seu sebo. Ou seja, o acervo encontra-se organizado, talvez o que o sebista queira dizer é que sempre terão livros para cadastrar. O que não quer dizer que tais livros ficarão expostos em pilhas totalmente desorganizadas no sebo, mas que talvez aguardem em um depósito sua inclusão no catálogo e inserção nas estantes. O que é bem diferente do que afirma Carvalho (2003, p. 18) na citação abaixo já apresentada no referencial teórico do presente estudo:

O sebo tem muito que mostrar, mas não é vitrina. O melhor está escondido, às vezes relegado a uma prateleira muito alta ou um caixote cheio de peças imprestáveis. Por isso mesmo, o comprador

deve proceder como um mergulhador ou, no mínimo, ter a perícia do melhor detetive que tenha conhecido.

Portanto, possivelmente, o sebista do Sebo 5 equivocou-se no entendimento da questão, confundindo a aparência de desorganização com a contínua necessidade de inserção de novos livros no catálogo e nas estantes do sebo.

8.11 Comércio através da *web*

Essa questão abordou os locais de venda na Internet utilizados pelo sebistas. Praticamente já foi respondida anteriormente, quando se perguntou ao sebista se possuíam e qual o formato de seu catálogo. O site que todos utilizam para comercializar seus acervos é a Estante Virtual, demonstrando assim o sucesso desse empreendimento e sua importância no ramo.

Somente o Sebo 1 e Sebo 5 utilizam outra plataforma de rede na *web*, respectivamente, Mundo Livros e Gojaba, conforme segue:

- Estante Virtual (Todos os sebos);
- Mundo Livros (Sebo 1);
- Gojaba (Sebo 5).

Os impactos advindos desse comércio eletrônico serão adequadamente visualizados na próxima questão, que demonstrará o grande espaço alcançado no cotidiano dos sebos por esses portais de venda na *web*.

8.12 Mudanças advindas do comércio eletrônico

O enfoque desta questão são as mudanças percebidas pelos sebistas em relação ao comércio virtual de livros, principalmente através da Estante Virtual.

De forma geral, todos os sebos perceberam duas consequências principais: o aumento de vendas a clientes de outras regiões do país e exterior e a diminuição da frequência física de clientes às lojas.

O sebista do Sebo 2, diferentemente dos outros, preferiu destacar como mudança a maior importância dada ao aspecto da organização do acervo, visando o atendimento de forma rápida essa nova demanda possibilitada pela *web*:

“Os sebos foram obrigados a ter uma organização maior para encontrar os livros.” (Sebo 2)

Os sebistas do Sebo 1 e Sebo 3 ressaltaram a queda das vendas de forma física na loja:

“Uma vazão de 60% de clientes habituais da loja, aparecendo somente se encontra algo que interesse e de preço atrativo.” (Sebo 1)

“A facilidade de venda de determinadas obras, pois a clientela diversificou para todas as regiões do país e até do mundo. Por outro lado, diminuiu o acesso físico do cliente na livraria.” (Sebo 3)

O sebista do Sebo 5 ressaltou um aspecto não citado por nenhum outro além dele: o maior contato com outros sebos. O que possivelmente deve ocorrer quando na busca por obras solicitadas por seus clientes, acabam adquirindo a obra de outro sebo no país.

“Contato com clientes de outras regiões do Brasil, inclusive de fora do país. Maior interação com outros sebos. Maior celeridade nas transações de compra e venda.” (Sebo 5)

É interessante perceber que a sebista do Sebo 4, bem como o do Sebo 5, só apontou benefícios advindos de sua entrada na *web*: maior quantidade de vendas, mais organização e mais publicidade de seu sebo.

“Tudo de bom! Conhecimento da livraria até fora do país. Aumento considerável das vendas, maior organização. Uma porta aberta para todos.” (Sebo 4).

Outro aspecto importante a ser destacado é que quatro sebistas da amostra citaram as vendas a clientes do exterior, ou seja, essa ampliação do mercado e consequente publicidade é algo que eles valorizam bastante. O sebista do Sebo 6, inclusive, citou países em que já comercializou seus livros, fato impensável antes do surgimento da Estante Virtual:

Diminuiu bastante a vinda de clientes fisicamente à loja. A Estante Virtual é responsável por 20%, 30% do total de vendas do sebo. Por ela vendemos para todo Brasil, já vendemos livros para Itália, EUA e Portugal, aliás, 70% dos clientes virtuais são de fora. E mesmo assim, têm caído bastante as vendas em loja. Acredito que hoje vendemos somente 40% da possibilidade que teríamos há 4, 5 anos atrás. Isso é uma tendência a que temos que nos adaptar. Ou se adapta ou sai do mercado. (Sebo 6).

Finalmente, o sebista do Sebo 6 lembra que esse aumento das vendas virtuais e diminuição das físicas é uma tendência natural no ramo, que todos devem adaptar-se a ela ou desistir do negócio de sebos.

De fato, o surgimento da Estante Virtual revolucionou a organização e recuperação dos livros, o aspecto do acervo, a forma de comercialização e a possibilidade de negociação com clientes de qualquer lugar do mundo.

Logo, o cenário anterior a esse portal é muito interessante de ser visualizado: a organização do acervo mais descuidada, a falta de catálogo e controle dos materiais, a falta de acesso *on-line* aos itens do acervo e localização física e finalmente, a falta de publicidade do comércio e restrição do mercado consumidor. Os clientes frequentadores de tais espaços até o ano 2005, 2006 devem lembrar-se como eram.

Conforme a Estante Virtual (2010) no ano de 2004 apenas seis sebos tinham catálogos *on-line*, 100 sebos possuíam sites rudimentares e menos de 5% tinha seu acervo informatizado. Em 2005, houve a programação, a concepção de serviço, as pesquisas informais de mercado e o mapeamento dos sebos brasileiros. Após a

adesão de livreiros e compradores e o aperfeiçoamento do sistema de busca, chegou-se ao ano de 2010 com os impressionantes números de 14 buscas por segundo em horário comercial e 25 mil novos livros cadastrados por dia. Ou seja, é uma rede de grande sucesso que não pára de crescer.

8.13 Atuação do bibliotecário em sebos

Essa questão foi proposta com o objetivo de verificar a opinião dos sebistas em relação à presença do bibliotecário em sebos. A pergunta de que forma esse profissional poderia atuar no sebo buscou verificar também o entendimento do sujeito estudado quanto às funções exercidas pelo bibliotecário.

O que se pode perceber é que alguns sebistas deixaram claro que não é necessário um bibliotecário atuando em sebos e outros, mesmo não afirmando de forma expressa, ficou subentendido seu ponto de vista. Por exemplo, o sebista do Sebo 1 afirmou que:

“Colaborando na organização e no cadastro do acervo.” (Sebo 1).

Para ele, o bibliotecário poderia auxiliar a inserir livros no catálogo e como esse serviço já é executado por pessoas sem essa formação, pode-se supor que não há necessidade de contratar o profissional somente para isso. Possivelmente, o entrevistado quis dizer que não acha um bibliotecário necessário, no entanto, por algum motivo, não emitiu tal opinião.

A proprietária do Sebo 4, afirmou que o mais importante não é a formação e sim o amor pelos livros:

“Não sei se por ser bibliotecário, mas qualquer pessoa que ame os livros, que tenha conhecimento, que tenha boa vontade, pode organizar o material.” (Sebo 4).

Os sebistas do Sebo 2, Sebo 3 e Sebo 6 foram enfáticos ao dizerem que o bibliotecário não é necessário. Os motivos apresentados foram que a organização

utilizada é eficiente e a organização de biblioteca não se aplica ao contexto de um sebo, pois é menos flexível e mais específica.

É interessante o exemplo dado pelo sebista do Sebo 3:

Respeito o trabalho do bibliotecário, inclusive sou casado com uma... Mas, são universos diferentes - biblioteca e sebos - apesar do objeto de trabalho ser o mesmo. Acredito que a biblioteca necessita ter maior rigor de organização, enquanto o sebo pode ser mais flexibilizado. Exemplo: ao organizar na estante física o autor Machado de Assis, o bibliotecário colocará na letra M (Machado de Assis, Joaquim Maria) . No sebo será mais importante colocar na letra A, pois ficará na parte superior da estante, mais visível ao cliente. Quebramos toda hora, regras de organização para efetuarmos nova organização... (Sebo 3).

Esse exemplo mostra, na verdade, uma semelhança na identificação do nome do autor entre sebistas e bibliotecários. Uma vez que o bibliotecário ao classificar um livro do Machado de Assis, também o colocaria na letra A. Pois, em uma biblioteca, como em um sebo, a entrada é pelo sobrenome e, além disso, privilegia-se o nome mais conhecido ou utilizado do autor.

O sebista do Sebo 6 enfatizou as ramificações das classificações utilizadas em bibliotecas, que obviamente não seriam aplicáveis aos sebos, pois em bibliotecas os livros são preparados e etiquetados para que sejam guardados em um mesmo lugar. Não seria cabível fazer etiquetas para livros que logo serão vendidos, só daria trabalho e atrapalharia a ordem das estantes.

Acredito que não, pois a organização está prática e o tipo de controle utilizado em biblioteca é totalmente diferente de um acervo que tem que ser vendido. A biblioteca possui várias setorizações que possibilitam um controle maior e melhor do acervo, no sebo não há essa necessidade. (Sebo 6).

A última resposta parece ser muito vaga, mesmo afirmando que o bibliotecário poderia atuar no sebo, não aponta nenhuma função específica. Vale ressaltar que este sebo contratou um bibliotecário, inclusive, mas não para trabalhar ou modificar a organização do acervo, e sim para realizar o processo de aquisição de livros.

“Sim. Mas no sentido de somar e não de diferença.” (Sebo 5).

Encontram-se na literatura da área de Biblioteconomia, inúmeros autores que reconhecem a formação e capacitação do bibliotecário para atuar em ambientes diferentes de bibliotecas, tais como empresas privadas, editoras, centros culturais, livrarias, bancos de dados, etc.

Há autores que sugerem a mudança na denominação da profissão para profissional da informação, buscando a ênfase no trabalho com a informação e não no suporte livro. Valentim (2000), em artigo que trata do Moderno Profissional da Informação, apresenta os segmentos de mercado que o bibliotecário pode atuar.

Como mercados informacionais existentes e não-ocupados, Valentim (2000, p. 143) cita entre outros, as livrarias. A autora aponta como áreas específicas de atuação do bibliotecário nesses locais o “[. . .] desenvolvimento de coleções para o público/clientela – aquisição e seleção -, bem como na organização e recuperação dessas coleções pelo público/clientela.” .

Uma vez que, pelo menos, no contexto dos sebos estudados, a organização e recuperação dos itens do acervo são satisfatórias para proprietários, funcionários e clientes desses estabelecimentos, o bibliotecário pode demonstrar seus serviços na área do desenvolvimento de coleções. Fato já ocorrido em um dos sebos citados.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, cabe ressaltar a satisfação da autora do trabalho ao redigir e conhecer um pouco da história de cada sujeito da amostra, pontos marcantes do sebo e opiniões pessoais de seus donos. O resultado dessa “imersão” no contexto de cada sebo foi descrito, de forma breve, na devida seção, onde se abordou os interessantes e curiosos inícios dos sebos e algo das experiências e motivações dos sebastas.

O objetivo do estudo foi analisar as formas de organização utilizadas, no entanto, acabou-se chegando também a uma espécie de perfil dos proprietários de sebos e alguns aspectos dos clientes frequentadores de tais estabelecimentos.

Em primeiro lugar, pode-se apontar que, geralmente, quem adquire sebos ou já trabalhou no ramo ou tem experiência próxima a pessoas que lidam com sebos ou livros. Caso esse da maioria dos sujeitos estudados, é interessante lembrar-se do sebastista que explicou que decidiu abrir o comércio para fugir do estresse de sua profissão de analista de sistemas. Possivelmente, ele percebe o trabalho com livros mais relaxante do que outros, pois, entre tantas opções de profissão, porque escolher justamente essa?

Em relação ao perfil dos proprietários de sebos, o primeiro aspecto que se pode destacar é o predomínio de homens no ramo, todos estudados com exceção do Sebo 4. E mesmo esse, que possui uma figura feminina em seu comando, tem “pelos bastidores” o marido, dono de um tradicional sebo do centro de Porto Alegre, que a auxiliou a adquirir e entrar nos negócios.

Em relação à quantidade de filiais, a maior parte dos sebos estudados, com exceção do Sebo 1, possui somente uma loja. Baseado nisso, pode-se supor que, com exceção de grandes redes, como o sebo Beco dos Livros, o negócio dos sebos restringe-se a um único estabelecimento.

Os anos de experiência dos sujeitos da amostra podem ser explicados pelo fato de já trabalharem com livros ou sebos antes da aquisição de seu próprio negócio. A maioria dos proprietários já possui larga experiência no ramo, superior a dez anos. Exceção a essa regra foi o sujeito que resolveu fugir do estresse de sua antiga profissão, mas, que decidiu associar-se com uma pessoa que já possuía bastante experiência em sebos.

Em relação à distribuição temática dos acervos, também foi unânime a ênfase nas Ciências Humanas, com destaque para a Literatura. Possivelmente, estes livros possuem mais público interessado em comprá-los, vendê-los ou trocá-los.

Quanto à forma de organização utilizada pelos sebos de Porto Alegre, verifica-se que a escolha é unânime por grandes áreas temáticas e dentro de cada uma, por ordem alfabética do sobrenome do autor.

Os sevistas, de forma geral, não identificam pontos negativos nessa organização e afirmam utilizá-la desde o início de seus estabelecimentos, principalmente, por ser a maneira mais comum, mais simples e fácil de localizar-se, tanto para os funcionários quanto para os clientes dos sebos.

O catálogo *on-line* apontado pelos sevistas, também é escolha unânime. A Estante Virtual, iniciada em 2005, é a forma encontrada pelos comerciantes para informatizar suas lojas, ter um controle maior dos itens do acervo e expandir suas possibilidades de vendas e clientela.

Através do relato dos sevistas, pode-se perceber como é importante a Estante Virtual em seu cotidiano. Logo, impõe-se a pergunta de como era a realidade dos sebos antes do surgimento desse portal de vendas na *web*, criado recentemente. Muitos afirmaram que os acervos tiveram que ser mais organizados para permitir agilidade no atendimento ao cliente.

Em relação ao comportamento dos clientes, no aspecto de como pesquisam os materiais do acervo do sebo, o que foi mais citado pelos sevistas foram as tradicionais opções de comparecer à loja e solicitar ajuda ao atendente ou comparecer à loja e consultar diretamente as estantes do acervo. Ou seja, nota-se uma frequência maior de pessoas que comparecem pessoalmente nos sebos.

Ainda em relação aos clientes, a maioria identifica os materiais buscados, tanto em relação a assuntos específicos quanto a literatura, por título. As outras formas menos citadas de os usuários identificarem o que procuram (autor e assunto), estão totalmente cobertas pelo catálogo. Basta fazer um rápido comparativo dos inúmeros campos descritos pelos sevistas no catálogo da Estante Virtual com os mais utilizados pelos clientes.

Os sevistas, discordando do velho estereótipo de sebo como um lugar sujo e desarrumado, acreditam que a organização é algo prioritário em um sebo. Essencial para que os clientes encontrem o que procuram de forma rápida, sintam-se a vontade e queiram retornar mais vezes. É importante também na agilidade das

respostas em compras *on-line*, pois quanto mais organizado o acervo, mais rápido localiza-se e remete-se o item comprado ao cliente.

O maior impacto percebido pelos sevistas com a entrada no comércio eletrônico de livros, ou no caso de todos os sujeitos da amostra, a venda através da Estante Virtual, como já foi dito, é a realização de vendas a cidades do Brasil inteiro e do Exterior e a diminuição na frequência de clientes fisicamente na loja.

Finalmente, em relação especificamente à organização, o bibliotecário não é considerado necessário pelos sevistas, pois se encontram muito satisfeitos com a organização de seu acervo e não pretendem modificá-lo de forma alguma.

Nesse momento, é interessante esclarecer que entre as primeiras inspirações para escolha do tema do presente trabalho, encontrava-se a vontade de demonstrar que o bibliotecário poderia trabalhar e melhorar a organização do acervo dos sebos. Obviamente, este não era o objetivo, mas era algo a que a autora queria chegar como uma conclusão secundária.

No entanto, imaginava-se que os sebos utilizassem diferentes formas de arranjo em seus acervos e que, tanto funcionários dos sebos quanto clientes, detectassem pontos negativos ou achassem difícil localizar-se na organização escolhida. No presente estudo, foi visto justamente o contrário dessa premissa inicial. Ou seja, os sevistas e clientes estão satisfeitos com a organização da informação utilizada nos itens dos acervos.

E mesmo assim, no aspecto da organização, se o sevista tivesse interesse, o bibliotecário seria completamente capacitado. Nesse sentido, o primeiro passo a ser dado seria uma análise mais profunda dos métodos de organização do que a realizada neste estudo.

Mas, é interessante destacar os méritos da forma de organização dos itens dos acervos utilizada pelos sebos e refletir sobre algumas possibilidades no contexto apresentado pelos sujeitos da amostra. O fato de essa organização ser utilizada por todos os sebos auxilia as pessoas a localizarem-se de forma rápida em qualquer um deles; além disso, uma reclassificação do acervo seria muito trabalhosa e não eficiente. É válido considerar que a determinação das grandes áreas vem de pessoas que lidam diariamente com as demandas da clientela e, logo, são capacitadas para definir os assuntos que organizarão o acervo.

Além disso, os campos de descrição de livros utilizados pelo catálogo da Estante Virtual são extremamente fáceis de preencher, não exigindo nenhuma

formação para executar tal atividade. Uma vez que tal descrição não está vinculada a nenhuma norma de catalogação ou algo do gênero.

Um bibliotecário poderia sugerir, por exemplo, um *software* simples e gratuito de controle do acervo, que contasse com catálogo *on-line*. Porém, dificilmente este teria a visibilidade, a publicidade e a facilidade nas vendas que a rede Estante Virtual possui. E, obviamente, não tem porque investir em outro tipo de catálogo se este supre de forma tão eficaz todas as necessidades dos sebos.

Contudo, é importante destacar também a atuação do bibliotecário em outros aspectos do sebo em que há demanda de profissional qualificado. Pode-se tomar como exemplo, o sebo que contratou um profissional deste tipo para executar as atividades de aquisição de livros, tais como negociação com os fornecedores. Ou seja, o desenvolvimento de coleções em um sebo é algo completamente passível de ser executado e aperfeiçoado por um bibliotecário.

Outro aspecto que deve ser enfatizado é como a Estante Virtual revolucionou em tão pouco tempo diferentes aspectos dos sebos, inclusive a forma de atendimento. Pois, hoje é um comportamento muito natural, quando o cliente entra em um sebo e pergunta sobre a existência de um livro específico, que o atendente consulte, em primeiro lugar, a página da Estante Virtual para verificar se possuem ou não tal livro.

Cabe destacar que a motivação inicial e principal da escrita do presente trabalho foram algumas experiências negativas da autora em sebos do Centro de Porto Alegre. Em um deles, ninguém sabia se o livro procurado existia no acervo, com exceção de um senhor idoso, que aparentemente guardava o catálogo na cabeça. Após um breve momento de reflexão, respondeu que não possuía o item buscado.

Como essa e as outras experiências ocorreram há alguns anos e, supõe-se, quando a Estante Virtual não existia ou não tinha o grande número de adeptos que possui hoje, visualiza-se como o atendimento e o procedimento de busca eram rudimentares e acabaram sendo forçados a tornarem-se muito mais precisos e eficazes.

Não se previu, inicialmente, essa escolha unânime pela Estante Virtual, do contrário teria sido elaborada uma questão sobre a forma de recuperação e consulta aos materiais do acervo em período anterior a criação deste *site*.

Possivelmente, a Estante Virtual permita a realização de *backups*, para que os dados fornecidos pelos sebistas não se percam. Pois, na hipótese de uma situação em que o *site* parasse de funcionar, seria o caos no mundo dos sebos.

Finalmente, pode-se afirmar que a Estante Virtual é um aspecto extremamente importante da forma de organização da informação utilizada pelos sebos, pois ela é a única forma de controle do acervo que mostra a localização do livro na estante correta. Devido ao seu papel de destaque no cotidiano dos sebos, é interessante que sejam feitos estudos específicos sobre como funciona esse portal, quem é o responsável por sua criação, como são as formas de recuperação utilizadas, entre outros.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. O Sebo. In: SILVEIRA, Julio; RIBAS, Martha (Org.). **A Paixão pelos Livros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004. P. 17-19.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos Teóricos da Classificação. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Ciência da Informação, Florianópolis, n. 22, p. 117-140, 2006. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/296/368> >. Acesso em: 27 maio 2010.

AZEVEDO, João Humberto de. Auto-serviço: o livro à mão do comprador. In: _____. (Coord.). **Como Abrir seu Próprio Negócio**: livraria. 2. ed. Brasília: SEBRAE, 2001. Cap. 5. (Como seu próprio negócio, 8)

BARBOSA, Alice Príncipe. Classificar. In: _____. **Teoria e Prática dos Sistemas de Classificação Bibliográfica**. Rio de Janeiro: IBBD, 1969.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Transferência de informação para o conhecimento. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). **O Campo da Ciência da Informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Ed. Universitária, 2002. P. 49-60.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Mitos e lendas da informação: o texto, o hipertexto e o conhecimento. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, v. 8, n.1, fev. 2007. Disponível em: < <http://aldoibct.bighost.com.br/MitosLendas.pdf> >. Acesso em: 16 maio 2010.

BASTOS, Flavia Maria. **Organização do Conhecimento em Bibliotecas Digitais de Teses e Dissertações**: análise da aplicabilidade das teorias macroestruturais para categorização de áreas de assunto. Marília, 2005. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005. Disponível em: < <http://www.cpap.embrapa.br/teses/online/DST16.pdf> >. Acesso em: 31 maio 2010.

BIZZOTTO, Ana. Os sebos chegam à versão *on-line*. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 out. 2009. Disponível em: < http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20091019/not_imp452675,0.php >. Acesso em: 05 nov. 2009.

BRAGANÇA, Aníbal. Livraria Ideal. In: _____. **Livraria Ideal: do cordel à bibliofilia.** São Paulo: EDUSP: Com-Arte, 2009. P. 101-151.

BRITO, Jorge. **Guia dos Sebos do Brasil.** 4. ed. Brasília: Armazém do Livro Usado, 2003.

BUFREM, Leilah Santiago. Levantando significações para significantes: da gestão do conhecimento a organização do saber. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. esp., 1. sem. 2004. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/286/5277> >. Acesso em: 31 maio 2010.

BURKE, Peter. A Classificação do Conhecimento: currículos, bibliotecas e enciclopédias. In: _____. **Uma História Social do Conhecimento: de Gutenberg a Diderot.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. P. 78-108.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 173-185, jan./abr. 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142002000100010&script=sci_arttext&tlng=en >. Acesso em: 09 maio 2010.

CAMPOS, Astério. O processo classificatório como fundamento das linguagens de indexação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 1, jan./jun. 1978. Disponível em: < <http://www.tempusactas.unb.br/index.php/RBB/article/viewFile/205/186> >. Acesso em: 02 nov. 2010.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. Linguagens Documentárias: núcleo básico de conhecimento para seu estudo. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 52-62, jan./jun. 1995. Disponível em: < <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/> >. Acesso em: 29 maio 2010.

CARVALHO, Cid Sabóia de. Prefácio das Edições Anteriores. In: BRITO, Jorge. **Guia dos Sebos do Brasil.** 4. ed. Brasília: Armazém do Livro Usado, 2003.

CAVALCANTI, Nireu Oliveira. A Livraria do Teixeira e a Circulação de Livros na Cidade do Rio de Janeiro, em 1794. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1-2, p. 183-194, jan./dez. 1995.

CAVEDON, Neusa Rolita; STEFANOWSKI, Fabiana de Lima. O Riso que Integra, o Riso que Separa: identidade organizacional em um sebo de Porto Alegre. **Organizações & Sociedades**, Bahia, v. 15, n. 46, p. 137-152, jul./set. 2008. Disponível em: < <http://www.revistaoes.ufba.br/viewarticle.php?id=483> >. Acesso em: 28 mar. 2010.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. O questionário na Pesquisa Científica. **Administração On-line**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_on-line/art11/anival.htm>. Acesso em: 24 abr. 2010.

CINTRA, Anna Maria Marques et al. **Conhecimento, informação e linguagem**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Pólis, 2002.

CUSTÓDIO, José. Rato de Sebo. In: NOGUEIRA JÚNIOR, Arnaldo. Rio de Janeiro, **Projeto Releituras**, c1996-2010. Disponível em: < <http://www.releituras.com/ratodesebo06.asp> >. Acesso em: 26 jun. 2010.

DAHLBERG, Ingetraut. *Knowledge Organization*. In: HJØRLAND, Birger. **Core Concepts in Library and Information Science (LIS)**. [S. l.], 2006. Disponível em: < http://www.db.dk/bh/lifeboat_ko/CONCEPTS/knowledge_organization_Dahlberg.htm >. Acesso em: 30 maio 2010.

DELGADO, Márcia Cristina. **Cartografia Sentimental de Sebos e Livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ESTANTE VIRTUAL. **O Portal**. [S. l.], 2010. Disponível em: < http://www.estantevirtual.com.br/mod_perl/apresentacao.cgi >. Acesso em: 28 mar. 2010.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. O Comércio do Livro. In: _____. **O Aparecimento do Livro**. São Paulo: Unesp, 1992. Cap. VII, p. 313-350.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO. Introdução. In: _____. **Classificação Decimal Universal**: edição média em língua portuguesa. 2. ed. Brasília: IBICT, 1987.

FEITOSA, Ailton. Elementos de Organização da Informação. In: _____. **Organização da Informação na Web**: das tags à web semântica. Brasília, DF: Thesaurus, 2006.

FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de. Metodologia: intepretando autores. In: _____. **Método e Metodologia na Pesquisa Científica**. São Caetano do Sul: Difusão, c2004.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Organização e Representação do Conhecimento no Brasil: análise de aspectos conceituais e da produção científica do ENANCIB no período de 2005 a 2007. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: < <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/4/13> >. Acesso em: 30 maio 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOJABA. **Sobre Gojaba.com**. Canadá: Abebooks, 2010. Disponível em: < <http://br.gojaba.com/pages/sd/br/about.jsf> >. Acesso em: 01 abr. 2010.

GOMES, Hagar Espanha. Tendências da Pesquisa em Organização da Informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 60-88, jan./dez. 2009. Disponível em: < <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/16/38> >. Acesso em: 28 maio 2010.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for *Knowledge Organization* (ISKO). **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, Brasília, v.1 n.1, p.77-99, jan./jun. 2008. Disponível em: < <http://164.41.105.3/portalnosp/ojs-2.1.1/index.php/rici/article/viewFile/515/533> >. Acesso em: 28 maio 2010.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil: sua história**. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1985.

HODGE, Gail. *Knowledge Organization Systems: an overview*. In: _____. **Systems of Knowledge Organization for Digital Libraries: beyond traditional**. Washigton, DC: Council on Library and Information Resources, 2000. Disponível em: < <http://www.clir.org/pubs/reports/pub91/1knowledge.html> >. Acesso em: 30 maio 2010.

HJØRLAND, Birger. What is *Knowledge Organization* (KO)? In: _____. **Core Concepts in Library and Information Science (LIS)**. [S. l.], c2005. Disponível em:

< http://www.db.dk/bh/lifeboat_ko/concepts/knowledge_organization.htm >. Acesso em: 30 maio 2010.

HJØRLAND, Birger. Functions of *Knowledge Organization* (KO). In: _____. **Core Concepts in Library and Information Science (LIS)**. [S. l.], 2008. Disponível em: < http://www.db.dk/bh/lifeboat_ko/CONCEPTS/knowledge_organizat_functions.htm >. Acesso em: 30 maio 2010.

INTERNATIONAL SOCIETY FOR *KNOWLEDGE ORGANIZATION*. ISKO's Mission. In: _____. **ISKO**. Bonn, c2004-2008. Disponível em: < <http://www.isko.org/about.html> >. Acesso em: 30 maio 2010.

LANGRIDGE, Derek. **Classificação**: abordagem para estudantes de Biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LE COADIC, Yves-François. O que é a informação? In: _____. **A Ciência da Informação**. 2. ed. rev. e atual. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LENTINO, Noêmia. Esboço das Classificações Bibliográficas mais Conhecidas: Antigas e Modernas, Expansivas e Decimais. In: _____. **Guia Teórico, Prático e Comparado dos Principais Sistemas de Classificação Bibliográfica**. São Paulo: Polígono, 1971. P. 20-56.

MACHADO, Ubiratan. Conversa Fiada sobre Sebos: os primeiros sebos do Brasil. In: BRITO, Jorge. **Guia dos Sebos do Brasil**. 4. ed. Brasília: Armazém do Livro Usado, 2003a.

MACHADO, Ubiratan. **A Etiqueta de Livros no Brasil**: subsídios para uma história das livrarias brasileiras. São Paulo: Edusp, Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003b.

MANGUEL, Alberto. Ordem. In: _____. **A Biblioteca à Noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. P. 39-62.

MANSUR, André Luis. Exaltação aos Sebos. 2007. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2007. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/blogs/paralelos/posts/2007/09/25/exaltacao-aos-sebos-74739.asp> >. Acesso em: 14 mar. 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007a.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007b.

MARTINS, Wilson. Os manuscritos medievais. In: _____. **A Palavra Escrita**. 3 ed. São Paulo, SP: Ática, 1998.

MCGARRY, Kevin. Armazenamento e Transmissão de Informações na Sociedade. In: _____. **O Contexto Dinâmico da Informação**: uma análise introdutória. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999.

MINDLIN, José. A Livraria. In: _____. **Uma Vida entre Livros**: reencontros com o tempo. São Paulo: Edusp: Cia das Letras, 1997.

MORAES, Rubens Borba de. Pechinchas. In: _____. **O Bibliófilo Aprendiz**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1965.

MORAES, Rubens Borba de. O comércio de livros. In: _____. **Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.

NAVES, Madalena Martins Lopes. A Importância de Ranganathan para a Organização do Conhecimento. In: NAVES, Madalena Martins Lopes; KURAMOTO, Hélio (Org.). **Organização da Informação**: princípios e tendências. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006. P. 36-45.

OLIVEIRA, José Teixeira. **A Fascinante História do Livro II**: Grécia e Roma. Rio de Janeiro, RJ: Kosmos, 1985.

OLIVEIRA, José Teixeira de. A livraria e o livreiro. In: _____. **A Fascinante História do Livro III**: Idade Média. Rio de Janeiro: Kosmos, 1987.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **A Fascinante História do Livro IV**: de Gutenberg aos Nossos Dias. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989.

PAIVA, Aparecida. Apresentação. In: DELGADO, Márcia Cristina. **Cartografia Sentimental de Sebos e Livros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P. 13-16

PANDO, Daniel Abraão; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. O Profissional da informação e as atividades de organização da informação /conhecimento.

Interatividade, Andradina (SP), v.1, n. 2, 2006. Disponível em: <

http://www.firb.br/interatividade/edicao2/_private2/pando.htm >. Acesso em: 28 maio 2010.

PAULI, Evaldo. Divisão e Classificação das Ciências. In: _____. **O Que Todos**

Devem Saber da Filosofia. Florianópolis: UFSC, c1997. Cap. 2. Disponível em: <

<http://www.simposio.ufsc.br/Port/1-enc/y-icro/SaberFil/PeqFilCiencia/2211y349.html> >. Acesso em: 26 maio 2010.

PIEIDADE, M. A. Requião. Sistemas de Classificação. In: _____. **Introdução à**

Teoria da Classificação. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Interciência, 1983. P. 60-77.

RABELLO, Rodrigo; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Relação Conceitual entre Conhecimento e Documento no Contexto da Organização do Conhecimento: elementos para uma reflexão. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, São Paulo. **Trabalhos Científicos**

Aprovados. São Paulo: ANCIB, 2006. Disponível em: <

<http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/viewpaper.php?id=208> >. Acesso em: 30 maio 2010.

RAMALHO, Rogério Aparecido Sá. **Representação do Conhecimento e**

Ontologias: reflexões interdisciplinares. Paraíba: UFPB, 2009. Disponível em; <

<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/494/1/GT%20%20Ttxt%2020-%20RAMALHO,%20Rog%C3%A9rio%20Aparecido%20S%C3%A1.pdf> >. Acesso em: 30 maio 2010.

SCLIAR, Moacyr. **Histórias de Sebos**. [S. l.]: Carta Maior, 2006. Disponível em: <

http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12713 >.

Acesso em: 03 nov. 2009.

SEBO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009. P. 1.816.

SECCHIN, Antonio Carlos. **Guia dos Sebos**: das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SETZER, Valdemar W. Dado, Informação, Conhecimento e Competência. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, n. zero, dez/99 Disponível em: < http://dgz.org.br/ago09/F_I_aut.htm >. Acesso em: 02 maio. 2010.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Organização do Conhecimento na Sociedade**. Florianópolis: UFSC, 1998.

TORRES, Carmen. Sebo, um bom incentivo para a leitura. **O Mundo da Usinagem**, São Paulo, v. 6, n. 60, p. 34-39, 2009. Disponível em: < <http://www.omundodausinagem.com.br/edicoesAnteriores/edicoes/2009/7/index.htm> >. Acesso em: 28 mar. 2010.

TRAÇA LIVRARIA E SEBO. Por que são “Sebos”? In: _____. [Homepage]. Porto Alegre, [2009?]. Disponível em: < <http://www.traca.com.br/> >. Acesso em: 02 nov. 2009.

TRISTÃO, Ana Maria Delazari; FACHIN, Gleisy Regina Bories; ALARCON, Orestes Estevam. Sistema de Classificação Facetada e Tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 161-171, maio/ago. 2004. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/88/82> >. Acesso em: 29 maio 2010.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Atuação e perspectivas profissionais do profissional da informação. In: _____. (Org.). **Profissionais da Informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. P. 135-152.

VERGER, Jacques. Os Livros na Idade Média. In: _____. **Homens e Saber na Idade Média**. Bauru, SP: Edusp, 1999. Disponível em: < <http://escritoriolivro.com.br/> >. Acesso em: 09 maio 2010.

VICTOR, Fabio. A Guerra das Traças. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 de fevereiro de 2010. Ilustrada, p. E1.

VICTORINO, Marcio; BRÄSCHER, Marisa. Organização da Informação e do Conhecimento, Engenharia de Software e Arquitetura Orientada a Serviços: uma Abordagem Holística para o Desenvolvimento de Sistemas de Informação Computadorizados. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.10, n.3, jun. 2009. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/jun09/Art_03.htm >. Acesso em: 02 nov. 2009.

VISCAYA ALONSO, Dolores. Organización de la información. In: _____.
Información: procesamiento de contenido. Rosario: Nuevo Parhadigma, 1997.

APÊNDICE A – Instrumento de Coleta de Dados

Senhor Livreiro,

Na condição de aluna do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), estou realizando como Trabalho de Conclusão de Curso um estudo cujo objetivo é analisar as formas de organização da informação nos sebos de Porto Alegre.

Este questionário é o método de coleta de dados que será utilizado em minha pesquisa científica. Saliento que todas as informações fornecidas serão consideradas confidenciais e somente utilizadas para elaboração deste trabalho, com fins estritamente acadêmicos. Se for de seu interesse, os resultados da pesquisa estarão à sua disposição após a conclusão do trabalho.

Certa de sua fundamental colaboração, lhe agradeço.

Atenciosamente,

Graciele Andrea da Silva Antunes

1 Nome do Sebo: _____

2 Ano de Abertura: _____

3 Endereço: _____

4 Horário de funcionamento: _____

5 Possui filiais do sebo?

() Sim. Quais?

Onde? _____

() Não

6 Conte como começou o sebo e alguns pontos marcantes de sua história:

7 Há quanto tempo comercializa livros em sebos?

() Menos de 5 anos () Entre 5 e 10 anos () Entre 10 e 15 anos

() Entre 15 e 20 anos () Entre 25 e 30 anos () Mais de 30 anos

8 Qual a especialidade do sebo? (Cite as principais áreas temáticas do acervo)

9 Além de livros, o sebo vende quais outros tipos de materiais?

10 Como o acervo está organizado atualmente? (Ex.: assunto e ordem alfabética de autor).

10.1 Por quê? Desde quando?

10.2 Essa forma de organização está evidente através de sinalização (placas e indicativos)? Como?

10.3 A organização utilizada permite que todos funcionários e clientes encontrem facilmente um item?

11 Cite ponto(s) positivo(s) e negativo (s) da organização utilizada.

12 Existe algum catálogo (listagem ou outros) com todos os itens constantes do acervo e sua localização física?

() Sim () Não

12.1 Em que formato (lista em papel, catálogo *on-line*, planilha de Excel, etc.)?

12.2 Como funciona sua atualização (no caso de venda e aquisição de itens)?

12.3 Que informações possui (título, autores, editoras, etc.)?

13 Qual a atitude da maioria dos clientes:

() Vai direto às estantes

() Vai à loja e pede ajuda ao atendente

() Consulta o catálogo *on-line*

() Pede informações por telefone

() Outro. _____

14 Como a maioria dos clientes identifica o material que busca:

Em relação a assuntos específicos:

() Por assunto () Por autor () Por idioma () Por título

() Por tipo de material (livro, revista, gibi, disco, etc.)

() Outro. _____

Em relação à literatura:

() Por assunto () Por autor () Por idioma () Por título ()

Pela nacionalidade (Ex. Literatura Russa) () Por gênero (poesia, romance,

etc.). () Outro. _____

15 Acredita que o acervo deve ter a aparência de desorganização para o cliente ter a impressão de “garimpar” livros interessantes?

() Sim () Não

Porquê?

16 O acervo está disponível para compra *on-line* através de que *site*?

() Estante Virtual () Gojaba () Sebos *On-line*

() Mundo Livros () *Site* Próprio () Não está disponível

() Outro. Qual? _____.

Se está disponível, que tipo de mudanças a entrada do sebo no comércio eletrônico gerou?

17 O bibliotecário é um profissional capacitado para realizar o tratamento de coleções bibliográficas, envolvendo tarefas como classificação, catalogação, organização e recuperação de materiais. Você acredita que o trabalho de um bibliotecário faria diferença na organização do acervo do sebo? Qual?

Espaço destinado a quaisquer outras informações que considerar relevante (seja na identificação do sebo, em sua organização ou outro tópico).

MUITO OBRIGADA!

APÊNDICE B – Listagem dos Sebos em Porto Alegre

| SEBOS EM PORTO ALEGRE | |
|------------------------------|---|
| 1. | Ábaco Livros Av. Osvaldo Aranha, 426 Bom Fim (51) 3226-3318 (51) 3212-2422 contato@abacolivros.com.br www.abacolivros.com.br |
| 2. | Balaio Digital Av. Cel. Massot, 1553 / 202 Cavahada (51) 3267-1920 http://www.balaiodigital.com/ |
| 3. | Beco dos Livros Rua Riachuelo, 1496 (51) 3018-1242 Rua Riachuelo, 1320 (51) 3018-1248 Rua Riachuelo, 1263 (51) 3018-1247 Rua dos Andradas, 697 (51) 3018-1250 Rua General Câmara, 409 (51) 3224-2977 contato@becodoslivros.com.br www.becodoslivros.com |
| 4. | Brik dos Livros Av. Júlio de Castilhos esquina com Chaves Barcellos Centro (51) 3224-5664 http://www.brikdoslivros.com.br/ |
| 5. | Caleidoscópio Rua Riachuelo, 1345 Centro (51) 3224-4108 |
| 6. | Confraria dos Livros Rua Riachuelo, 1440 Centro (51) 3023-5822 confrariadoslivrospoa@hotmail.com |

| | |
|-----|--|
| 7. | <p>Estação Cultura Rua General Câmara, 455 Centro (51) 3286-8265 estacao.cultura@hotmail.com</p> |
| 8. | <p>Ladeira Livros R. General Câmara, 385 Centro (51) 3286-3151 ladeiralivros@hotmail.com</p> |
| 9. | <p>Leandro Telles Rua Garibaldi, 859 Bom Fim (51) 3224-9035</p> |
| 10. | <p>Livraria Aurora R. Marechal Floriano, 505 Centro (51) 3221-9779 rosaluizelli@via-rs.net www.livrariaaurora.com.br/</p> |
| 11. | <p>Livraria Érico Veríssimo Rua Jerônimo Coelho, 377 Centro (51) 3019-4624 livrariaericoverissimo@hotmail.com</p> |
| 12. | <p>Livraria Khalil Adelino Jardim, 431 Rubem Berta (51) 3365-0430 / 8537-7489 livrariakhalil@hotmail.com</p> |
| 13. | <p>Livraria Mosaico Rua Riachuelo, 1264 Centro (51) 3221-5553 livrariamosaico@yahoo.com.br</p> |
| 14. | <p>Livraria Nova Roma Av. Independência, 56 (51) 3227-0797 Rua General Câmara, 394 (51) 3013-4535 Centro sebo@sebonovaroma.com.br</p> |

| | |
|-----|---|
| 15. | <p>Livraria Palmarinca Av. Jerônimo Coelho, 281 Centro (51) 3225-1893</p> |
| 16. | <p>Livraria Passos Av. Protásio Alves, 2866 Vila Jardim (51) 3397-1767 livrariapassos@gmail.com http://sites.google.com/site/livrariapassos/</p> |
| 17. | <p>Livraria Sapiens Coronel Vicente, 527 (51) 3225-9662 Av. Júlio de Castilhos, 325 (51) 3227-8777 Centro www.livrariasapiens.com.br</p> |
| 18. | <p>Livraria Solaris Rua Riachuelo, 1293 Centro (51) 3225-2442 livrariasolaris@gmail.com</p> |
| 19. | <p>Londres Av. Osvaldo Aranha, 1182 Bom Fim (51) 3311-4886 / 3312-4582 paulo.liccas@com.br</p> |
| 20. | <p>Magnólia Livros Rua Riachuelo, 927 Centro (51) 3395-3487 etclivros@gmail.com</p> |
| 21. | <p>Martins Livreiro Rua Riachuelo, 1291 (51) 32274613 / (51) 3226-7779 ialmansa@terra.com.br</p> |
| 22. | <p>Parque das Letras Av. Protásio Alves, 812 Vila Jardim (51) 3072-8937</p> |

| | |
|-----|---|
| 23. | <p>Phenix Comercial Rua Quintino Bocaiúva, 27 / 09 Floresta (51)3072-3413</p> |
| 24. | <p>Rino Livros Rua General Câmara, 394 - Loja dos Fundos Centro (51) 3225-9004</p> |
| 25. | <p>Sanskryttus Livros Raros Rua Uruguai, 107 Centro (51) 3022-8989 http://www.sanskryttus.com.br</p> |
| 26. | <p>Sapere Aude! Livros Rua Lopo Gonçalves, 33 Cidade Baixa (51) 3221-0203 info@sapereaudelivros.com.br http://www.sapereaudelivros.com.br</p> |
| 27. | <p>Sebo Londres Av. Osvaldo Aranha, 1182 Bom Fim (51) 3311-4886 paulos.liccas@terra.com.br</p> |
| 28. | <p>Só Ler Rua dos Andradas, 870 (51) 3084-6791 Praça Dom Feliciano, 116 (51) 3228-2205 Rua Senhor dos Passos, 266 (51) 32865275 Centro</p> |
| 29. | <p>Traça Livraria e Sebo Av. Osvaldo Aranha, 966 Bom Fim (51) 32328404 faleconosco@traca.com.br www.traca.com.br</p> |